Promontoria Monográfica História da Arte 31

Retábulos nas Dioceses de Portalegre-Castelo Branco e Santarém



Francisco Lameira
Martina del Rio João
António Marçal Grilo

2005

01 *O retábulo em Portugal. Das origens ao declínio* (impresso).
Francisco Lameira

2006

02 *O retábulo da Companhia de Jesus em Portugal: 1619 - 1759* (impresso).
Francisco Lameira

2007

03 *O retábulo no Algarve* (impresso).
Francisco Lameira

2009

04 *Retábulos nas Misericórdias Portuguesas* (impresso).
Francisco Lameira

2013

05 *Retábulos na Diocese de Beja* (impresso).
Francisco Lameira e José António Falcão

2014

06 *Retábulos nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa* (impresso).
Francisco Lameira e João Canha e Sá

07 *Retábulos na Diocese de Setúbal* (impresso).
Francisco Lameira e Hélder Rodrigues

08 *Retábulos na Diocese do Funchal* (impresso).
Francisco Lameira, Paulo Ladeira e Renato Freitas

2015

09 *Retábulos na Arquidiocese de Évora* (impresso).
Francisco Lameira e Artur Goulart

10 *Retábulos na Diocese de Viana do Castelo* (impresso).
Francisco Lameira e Paulo Ladeira

11 *Retábulos da Ordem dos Carmelitas Descalços* (impresso).
Francisco Lameira, José João Loureiro e frei José Carlos Vechina

2016

12 *Retábulos no Estado de Goa* (impresso).
Francisco Lameira e Mónica Esteves Reis

13 *Retábulos Relicários* (impresso).
Francisco Lameira, Carlos Evaristo e José João Loureiro

2017

14 *Retábulos na Diocese de Lamego* (impresso).
Francisco Lameira, Pedro Vasconcelos Cardoso e José João Loureiro

15 *Retábulos na Diocese de Leiria - Fátima* (impresso).
Francisco Lameira, José João Loureiro e Virgolino Ferreira Jorge

16 *Retábulos em Minas Gerais* (impresso).
Francisco Lameira, Aziz José de Oliveira Pedrosa, Alex Fernandes Bohrer e José João Loureiro

2018

17 *Retábulos no patriarcado de Lisboa* (impresso).
Francisco Lameira e José João Loureiro

2019

18 *Retábulos na Província do Norte. Baçaim, Damão e Diu* (impresso).
Francisco Lameira e Mónica Esteves Reis

2020

19 *Retábulos nos Açores* (impresso).
Francisco Lameira, José Meco, José João Loureiro e Marta Bretão

20 *Retábulos no Mundo Português* (impresso e em formato eletrónico).
Francisco Lameira

21 *Retábulos no Pará e no Maranhão* (em formato eletrónico).
Francisco Lameira, Isabel Mayer Godinho Mendonça e Renata Malcher de Araujo

22 *Retábulos no Brasil Colonial* (em formato eletrónico).
Francisco Lameira, Mozart Bonazzi da Costa e Martina del Rio João

23 *Retábulos na Arquidiocese de Braga* (em formato eletrónico).
Francisco Lameira, Raúl Sampaio Lopes e José João Loureiro

24 *Retábulos na Diocese de Vila Real* (impresso e em formato eletrónico).
Francisco Lameira, José Bernardo Carvalho e Martina del Rio João

2021

25 *Retábulos na Diocese do Porto* (impresso e em formato eletrónico).
Francisco Lameira e Martina del Rio João

26 *Retábulos das Almas no Purgatório* (em formato eletrónico).
Francisco Lameira, Inês Afonso Lopes e Martina del Rio João

27 *Retábulos na Diocese de Bragança -Miranda* (em formato eletrónico).
Francisco Lameira, D. José Cordeiro, Martina del Rio João e Padre Augusto A. Ferreira Pires

2022

28 *Os irmãos Martins: Manuel e Gaspar - os mais reputados entalhadores e escultores algarvios na primeira metade de Setecentos*
(em formato eletrónico).
Francisco Lameira e Martina del Rio João

29 *Quando a Fé Transborda - altares geminados e com arco*
(em formato eletrónico).
Francisco Lameira e Martina del Rio João

30 *Retábulos nas Dioceses de Coimbra e Aveiro*
(em formato eletrónico).
Francisco Lameira, Sandra Costa Saldanha e Martina del Rio João

31 *Retábulos nas Dioceses de Portalegre-Castelo Branco e Santarém*
(em formato eletrónico).
Francisco Lameira, Martina del Rio João e António Marçal Grilo



Promontoria Monográfica História da Arte 31

Retábulos nas Dioceses de Portalegre - Castelo Branco e Santarém

Francisco Lameira
Martina del Rio João
António Marçal Grilo

EDIÇÃO
Departamento de Artes e Humanidades da Universidade do Algarve

PARCERIA

DESIGN GRÁFICO
Martina del Rio João

FOTOGRAFIA
Abílio Dias, Alexandre Morgado Santos – Município do Crato, Ana Canha, Ana Cristina Esteves Pinto, Ana Cistina Paredes Cardoso, padre António dos Santos, António Simão, padre Arlindo Jorge, Aurélio Bentes Bravo, Beira-baixa-antigas-imagens.blogspot.com, creativecommons.org/licenses/by/3.0/deed.en, Dinah Raphael, Fábio Belo, Francisco Villa de Brito, Freguesia de São João Baptista e de Santa Maria dos Olivais de Tomar, Fundação Nossa Senhora da Esperança - Castelo de Vide, Hélio Ramos, Hernâni Sarnadas – Museu de Marvão, Ivo Gomes, Ivo Vladimiro, João Manuel Duarte, João Nunes da silva – Museu Diocesano de Santarém, Joaquim Inácio Caetano, padre Joaquim Valente, José Eduardo Cunha, José João Loureiro, José Jorge Lúcio, José Paulo Marques, padre José Ricardo, Laboratório de Fotografia do Instituto Politécnico de Tomar – Gonçalo de Figueiredo, Manuel Isaac Correia, Laura Portugal Romão, Luís Piorro, Lurdes Sequeira, Martina del Rio João, Miguel Cardoso – Município de Santarém, padre Miguel Coelho, Município de Mação, Município de Salvaterra de Magos, Paco Rocha, Paróquias de Torres Novas, Patrícia Monteiro, padre Paulo Jorge, padre Paulo Ribeiro, Pedro Melo Tavares, Raúl Ladeira, Ricardo Silva, Rita Marcelino, Ruy Ventura, Sailko, Sandra Belo Canhoto, Santa Casa da Misericórdia de Idanha-a-Nova, Santa Casa da Misericórdia do Marvão, Santa Casa da Misericórdia de Santarém, Vítor Mascarenhas, Vítor Oliveira.

EDIÇÃO DAS IMAGENS
Martina del Rio João

ISBN: 978-989-9127-06-7

DOI: https://doi.org/10.34623/bjd6-1k96

HANDLE: http://hdl.handle.net/10400.1/17952

LOCAL E ANO
Faro | 2022

CAPA: Pormenor do retábulo-sepulcro do bispo D. Jorge de Melo, em Portalegre. Foto Manuel Isaac Correia

CONTRACAPA: Pormenor do retábulo-mor da igreja do extinto colégio da Companhia de Jesus, em Santarém, atual sé. Foto Hélio Ramos

Índice:

Editorial..... 7
Introdução..... 9
Retábulos nas dioceses de Portalegre-Castelo Branco e Santarém
-Localização..... 19
-Usos e funções..... 28
-Iconografia..... 36
-Encomenda..... 42
-Tipologias e modelos compositivos..... 50
-Periodização..... 60
-Filiação..... 85
-Materiais e técnicas..... 92
-Produção artística..... 106
Catálogo de projetos de retábulos..... 153
Mapa de localização dos retábulos do catálogo..... 158
Catálogo dos retábulos selecionados..... 161
Bibliografia 242



Chamusca. Igreja da Misericórdia.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto Hélio Ramos.



Santarém. Museu Diocesano. Retábulo incompleto, proveniente da igreja paroquial de Santo Eustáquio, em Alpiarça. Foto João Nunes da Silva - Museu Diocesano de Santarém.

Editorial

Dando continuidade aos anteriores volumes da coleção Promontoria Monográfica História da Arte, que se dedica exclusivamente ao estudo dos retábulos no Mundo português, o Departamento de Artes e Humanidades da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve assume a publicação do trigésimo primeiro volume, com o título *Retábulos* nas *Dioceses de Portalegre – Castelo Branco e Santarém*.

O vasto e valioso património retabular ainda remanescente, onde se incluem muitos exemplares da maior proeminência a nível nacional, constitui um dos mais relevantes testemunhos da identidade destas regiões. De salientar que vários destes espécimes foram concebidos e executados pelos mais proeminentes artistas sediados na cidade de Lisboa, alguns de origem europeia. Interessantes retábulos foram igualmente executados por profissionais com oficinas abertas nas diversas localidades destes bispados.

Deste modo, damos o nosso contributo, promovendo a sua divulgação e esperamos que as diversas entidades locais, em estreita colaboração com as comunidades, se empenhem na sua salvaguarda e preservação.

Assim, felicitamos os três estudiosos que prepararam pacientemente a presente publicação: Francisco Lameira, docente na Universidade do Algarve; Martina del Rio João, investigadora e colaboradora desta coleção e António Marçal Grilo, mestrando de História e Patrimónios na Universidade do Algarve.

O Diretor da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Professor Doutor Luís Sérgio Gonçalves Vieira



Pontével (Cartaxo). Igreja paroquial de Nossa Senhora da Purificação. Retábulo-mor. Foto José Jorge Lúcio-Paróquia de Pontével.

Introdução

Atendendo a que os retábulos enquadravam a mesa do altar, eram entendidos como imprescindíveis pelos responsáveis religiosos. Durante séculos foram utilizados como transmissores de uma mensagem religiosa, que se expressava não só nas artes figurativas (pintura e escultura), mas que também recorria à arquitetura, às artes decorativas e, por vezes, à heráldica. Afirmavam-se ainda como um símbolo do poder da entidade ou do cliente responsável pela sua administração, justificando-se deste modo a sua substituição periódica, na fase de maior esplendor, isto é, nos finais do século XVII e no século XVIII, pretendendo-se um mais atualizado, *ao moderno*.

O património retabular remanescente nas *Dioceses de Portalegre – Castelo Branco e Santarém* é constituído por um significativo acervo, subsistindo ainda muitos espécimes de grande relevância artística, não só executados por profissionais sediados na região, mas também originários da cidade de Lisboa, alguns reputados artistas europeus.

Este estudo compõe-se fundamentalmente de duas partes. Na primeira, apresenta-se uma abordagem específica aos retábulos subsistentes nos bispados acima referidos. Os pressupostos desta análise correspondem aos que utilizámos nos volumes anteriores da coleção. Consequentemente, são abordados os seguintes itens: localização, usos e funções, iconografia, encomenda, tipologias e modelos compositivos, periodização, filiação artística, materiais e técnicas e produção. Na segunda parte surgem dois catálogos ilustrados, um com projetos ou estudos de retábulos, outro com fotografias a cores de oitenta exemplares, cuja seleção teve em conta diversos critérios. Em termos geográficos abrangem-se todas as vigararias ou arciprestados, privilegiando-se os principais centros urbanos sem, contudo, descurar os locais mais longínquos, aos quais foi possível aceder. Em relação à cronologia houve a pre-

ocupação de testemunhar as diversas conjunturas artísticas, dando maior relevo aos séculos XVII e XVIII, época da qual sobrevive maior número de retábulos. No respeitante à sua qualidade, foi dada preferência à diversidade funcional e morfológica, bem como a certas especificidades. Finalmente, atendeu-se ao estado de conservação, preferindo-se, sempre que possível, os retábulos íntegros, isto é, os que não foram remodelados em intervenções posteriores ou adulterados por restauros recentes.

Resta, por fim, agradecer o empenhamento e a colaboração dos responsáveis dos diversos templos, públicos ou privados, que nos facultaram o acesso e o levantamento fotográfico dos retábulos recenseados. Registamos ainda o importante contributo de algumas instituições e de todos aqueles que gentilmente nos ajudaram, a seguir referenciados por ordem alfabética: Abílio Dias, Alexandre Morgado Santos – Município do Crato, Ana Canha, Ana Cristina Esteves Pinto, Ana Cistina Paredes Cardoso, padre António dos Santos, António Simão, padre Arlindo Jorge, Aurélio Bentes Bravo, Beira-baixa-antigas-imagens.blogspot.com, Dinah Raphael, Eva Raquel Neves, Fábio Belo, Francisco Villa de Brito, Freguesia de São João Baptista e de Santa Maria dos Olivais de Tomar, Fundação Nossa Senhora da Esperança - Castelo de Vide, Hélio Ramos, Hernâni Sarnadas – Museu de Marvão, Hugo Santos, Isabel Mendonça, Ivo Gomes, Ivo Vladimiro, João Manuel Duarte, João Nunes da Silva – Museu Diocesano de Santarém, Joaquim Inácio Caetano, padre Joaquim Valente, Jorge Custódio, José Eduardo Cunha, José João Loureiro, José Jorge Lúcio, José Paulo Marques, padre José Ricardo, Laboratório de Fotografia do Instituto Politécnico de Tomar – Gonçalo de Figueiredo, Luís Mata, Manuel Isaac Correia, Laura Portugal Romão, Luís Piorro, Lurdes Sequeira, Maria João Pereira Coutinho, Maria João del Rio, padre Miguel Ângelo Ferreira, Miguel Cardoso – Município de Santarém, padre Miguel Coelho, Miguel Portela, Miguel Soromenho, Município de Castelo Branco, Município de

Mação, Município de Salvaterra de Magos, Paco Rocha, Paróquia de Pontével, Paróquias de Torres Novas, Patrícia Monteiro, padre Paulo Jorge, padre Paulo Ribeiro, Pedro Melo Tavares, Raúl Ladeira, Ricardo Silva, Rita Marcelino, Rui Mesquita Mendes, Ruy Ventura, Sailko, Sandra Belo Canhoto, Sandra Saldanha, Santa Casa da Misericórdia do Marvão, Santa Casa da Misericórdia de Santarém, Silvia Ferreira, padre Tiago Moita, Virgolino Jorge, Vítor Mascarenhas, Vítor Oliveira e Vítor Serrão.



Santarém. Igreja do extinto colégio da Companhia de Jesus, atual sé.
Pormenor do retábulo de Nossa Senhora do Socorro.
De salientar a existência, raríssima, de uma lebre (símbolo da renovação e da ressurreição) entre as flores e os ornatos vegetalistas que revestem as colunas.
Foto Hélio Ramos.

E era então que sucedia
Que em Portalegre, cidade
Do Alto Alentejo, cercada
De serras, ventos, penhascos, oliveiras e sobreiros
Aos pés lá da casa velha
Cheia dos maus e bons cheiros
Das casas que têm história,
Cheia da ténue, mas viva, obsidiante memória
De antigas gentes e traças,
Cheia de sol nas vidraças
E de escuro nos recantos,
Cheia de medo e sossego,
De silêncios e de espantos,
- A minha acácia crescia.

(José Régio, *Toada de Portalegre*)



Portuguese_eyes | Victor Oliveira



Onde as searas cruzam o granito
e a voz do longe é feita de suor.
A sua beleza solitária
das oliveiras raras numa enconsta.
A estranha consolação das giestas
tão floridas em campos desolados.
E o verde esperança filho da sem esperança.

(António Salvado, *A Poesia das Beiras*)



Foto Dinah Raphael - Own work, CC BY-SA 3.0, https://commons.wikimedia.org/w/index.p



Castelo Branco - Jardim do Paço Episcopal.

hp?curid=16722666



Rio Tejo - Santarém. Foto Ivo Gomes.



A mirar-se no Tejo, que murmura,
Como outrora da fábula Narciso,
Tendo na face linda um bom sorriso
- O mais lindo sorriso de frescura.

Na ditosa região da Estremadura
(...)

Eis Santarém, a bela e donairosa,
A princesa do Tejo, a mais mimosa
Das cidades do nosso Portugal.
(José Ozorio, *Santarém a bela e donairosa*)



Portalegre. Museu Municipal. Retábulo incompleto de Nossa Senhora da Piedade, proveniente do extinto mosteiro de religiosas de São Bernardo, em Portalegre.
Foto Luís Piorro e Paco Rocha.

Retábulos nas dioceses de Portalegre – Castelo e Santarém

O presente estudo utiliza uma linguagem simples e acessível de modo que os principais destinatários consigam facilmente entender esta interessante modalidade artística.

Apresentamos de seguida cada um dos itens atrás mencionados.

1. Localização

A localização dos retábulos estava diretamente relacionada com a realização dos eventos litúrgicos promovidos pela entidade responsável pela sua administração, como veremos adiante. Se, por vezes, havia alguma liberdade de escolha do local para se construir o retábulo, noutros casos era obrigatória a sua colocação em determinados espaços. Por exemplo, as comunidades monástico--conventuais, as paróquias e as irmandades ou confrarias que administravam templos autónomos necessitavam de construir obrigatoriamente o retábulo principal na capela-mor do templo em questão. Já os instituidores particulares e as irmandades ou confrarias, sediadas em igrejas que não eram da sua responsabilidade, tinham a possibilidade de escolher a capela onde desejavam implantar-se. Caso não houvesse capelas por ocupar, mandavam executar uma nova, como ocorreu na sé, em Castelo Branco, atual concatedral, em que o bispo D. Vicente Ferrer da Rocha (1783 - 1814) manda edificar uma capela destinada ao Santíssimo Sacramento, adossada ao cruzeiro, no lado do Evangelho.



Santarém. Igreja paroquial de Santa Iria.
Retábulo-mor.
Foto SIPA 531634.

Vejamos os diversos locais disponíveis para a colocação dos retábulos, de acordo com os exemplos encontrados.

- Capela-mor:

Era o lugar obrigatório onde se situava o retábulo principal, geralmente com o pé-direito mais alto e mais largo de todo o edifício, sendo a sua encomenda e posterior gestão da responsabilidade da entidade que administrava o templo.

Na Idade Média, era frequente os altares localizarem-se *no*

meio da capela (…) *conforme ao uso das igrejas antigas de Roma*[1]. Um exemplo foi o altar-mor mandado construir, em 1499, pelo rei D. Manuel no interior da charola do convento de Cristo, em Tomar[2].

A partir do século XVI, quando se generaliza o uso de retábulos monumentais, passam a ser encostados à parede testeira, *à moda e estilo das igrejas de Portugal e Espanha*[3], como ocorre na capela-mor da sé, em Portalegre (ver p. 169).

Uma outra inovação, ocorrida nos meados do século XVII, está relacionada com a realização dos jubileus ou *lausperene*, passando os retábulos principais a incorporar no centro da sua composição o camarim ou a tribuna, preenchida por um trono escalonado destinado à exposição solene do Santíssimo Sacramento. Entre os exemplares pioneiros apontamos o da igreja conventual de Santo António, na Chamusca, atualmente na igreja paroquial do Santíssimo Salvador, em Monsanto – Idanha-a-Nova, eventualmente remodelado nos meados de Seiscentos e o de São Bernardo, em Portalegre, que já não subsiste, ajustado em 1677[4].

Restritos são os casos em que a parede fundeira da ousia era ocupada por três retábulos diferenciados. Encontramos um testemunho na igreja da Santa Casa da Misericórdia, em Proença-a-Nova.

Em certos templos medievais, que apresentam deambulatórios, é possível encontrar retábulos nas paredes frontais das capelas radiantes, como se constata na charola do extinto convento de Cristo, em Tomar (ver p. 164).

- Arco triunfal:

Em muitas igrejas com nave única, a parede do frontispício, junto ao arco triunfal, era preenchida por dois retábulos colaterais,

1 FONSECA, 1728, pp. 215 e 302.
2 ROSA, 1972, 7, p. 102.
3 FONSECA, 1728, pp. 216 e 302.
4 SERRÃO, 2003, p. 99.

normalmente gémeos. Estes resultaram quase sempre da intervenção direta da entidade responsável pela administração do templo, pretendendo-se assim dignificar esse espaço. Quando a nave era demasiado estreita, os ditos retábulos ficavam de forma enviesada, conforme se verifica na ermida de Nossa Senhora da Piedade, em Tomar.



Tomar. Ermida de Nossa Senhora da Piedade. Foto SIPA 716718.

Em certos casos, os dois retábulos colaterais ao arco triunfal encontram-se interligados entre si, na maioria das situações por talha dourada, preenchendo muitas vezes a totalidade do frontispício da nave através de uma aparatosa cenografia, solução exclusivamente portuguesa. Como exemplos referimos o arco triunfal retabular da igreja paroquial de Nossa Senhora da Graça, nas Lapas – Torres Novas (ver p. 192) e o da igreja paroquial de São Miguel, em Castelo Branco, atual concatedral, apesar de este último ser em pedraria e de ter sido concebido para incorporar telas pintadas com representações figurativas, não só nos dois retábulos colaterais, mas também nas cinco edículas do frontispício.

Apontamos ainda uma solução ímpar, utilizada na igreja paroquial do Salvador, em Monsanto, em que os dois retábulos colaterais são antecedidos por dosséis retangulares de granito, suportados por duas colunas.

- **Transepto**:

Nos templos com transepto, as paredes do topo dispunham de grandes dimensões, as maiores logo a seguir à capela-mor. Consequentemente, eram locais de grande prestígio, sendo preferidos por entidades ou clientes mais proeminentes para aí construir os seus retábulos. Como exemplos apontamos o de São Nicolau Tolentino, na igreja monástica de Nossa Senhora da Graça, em Santarém, mandado executar pelo poderoso presidente do Desembargo do Paço e da Câmara de Lisboa, com assento no Conselho de Estado de Filipe II de Portugal e um dos governadores



Castelo de Vide.
Igreja conventual de Nossa Senhora da Conceição.
Retábulo colateral.
Foto SIPA 853793.

do Reino[5], atualmente colocado na capela-mor da igreja do Hospital de Jesus Cristo, desta mesma localidade (ver p. 175).

- Outras capelas da cabeceira:

Nos templos com capelas na cabeceira, independentemente de serem mais ou menos profundas, encontramos também retábulos nas paredes fundeiras, conforme verificamos na igreja da sé, em Portalegre (ver p. 179) e na igreja conventual de Nossa Senhora da Conceição, em Castelo de Vide.

- Nave(s):

A partir do Antigo Regime, os diversos retábulos secundários passaram a localizar-se preferencialmente nas paredes da(s) nave(s) ou então nas capelas situadas no corpo da igreja. Os retábulos situavam-se maioritariamente nas paredes do topo, ficando numa posição fronteira ao olhar dos fiéis. Encontramos exemplos na igreja do extinto colégio da Companhia de Jesus, em Santarém, atual sé (ver pp. 194, 195, 196, 216, 218 e 219) e na igreja paroquial do Santíssimo Salvador, em Monsanto – Idanha-a-Nova (ver pp. 200 e 227). Nalguns casos podiam alocar-se numa parede lateral de uma capela, conforme se verifica na igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção, em Arronches (ver p. 28).

Pontual foi a colocação de retábulos encostados às colunas ou às pilastras que dividem as naves, apesar de esta solução ter sido frequente na Idade Média. Como testemunhos indicamos os que ainda existiam, na década de 1940, na *igreja de dentro* do extinto mosteiro de Santa Maria, em Almoster (ver pp. 51 e 58) e que foram retirados algum tempo depois, durante a intervenção da DGEMN.

- Sacristia:

Para além do oratório, frequentemente existente sobre o arcaz,

5 SERRÃO, 1990, p. 69.

local onde os sacerdotes se paramentam, nas sacristias das colegiadas e das catedrais era costume haver um retábulo. De entre diversos exemplos, apontamos o da sé, em Portalegre e o da igreja da Misericórdia, em Santarém (ver p. 240).

- Consistórios ou Casas do Despacho:

Determinadas igrejas, designadamente as que eram administradas por ordens terceiras e irmandades de maior relevância, dispunham de uma sala para as reuniões periódicas dos irmãos da mesa. Nesta sala havia normalmente um retábulo, como acontece com a grandiosa *sacristia* da irmandade do Santíssimo Sacramento, na igreja paroquial de Santa Cruz, em Santarém.



Santarém. Igreja paroquial de Santa Cruz.
Casa do Despacho da irmandade do Santíssimo.
Retábulo.
Foto SIPA 525786.

- Coros:

Nos edifícios monástico-conventuais havia um ou mais retábulos, quer no coro baixo, quer no alto, de modo que os membros dessa comunidade religiosa pudessem aí assistir à celebração de alguns ofícios. Exemplificamos com os que ainda subsistem no coro ou *igreja de dentro* do extinto mosteiro de Santa Maria, em Almoster – Santarém (ver pp. 214 e 220).



Almoster (Santarém).
Igreja monástica de Santa Maria.
Retábulo do coro.

- Claustro:

Era muito frequente a presença de retábulos no claustro, nomeadamente na sala do capítulo e em pequenas capelas, quer para uso comunitário, quer para servir de local de enterramento de clientes de largos rendimentos. Mencionamos a título de exemplo os que existiram no *claustro do cemitério* do extinto convento de Cristo, em Tomar, descritos nos finais do século XVI por frei Roman: *tiene esta claustra ocho retablos al olio pintados de singular mano, los quoales abren por las fiestas solenes, com que el claustro queda hermosicimo porque cada canto de un ângulo que se pone huna persona vee quatro retablos*[6] e no já inexistente

6 BENTO, 2014, p. 234.

convento de Santa Teresa, de religiosas carmelitas descalças, em Santarém.

- Capela do Noviciado:

A capela do noviciado destinava-se aos ofícios religiosos e demais celebrações dos noviços que, durante um ano, se preparavam para a profissão religiosa que os habilitava ao ingresso numa instituição religiosa. É pena já não subsistir o retábulo e o cadeiral do noviciado do convento de Cristo, em Tomar, onde colaborou no final da década de 1540 o mestre marceneiro Pedro de Loreto [7].

- Pequenas capelas ou ermidas em cercas conventuais:

As pequenas ermidas ou capelas existentes nas cercas conventuais, muitas vezes, eram dotadas de retábulos, normalmente de modestas dimensões, como o que existiu num oratório localizado junto ao mosteiro das religiosas bernardas, em Portalegre.

- Oratórios dos presos:

Nas sedes dos concelhos, algumas Casas da Câmara e Cadeia eram dotadas de uma pequena capela destinada aos presos, onde era frequente haver um retábulo. Na vila do Crato, a capela de Nossa Senhora do Bom Sucesso foi mandada construir a expensas da proprietária do edifício, D. Rosa Maria de Andrade Monteiro, propositadamente para que os presos da cadeia, que se situava defronte, pudessem assistir às celebrações litúrgicas que nela se realizassem[8].

- Enfermarias:

Do mesmo modo, as enfermarias, quer as dos hospitais, quer as de instituições monástico-conventuais, dispunham de altares destinados à celebração de ofícios religiosos para os enfermos, como o que é referenciado, em 1740, no mosteiro de Santa Maria,



Crato.
Ermida de Nossa Senhora do Bom Sucesso.
Retábulo.
Foto SIPA 34238.

7 FLOR, 2008, p. 139.
8 BUCHO, 1998.

em Almoster: *uma grande enfermaria com uma formosa capela* (...) *uma devotíssima religiosa a reedificou, mandando-lhe fazer uma perfeita tribuna*[9].

- Em alpendres e galilés:

Apesar de ser muito pouco frequente, é possível colocar retábulos, normalmente em materiais resistentes à humidade (pedraria, azulejo, barro, etc.) em alpendres e galilés. Assim acontece numa capela anexa ao nártex da igreja conventual de Santo António, dos religiosos capuchos da Piedade, em Portalegre[10]. Também em Tomar, na igreja de Nossa Senhora do Monte ou da Piedade, foi colocado um painel em relevo escultórico, de pedraria, *fora no alpendre em um altar que está da banda do Sul na parede do levante, em que se diz missa quando em algumas procissões o povo vai à dita igreja*[11].



Porrtalegre. Passo processional.
Terceiro quartel do século XVIII.
Foto SIPA 153605.

- Passos processionais:

Alguns passos processionais podiam albergar retábulos no seu interior, que eram expostos ao culto no dia da procissão do Senhor dos Passos, conforme se constata no que subsiste anexo à igreja da Misericórdia, em Portalegre.

- Capelas privativas de habitações senhoriais ou de quintas de recreio:

Alguns setores da população, de elevado estatuto social (nobres, mercadores ou clérigos), possuíam capelas privativas incorporadas nas suas habitações ou nas suas quintas. Nessa capela havia obrigatoriamente um retábulo na parede testeira do presbitério, apontando-se como testemunho o que existe na capela do paço episcopal de Castelo Branco e o da capela privativa de São José, localizada em frente do solar dos Serrões Faria, na Golegã.

- Edificações militares:

A maioria das edificações militares detinha uma capela privativa



Azinhaga (Golegã).
Capela de São José. Retábulo.
Foto SIPA 901439.

9 VASCONCELOS, 1740, 2, p. 264.
10 VENTURA, 2013, pp. 39 a 41.
11 ROSA, 1972, 7, p. 379.

no interior do recinto fortificado, na qual havia um retábulo onde se celebravam missas para os que aí prestavam serviço. Serve de exemplo o que existiu até há poucos anos na capela de Nossa Senhora do Castelo, em Vila Velha de Ródão.

- Cemitérios:

Apesar da larga maioria da população ser enterrada no interior dos templos, quer em capelas privativas (membros da nobreza, clero e burguesia endinheirada), quer no solo da nave (restante população) e à porta da igreja quando já não havia mais lugares disponíveis, houve alguns cemitérios mais afastados no exterior, destinados aos mais desfavorecidos.

A partir do século XIX, na sequência do aumento exponencial da população e da consequente proibição de se enterrarem os defuntos nos templos, surgem os cemitérios públicos, administrados pelos municípios, passando estes a ter uma capela, dotada de um retábulo, normalmente de modestas dimensões. Exemplificamos com o altar do cemitério velho, em Tomar.

- Retábulos portáteis ou amovíveis:

Resta-nos, por fim, referir alguns exemplares de pequenas ou médias dimensões, frequentes na Idade Média e no século XVI, que podiam ser guardados nas sacristias, sendo nestes casos expostos sobre a mesa do altar quando se celebravam os ofícios religiosos. Como exemplo salienta-se o tríptico do Batismo de Cristo, atualmente na sacristia da igreja paroquial homónima, em Tomar (ver p. 163), proveniente da capela-mor deste mesmo templo.

Referimos ainda alguns retábulos de pequenas dimensões *utilizados em deslocações por terra ou por mar, em expedições militares, nas visitações regularmente realizados por prelados nas suas circunscrições territoriais e ainda em situações especiais, como a assistência aos enfermos*



Tomar. Igreja paroquial de São João Baptista. Painel do tríptico do Baptismo de Cristo. Foto Laboratório de Fotografia do Instituto Politécnico de Tomar - Gonçalo Figueiredo.

e aos presos[12]. Dos escassos exemplares subsistente mencionamos o altar portátil de Alcaravela – Sardoal[13].

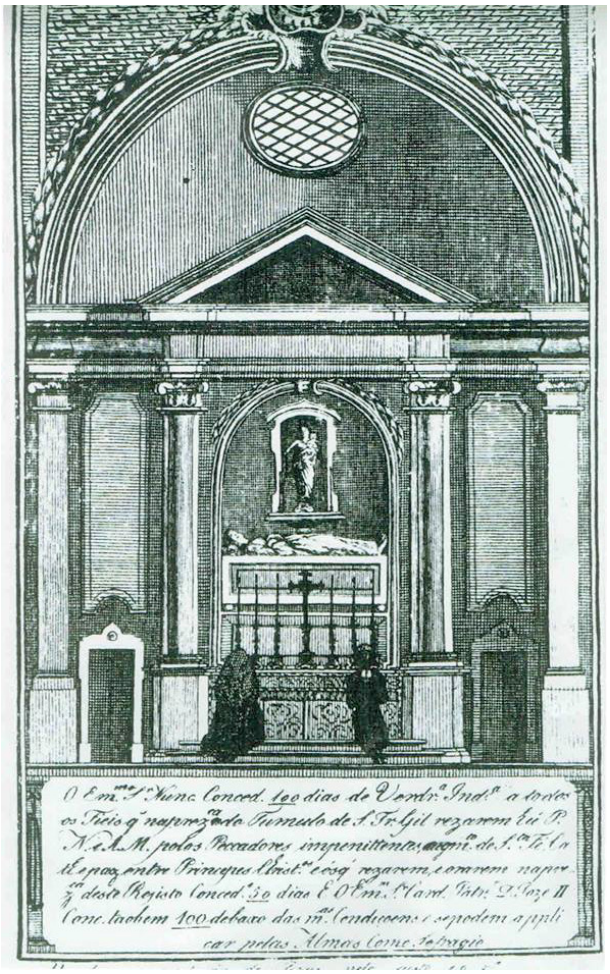
- Retábulos deslocados:

Por vicissitudes diversas muitos retábulos foram retirados dos seus locais de origem, tendo sido transferidos para outros templos, para arrecadações, para museus ou simplesmente destruídos. Se, em determinadas situações, podemos visualizá-los em locais diferentes, conforme se constata no interessante retábulo de São Bento, atualmente na igreja paroquial do Rossio ao Sul do Tejo e que é proveniente do convento da Graça, em Abrantes (ver p. 171) e no da sacristia grande da concatedral de Castelo Branco, proveniente da nave da igreja, tendo sido daí retirado aquando da construção da capela do Santíssimo; noutros casos apenas subsistem descrições históricas e registos fotográficos, desenhos e estampas, como sucede com a que representa o retábulo da capela de São frei Gil, outrora existente na igreja do já inexistente convento de São Domingos, em Santarém.



Castelo Branco. Concatedral. Sacristia grande. Retábulo.
Foto SIPA 1001756.

Excluímos deste estudo os oratórios privativos, equipamentos existentes normalmente na casa dos seus proprietários e que eram restritos às orações familiares, apesar de alguns possuírem mesa de altar e modestas estruturas retabulares, nos quais se celebrava missa, depois de obtida licença dos responsáveis diocesanos.



Santarém. Igreja conventual de São Domingos. Estampa representando a capela de São frei Gil.

12 MENDONÇA, 2016, p. 13.
13 MENDONÇA, 2016, p. 54.



Arronches. Igreja paroquial.
Capela de Nossa Senhora doo Rosário.
Foto SIPA 164616..



Portalegrelo. Sé.
Retábulo de Nossa Senhora do Carmo.
Foto SIPA 563496.

Usos e funções

Entre os exercícios espirituais praticados nos retábulos, o mais frequente era a celebração de missas. Para além das que se destinavam a toda a comunidade, realizadas aos domingos e nas várias festividades, celebravam-se ainda diversos ofícios por dia, por vezes, em simultâneo, quer como ritual obrigatório dos sacerdotes, quer para sufragar as almas dos defuntos. Em determinados templos, o número de sufrágios passou a ser tão grande que se tornou necessário celebrar diversas missas em simultâneo, cada uma em ser altar. Alguns retábulos tinham inclusivamente privilégios concedidos pelo papa, como acontecia, por exemplo, no de Nossa Senhora do Rosário, na igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção, em Arronches, em que *todo o sacerdote desta vila que disser missa por defunto nesta capela, em qualquer dia do ano, tira uma alma do fogo do Purgatório*[14].

Deste modo, se justifica a existência de múltiplos retábulos nalguns templos. Para exemplificar referimos que, nos meados do século XVIII, a igreja da sé, em Portalegre, tinha doze; a igreja paroquial de São Miguel, em Castelo Branco, atual concatedral, nove[15] e o mosteiro de Santa Maria, de religiosas cistercienses, em Almoster, vinte e três[16].

Convém, no entanto, diferenciar os retábulos, quer porque alguns eventos só podiam ser realizados num determinado altar, quer pelos diferentes conteúdos exibidos. Apresentamos, de seguida, as diversas situações detetadas, tendo em conta a função predominante.

Narrativos ou didáticos

Tinham como função principal proporcionar aos fiéis, predo-

14 L. CARDOSO, 1747, pp. 612 e 613.
15 L. CARDOSO, 1751, p. 517.
16 VASCONCELOS, 1740, pp. 266 a 268.

minantemente iletrados, a amostragem de ciclos figurativos que ilustrassem a mensagem a transmitir. Esta tipologia foi muito frequente no século XVI. Na maior parte das vezes recorreu-se à pintura de temática religiosa, passando a partir dos finais desta centúria a utilizar-se, em simultâneo, telas pintadas e esculturas de vulto perfeito, como se constata em diversos retábulos na igreja da sé, em Portalegre (ver pp. 169 e 177).

Devocionais a um só tema

Possibilitavam a concentração dos fiéis num único acontecimento, evitando deste modo a dispersão na observação dos ciclos figurativos. Foram sempre usados, no entanto, passaram a ser da preferência da maior parte da clientela a partir do Protobarroco, isto é, do segundo quartel do século XVII, apontando-se como testemunhos os altares laterais da igreja do extinto colégio da Companhia de Jesus, em Santarém (ver pp. 194 a 196) e alguns laterais da igreja paroquial de São João Baptista, em Abrantes (ver pp. 147 e 207).

Devocionais a três temas

Surgiram como alternativa à devoção a um só tema iconográfico. Para além do orago do retábulo, havia mais duas representações figurativas secundárias, colocadas nos tramos laterais. Consequentemente, na maioria das situações, estes retábulos tinham corpo único e três tramos. Se a representação do orago era quase sempre em escultura, nos tramos laterais tanto podiam ser em pintura, como em escultura.

São testemunhos o retábulo da ermida do Espírito Santo, no Sardoal e o de Santo António, na igreja da sé de Portalegre.



Sardoal. Ermida do Espírito Santo.
Retábulo.
Foto SIPA 674175.

Retábulos devocionais a vários temas

Foram pouco frequentes, tendo sido utilizados em exemplares com um ou dois corpos e três ou mais tramos. Para além da repre-



Portalegre. Catedral.
Retábulo de Santo Cristo.
Foto SIPA 563509.

sentação escultórica do orago, havia várias imagens individualizadas nos restantes intercolúnios, quer em escultura, quer em pintura, da devoção da entidade responsável pela sua administração. A título de exemplo indicamos o retábulo de Santo Cristo, na sé de Portalegre.

Eucarísticos

A exposição solene da urna com o Santíssimo Sacramento, na Quinta-Feira Santa ou de *Endoenças*, era realizada em equipamentos amovíveis, vulgarmente conhecidos por *sepulcros*, que se montavam e desmontavam em cada Quaresma.

O aparecimento do *jubileu das Quarenta Horas*, nos princípios do século XVII[17] e mais tarde de outros jubileus ou Lausperene, alguns de periocidade mensal, valorizaram estes eventos, que se realizavam em certos templos com grande solenidade.

Para evitar a constante montagem e desmontagem destes equipamentos e a consequente deterioração dos mesmos, surge como solução especificamente portuguesa colocar os *sepulcros* ou tronos, de forma permanente, no interior de um espaço que passou a existir na parte central dos retábulos, isto é, nos camarins ou tribunas.

Na maior parte do ano, a boca do camarim era ocupada por cortinas de tecido ou então por uma tela pintada, amovível, com a representação do orago. São exemplos, respetivamente, os retábulos-mores de duas igrejas paroquiais: a de Nossa Senhora da Graça, em Nisa e a do Salvador, em Torres Novas: *tem a capella mor sua tribuna de talha dourada e no arco da mesma tribuna um painel e nele, pintado com o primoroso pincel do grande Bento Coelho, o admirável Mistério da Ascensão*[18].

Nem todas as igrejas matrizes ou paroquiais obtinham auto-

17 O primeiro ocorreu em 1608, tendo sido realizado pelos Carmelitas Descalços em Lisboa, nomeadamente pelo padre provincial frei Pedro da Anunciação: *armaram a igreja às mil maravilhas, prepararam excelente música, fizeram um trono majestoso para ali aparecer em público o rei dos céus e da terra e adornaram os altares com muita variedade de cheiros e perfumes* (…). *E os muito reverendos padres da Companhia foram os que mais se alegraram nos louvores da obra e se adiantaram na sua imitação pois no ano seguinte de 1609 imitaram-na em São Roque, sendo prepósito o muito reverendo padre Jerónimo Dias* (SANTA ANA, 1657,1, pp. 460 a 463).

18 Memórias Paroquiais, 1758 (SERRÃO, 2012, p. 256).

rização para expor solenemente o Santíssimo Sacramento. Por exemplo, nas quatro freguesias existentes em Abrantes, em 1747, *só na igreja de São Vicente se fazem as Quarenta Horas, o que não há em nenhuma das outras igrejas*[19]. Estas cerimónias eram promovidas pelas confrarias ou irmandades do Santíssimo, compostas maioritariamente pelos mais altos representantes residentes em cada freguesia.

Nas igrejas monástico-conventuais o culto solene ao Santíssimo era providenciado pelos responsáveis de cada comunidade religiosa, realizando-se estes exercícios espirituais na maioria das situações na capela-mor, podendo também ocorrer nos coros nos cenóbios femininos, onde havia um expositor em lugar elevado, bem visível do cadeiral. Referimos dois testemunhos documentais desta realidade: no mosteiro de Santa Maria, em Almoster, *na parede do fundo, junto à porta da sacristia de dentro* (...) *fica uma tribuna em a qual assistem ao Santíssimo*[20] e no mosteiro de Santa Clara, em Santarém, nas palavras do padre Luís Montês Matoso, em 1738: *na parede que divide o coro da igreja, por cima do comungatório, se vê um altar para onde se sobe por escadas por dentro das paredes dos lados e nele está colocado um sacrário com o Santíssimo Sacramento e de tal sorte está posto que tem duas portas, uma para a igreja e outra para o coro, de cuja parte tem outro altar, com as mesmas escadas e varanda, que está na parte da igreja*[21].

Algumas irmandades e ordens terceiras conseguiram obter dos responsáveis religiosos de cada diocese autorização para expor o Santíssimo Sacramento, tendo para isso mandado construir retábulos adequados. As entidades que, com maior frequência, solicitaram esse pedido foram as ordens terceiras de Nossa Senhora do Carmo e de São Francisco e as irmandades da Misericórdia.



Castelo de Vide.
Igreja conventual de Nossa Senhora da Conceição.
Retábulo-mor.
Foto SIPA 853796.



Santarém. Convento de Santa Clara.
Coro alto.
Foto SIPA 518809.

19 L. CARDOSO, 1747, p. 25.
20 VASCONCELOS, 1740, p. 268.
21 FIGUEIREDO, 2013.



São Miguel de Acha (Idanha-a-Nova). Igreja paroquial. Retábulo-mor. Foto Ricardo Silva.

O aparecimento dos camarins ou tribunas, a partir dos meados do século XVII, levou a que alguns retábulos pré-existentes se adaptassem a esta nova necessidade e consequentemente passaram a incorporar um camarim no tramo central. Foi o que sucedeu no retábulo principal da igreja conventual de Santo António, em Idanha-a-Nova, transferido após a implantação do Liberalismo para a igreja paroquial de São Miguel de Acha, no mesmo concelho.

Assistimos, no entanto, à continuação do uso de tronos, portáteis ou amovíveis, que se montavam e desmontavam periodicamente, conforme ocorreu até meados de Setecentos na *paroquial igreja de Santa Maria, matriz deste vila de Marvão, ano 1749: ordenamos que se fizesse tribuna em o altar-mor para se expor nela o Santíssimo Sacramento em Quinta-feira Santa e nas mais funções, por se evitar armar tribuna de madeiras, com as quais fica a capela ocupada para nela se fazerem as funções com a decência devida*[22].

Relicários

Como referimos num estudo anterior[23], alguns retábulos passaram a ter por função principal acolher relíquias de santos ou mártires e/ou objetos que fizeram parte da vida de Cristo e permitir que os fiéis as pudessem venerar e ver em ocasiões especiais. Vejamos um caso concreto: na ermida de S. Brás, situada no interior do castelo de Belver – Gavião (ver p. 183), *por tradição se diz assistira neste castelo Santa Joana, princesa deste Reino e que por sua via vieram para a capela deste castelo as muitas relíquias que nela se veneram* (…) *é visitada de muitos devotos continuadamente, principalmente nos três dias do ano em que se costuma mostrar as relíquias, que são a*



Belver (Gavião). Ermida de São Brás. Pormenor do retábulo-mor. Foto Pedro Melo Tavares.

22 PATRÃO, 1999 - 2000, p. 23.

23 LAMEIRA, EVARISTO e LOUREIRO, 2016.

3 de fevereiro, 3 de maio e a 14 de setembro[24].

Atendendo a que a aquisição de relíquias era muito dispendiosa, só algumas elites (membros da nobreza e altos dignitários religiosos), as podiam adquirir. Por exemplo, num dos retábulos laterais da igreja paroquial do Salvador, em Torres Novas, estão *duas relíquias, uma de Santa Ana e outra de Santa Maria Madalena, que foram da sereníssima infanta, que deu a senhora Dona Catarina, como consta da autêntica que está no cartório*[25]. Consequentemente, os retábulos relicários encontram-se na sua maioria em igrejas de maior relevância e prestígio.

Para além dos retábulos, alguns relicários continuaram a estar guardados em expositores existentes noutros locais: paredes laterais de capelas, sacristias, coros, etc.

Os retábulos que acolhiam as relíquias normalmente dispunham de lóculos ou pequenos nichos, muitas vezes dotados de portas ou tapados por uma tela pintada, como se constata num retábulo originário da igreja conventual de Nossa Senhora da Graça, em Abrantes (ver p. 171) e no do Senhor dos Passos, na igreja paroquial de São João Baptista, em Abrantes.

Em certos casos, os relicários assentavam na banqueta de um ou outro retábulo sem haver qualquer local previamente destinado.

Em relação aos locais específicos onde se colocavam as relíquias no próprio retábulo deparamos com diferentes situações. Na mais frequente, os lóculos ou nichos encontram-se nos tramos laterais, sendo o intercolúnio central ocupado por um nicho com a imagem de vulto perfeito do orago do altar. Apontamos como referências o de Nossa Senhora do Socorro e o de Nossa Senhora da Glória, na igreja do antigo colégio da Companhia de Jesus, em Santarém (ver p. 195 e 196) e os colaterais da igreja conventual de



Abrantes. Igreja paroquial de São Jão Baptista. Pormenor do retábulo do Senhor dos Passos. Foto Pedro Melo Tavares.

24 L. CARDOSO, 1751, p. 145.

25 DICINÁRIO GEOGRÁFICO, 1758 (SERRÃO, 2012, p. 257).

Nossa Senhora da Caridade, no Sardoal.

Outros locais possíveis eram no sacrário, normalmente no interior, conforme se verifica na igreja da sé, em Portalegre, no retábulo *dos santos mártires Crispim e Crispiano, onde estão suas relíquias, muito veneradas, em um sacrário dourado, as quais trouxe da cidade de Roma Pero Vaz Pereira, natural desta cidade, escultor e grande oficial nesta arte*[26] e na capela das Almas, na igreja paroquial de São Sebastião, em Cernache do Bonjardim (ver p. 225), assim descrita, em 1758: *a santa relíquia do Santo Lenho em um perfeitíssimo relicário* (...) *a qual está recolhida em um sacrário no alto da sepultura do Senhor Morto*[27] e no interior dos elementos arquitetónicos, como se verifica no retábulo do Senhor dos Passos, na igreja paroquial de São João Baptista, em Abrantes (ver p. 207), etc.



Portalegre.Sé.
Pormenor do retábulo de São Crispim.
Sacrário relicário.
Foto Pedro Melo Tavares.

Pouco usual era expor um corpo inteiro de um mártir ou de um santo, quer no interior da mesa do altar, quer no centro da composição retabular. Interessante testemunho era o que existia no convento de São Domingos, em Santarém, assim descrito na *Primeira parte da História de São Domingos*: *o moimento é grande, toma o lado dela, da banda da Epístola, a face de fora lavrada de folhagem ao uso antigo, na laje que o cobre entalhado de relevo ao longo uma figura de frade. Serve-lhe de letreiro porque na pedra não parece nenhum, a pintura do retábulo, ainda que pequeno e pouco lustroso, que representa em cores e sombras a conversão do santo e alguns sucessos mais de sua vida e morte*[28].

Retábulos-sepulcros

Atendendo a que transgrediam as normas, pois só podiam estar nos retábulos corpos gloriosos, isto é, beatificados ou santificados,

26 SOTTO MAIOR, 1984, p. 63.
27 DICINÁRIO GEOGRÁFICO, 1758, p. 969.
28 CACEGAS e SOUSA, 1767, pp. 224 e 225.

foram poucos os exemplares construídos. A especificidade dos retábulos-sepulcros é o facto de incorporarem uma arca tumular ou simplesmente o corpo do instituidor, quer no interior da mesa do altar, quer no registo superior do embasamento.

Um interessante testemunho encontra-se na igreja conventual de Nossa Senhora da Conceição, de religiosas cistercienses, em Portalegre (ver p. 166), instituído por de D. Jorge de Melo, bispo da Guarda. De acordo com uma descrição de 1619: *em uma capela que está no corpo da igreja, da grade para dentro, junto às grades do coro* (...) *tem duas missas quotidianas* (...) *no retábulo de mármore, que chega até ao teto da abóbada* (...) *os seus ossos metidos numa arca* (...) *o seu jacente vestido de pontifical, da mesma maneira que se costumam os bispos e porque era torto de um olho por um desastre que lhe aconteceu, perguntou-lhe o mestre que o estava retratando se o havia de fazer com aquele olho menos, respondeu que não, senão com ambos os olhos porque ele nascera são e que o ter aquela vista menos fora um desastre*[29].



Portalegre. Igreja conventual de Nossa Senhora da Conceição.
Arca tumular do bispo D. Jorge de Melo.
Foto Aurélio Bentes Bravo.

29 SOTO MAIOR, 1984, pp. 112 e 113.

Iconografia

O caráter predominantemente religioso dos retábulos determinou o emprego de múltiplas representações, não só alusivas a conceitos morais associados ao Catolicismo, mas também de divisas relacionadas com a entidade promotora da sua feitura e posterior administração.

A própria estrutura arquitetónica usada na sua composição e os respetivos campos decorativos dignificavam e nobilitavam os conteúdos iconográficos que se pretendiam proporcionar aos fiéis, registando-se para cada época uma intencionalidade específica. Assim, podemos detetar familiaridade, alegoria do poder, utopia do mundo antigo, transgressão e rutura com o mundo pagão, contenção e decoro, desequilíbrio e complexidade, envolvência e acolhimento, magnificência e luxo, graciosidade e delicadeza, imponência e seriedade, saudosismo e fascinação por épocas passadas, etc…



Tomar. Igreja conventual de Santa Iria. Pormenor do retábulo da capela dos Vales. Foto Freguesia de São João Baptista e Santa Maria dos Olivais - Tomar



Abrantes. Igreja paroquial de São João Baptista. Pormenor de retábulo. Foto Pedro Melo Tavares.

Os temas iconográficos encontram-se hierarquizados: os mais importantes localizam-se no retábulo principal, por exemplo a exposição do Santíssimo Sacramento ou o orago do templo; os menos relevantes, nos restantes altares. Por sua vez, no mesmo retábulo os tramos laterais são secundários relativamente ao tramo central, prevalecendo o do lado do Evangelho sobre o lado da Epístola.

Não só nos elementos arquitetónicos, mas também em determinados espaços da composição retabular, a saber no embasamento, nos intercolúnios e no ático, encontramos alguns temas mais genéricos, designadamente símbolos eucarísticos (cachos de uvas, espigas de trigo, fénix, etc.), figuras de Virtudes (Fé, Esperança, Caridade, etc.), invocações naturalistas, sendo as mais frequentes: a folhagem de *cardo* (tormentos), as flores (esperanças), os frutos (obras), as folhas (palavras), as romãs (conformidade), as rocalhas ou concheados (interioridade, domínio íntimo feminino), grotescos (alusões ao mundo antigo), figuras híbridas, seres fantásticos, medalhões, efígies, animais diversos (lebres, serpentes, peixes, mo-

chos), personagens com expressões particulares e adereços locais, etc.

Convém referir que, nalgumas regiões, a participação de mão-de-obra local, menos familiarizada com o formulário artístico mais erudito, recorre a soluções vernaculares, mais próximas dos destinatários.

Em relação às divisas das entidades promotoras da feitura e posterior administração dos retábulos, verificamos que em muitos exemplares houve a preocupação de as mandar colocar numa cartela ou numa tarja, normalmente em locais bem visíveis, por exemplo no frontal da mesa do altar, nos pedestais do registo inferior do embasamento, no ático ou remate da composição retabular, no frontispício do arco triunfal, etc. Deste modo, é frequente encontrar os escudos das diversas Ordens religiosas, dos bispos, de algumas confrarias ou irmandades e ainda as armas reais e dos instituidores da nobreza. A título de exemplo apontamos o brasão do bispo D. Jorge de Melo, no retábulo-sepulcro existente na igreja monástica de Nossa Senhora da Conceição, em Portalegre (ver p. 166), as insígnias da Companhia de Jesus, no retábulo-mor da igreja do antigo colégio, atual sé, em Santarém (ver p.198), a Cruz de Cristo, no retábulo da ousia da igreja paroquial de São Sebastião, em Alcafozes – Idanha-a--Nova, etc.

É, no entanto, na representação do orago dos retábulos que mais se investe, enumerando-se, de seguida, os temas mais frequentes.



Idanha-a-Nova. Igreja da Misericórdia
Pormenor do retábulo-mor.
Foto Santa Casa da Misericórdia de Idanha-a-Nova.



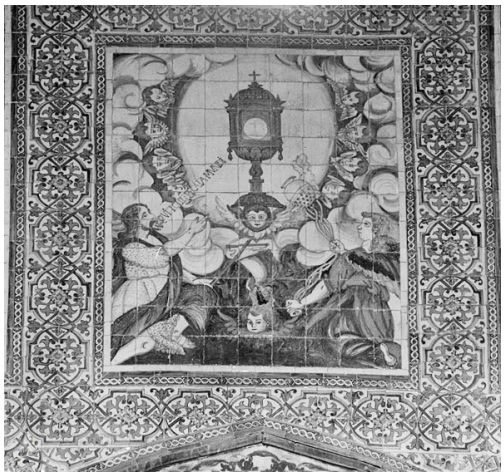
Alcafozes (Idanha-a-Nova).
Sacrário do retábulo-mor.
Foto Ricardo Silva.

Santíssimo Sacramento

Representa a apoteose eucarística, destacando-se o sacrário, por vezes, de grandes dimensões e o trono escalonado, na maioria dos casos, colocado no interior do camarim ou tribuna, onde se expunha uma custódia ou uma urna, aquando da exposição do Santíssimo Sacramento. Nos degraus colocavam-se várias velas ou *lumes* que se

acendiam nos *Lausperene*.

Nas restantes ocasiões, a boca da tribuna podia estar preenchida com cortinas de tecido, por exemplo, em 1707, na ermida de Nossa Senhora da Barreira Alva, no termo de Torres Novas: *tem na capela-mor uma tribuna majestosa e de muito boa talha e dentro dela em um levantado trono está colocada a santa imagem e para maior devoção está sempre coberta com uma cortina*[30] ou com uma tela pintada, como a que que o pintor Arcangelo Fuschini executou, em 1829, para a igreja paroquial de Marvila, em Santarém, pois a anterior tinha sido mutilada à baioneta aquando das invasões francesas, em 1807[31].



Almoster (Santarém).
Igreja monástica de Santa Maria.
Frontispício do arco triunfal.
Foto SIPA 521634.

Com alguma frequência são usadas representações de ostensórios envolvidos por resplendores ou cálices sobrepostos com uma hóstia, quer em determinados elementos do retábulo, quer noutros espaços anexos, nomeadamente no teto da capela, no frontispício do arco de entrada, etc.

Cristíferos

O tema mais frequente é o Senhor Crucificado, sendo comum encontrar outras representações ligadas à Paixão, com maior frequência nos retábulos narrativos ou didáticos. Até no interior da mesa de alguns altares, nomeadamente em determinadas igrejas paroquiais, é possível colocar a representação escultórica do Senhor Morto e em casos pontuas, nas capelas domésticas de casas religiosas, as figuras da Virgem, do Menino Jesus e São José, em relevo escultórico, que somente era exposto na época natalícia, ficando encoberto o resto do ano pelo frontal. A título de exemplo indicamos o retábulo de Jesus, Maria e José, no coro ou *igreja de dentro* do extinto mosteiro de Santa Maria, em Almoster (ver p. 214).



Almoster (Santarém). Igreja monástica de Santa Maria.
Retábulo do Senhor Jesus, no coro.

30 SANTA MARIA, 1707, pp. 238 e 239.
31 SERRÃO, 2012, pp. 102 e 119.

Como testemunhos de retábulos cristíferos indicamos o do Bom Jesus, na mencionada igreja monástica de Almoster; o da Paixão, outrora existente no mosteiro de São Bernardo, em Portalegre (ver p. 167); o do Senhor dos Passos, na igreja paroquial de São Baptista, em Abrantes (ver p. 207) e o da capela palatina, em Salvaterra de Magos (ver p. 186).

Marianos

Foram muito frequentes as representações da Virgem Maria, sendo possível encontrar no mesmo templo mais do que uma capela dedicada a Nossa Senhora. De entre as inúmeras invocações, destacamos a de Nossa Senhora da Conceição (padroeira de Portugal após a Restauração da Independência), Nossa Senhora da Assunção, do Rosário, do Carmo, da Piedade, da Boa Morte, etc. Nos retábulos narrativos é usual encontrar várias passagens da Natividade, desde a Anunciação até à Epifania, como ocorre no altar-mor da igreja da igreja da Misericórdia, em Proença-a-Velha (ver p. 181). Referimos ainda mais dois retábulos marianos, o de Nossa Senhora da Boa Morte, na igreja do extinto colégio da Companhia de Jesus, em Santarém (ver p. 216) e o da ermida de Nossa Senhora de Mércoles, em Castelo Branco.



Castelo Branco.
Ermida de Nossa Senhora de Mércoles. Retábulo.
Foto Ricardo Silva.

Hagiográficos

Nos retábulos das igrejas monástico-conventuais predominam os santos de cada Ordem religiosa. Nos outros templos é grande a variedade, tendo maior aceitação os Apóstolos, São Sebastião, São José, Santo António, São Luís, Santo Elias, etc.

Individualizamos dois retábulos hagiográficos de grande relevância patrimonial, o da capela de São Crispim e São Crispiniano, na igreja da sé, em Portalegre (ver p. 177) e o da capela da Quinta de Santa Bárbara, em Constância (ver p. 217).

Almas do Purgatório

Na sequência da instituição do Purgatório como dogma de fé, ocorrida em 1580[32], surge a necessidade de exibir nos retábulos, nomeadamente nos que eram administrados pelas irmandades ou confrarias das Almas, painéis figurativos pintados ou em relevo escultórico, onde estão representadas, não só as entidades intercessoras, mas também as almas no Purgatório e, por vezes, no Inferno[33].



Cernache do Bonjardim. Igreja paroquial.
Pormenor do retábulo das Almas.
Foto Padre Paulo Ribeiro.

Entre as entidades intercessoras salientamos a Déesis ou representação de Cristo em Majestade, ladeado pela Virgem e por São João Baptista; a Santíssima Trindade, a Virgem Maria, São Francisco, São Domingos, o Senhor Crucificado, São Miguel Arcanjo e os anjos libertadores.

No Purgatório, as almas, quer do sexo masculino, quer do feminino e de todos os grupos sociais, incluindo reis, bispos e até papas, estão rodeadas por labaredas em meios corpos com as mãos postas em súplica e olhando para o céu.

Dos diversos retábulos das Almas remanescentes, individualizamos o da igreja paroquial de Monsanto – Idanha-a-Nova (ver p. 200), de Cernache do Bonjardim (ver p. 225), de Pontével – Cartaxo, sobressaindo neste último a representação do Arcanjo São Miguel a pisar Lucifer, existente no remate da composição em talha e, por fim, o da igreja conventual de Santa Clara, em Santarém, atualmente na igreja paroquial do Cartaxo (ver p. 236).



Pontével (Cartaxo). Igreja paroquial.
Remate do retábulo das Almas.
Foto SIPA 502604.

Outros temas

De entre outros temas, indicamos as representações alusivas às Obras de Misericórdia, nomeadamente nos retábulos narrativos;

32 OLIVEIRA, 1992, p. 349.
33 LAMEIRA,

à Santíssima Trindade, ao Espírito Santo, à Divina Providência, à Madre de Deus, à Sagrada Família, a Todos-os-Santos, à Santa Cruz, ao Santo Lenho, etc.

Interessante testemunho encontra-se no ático do retábulo de Nossa Senhora da Glória, na igreja do extinto colégio da Companhia de Jesus, em Santarém (ver p. 196), assim descrito na escritura notarial do seu ajuste: *uma glória e esta glória terá doze figuras dos vinte e quatro anciãos do Apocalipse, doze de cada banda e estas figuras serão de vulto, quanto pedir a obra, para que fique boa e terão nas mãos as ditas figuras seus instrumentos e suas coroas na cabeça, como pede a mesma história do Apocalipse, no meio destas figuras, em lugar mais alto estará um cordeiro levantado, de vulto, com um livro aberto com sete sigilos, por detrás do cordeiro um resplendor e em roda dele um letreiro que diga* Benedictio et Gloria Agnus*, mas em tal forma que a palavra* Benedictio *fique de uma banda e a* Gloria *da outra, e* Agnus *sobre a cabeça do cordeiro, no meio de tudo, esse cordeiro há de ter sete pontas na cabeça (…) na aduela do arco do friso para cima onde hão de ir as mesmas figuras (…), todas de relevo e vem a ser o Evangelista São João escrevendo no Livro do Apocalipse e olhando para o cordeiro, isto da parte do Evangelho, mais acima um anjo venerando, o nome Santíssimo de Jesus há de estar no cimo da aduela do arco, cercado de resplendor e com alguns serafins à roda do dito nome e à parte da Epístola estará um anjo maior correspondente ao Evangelista, venerando a glória e acima deste pela mesma parte outro anjo menor com a mesma veneração à glória*[34].



Santarém. Igreja do extinto colégio, atual sé. Pormenor do retábulo de Nossa Senhora da Glória. Foto Hélio Ramos.

34 FERREIRA, 2009, 2, pp. 394 e 395.

Encomenda

À semelhança do que ocorria nas restantes dioceses, também na região em estudo assistimos a um grande envolvimento de todos os setores da sociedade na encomenda do mais importante dos equipamentos litúrgicos, os retábulos, apresentando-se de seguida as principais entidades envolvidas.



Santarém.
Igreja conventual de Santa Clara, em 1961.
Foto SIPA 518963.

O clero regular

A presença de casas administradas por religiosos (conventos, mosteiros, colégios, recolhimentos, hospícios, hospitais e enfermarias) foi maior nos principais centros urbanos, sobressaindo a então vila de Santarém, onde estavam sediadas doze das cinquenta e seis recenseadas em 1763[35].

Com alguma frequência verificamos que muitos retábulos das casas religiosas destas instituições contaram, quer com o patrocínio régio, quer de instituidores particulares, nomeadamente membros da nobreza, do clero e mercadores enriquecidos, como se constata, a título de exemplo, no *Livro em que estão os provinciais* dos capuchos da Piedade, a propósito do retábulo-mor, de pedraria, da igreja do convento de Santo António, em Alter do Chão, mandado executar no período em que o padre frei Manuel da Ribeira de Mira foi ministro provincial (1760 - 1760) *para cuja obra concedeu a sereníssima Casa de Bragança uma grata esmola*[36].



Portalegre. Igreja conventual de São Francisco..
Retábulo-mor.
Foto SIPA 168341.

35 **Agostinhos calçados**: Nossa Senhora da Luz – Arronches; Nossa Senhora da Graça – Castelo Branco; Santo Agostinho – Santarém; **agostinhos descalços**: Santa Maria – Portalegre, Nossa Senhora da Piedade – Santarém; **arrábidos**: Nossa Senhora da Piedade – Salvaterra de Magos, Santo António – Santarém, enfermaria – Santarém, Santo António – Torres Novas, hospício de Nossa Senhora da Assunção – Torres Novas, Santa Maria de Jesus – Vale Figueira (Santarém); **bentos**: São Bento – Santarém; **bernardas**: Santa Maria – Almoster, São Bernardo – Portalegre; **capuchos**, província de Santo António: Santo António do Pinheiro – Chamusca, Santo António – Sertã, Nossa Senhora do Loreto – Tancos; **carmelitas calçados**: São Gregório – Torres Novas; **carmelitas descalços**: Santa Teresa – Santarém; **Conceição de Maria**: recolhimento Porta Coeli e São Dâmaso – Pontével (Cartaxo); **congregação de clérigos agonizantes**: São Pedro – Arronches; **dominicanos**: de religiosos, Nossa Senhora da Consolação – Abrantes, Nossa Senhora da Serra – Almeirim e Nossa Senhora da Oliveira – Santarém; de religiosas, Nossa Senhora da Graça – Abrantes e São Domingos das Donas – Santarém; **franciscanos**: de religiosos, Santa Sita – Asseiceira (Tomar), Espírito Santo – Cartaxo, Santo Onofre – Golegã, São Francisco – Santarém e São Francisco – Tomar; de religiosas, Nossa Senhora da Esperança – Abrantes, Santa Clara – Santarém, Santa Iria – Tomar e Espírito Santo – Torres Novas; **hospitalários de São João de Deus**: hospitais de São João de Deus, em Castelo de Vide e em Salvaterra do Extremo; **capuchos**, da Piedade: Santo António – Alter do Chão e Santo António – Portalegre; **capuchos**, da Soledade: Santo António – Abrantes, Santo António – Castelo Branco, Santo António – Idanha-a-Nova, Nossa Senhora da Caridade – Sardoal e Nossa Senhora da Anunciada – Tomar; **terceiros regulares de Jesus**: Nossa Senhora de Jesus – Santarém e Santa Catarina – Santarém; **tomaristas**: Nosso Senhor Jesus Cristo – Tomar; **trinitários**: Santíssima Trindade – Santarém; **xabreganos**: de religiosos, Nossa Senhora da Conceição – Castelo de Vide, Santo António – Crato e São Francisco – Portalegre; de religiosas, Santa Clara – Portalegre; **jesuítas**: colégios de São Sebastião – Portalegre e Nossa Senhora da Conceição – Santarém e residências, Labruja – Santarém e Pernes – Santarém (CASTRO, 1763, pp. 53 a 132).

36 PIGNATON, 2019, p. 244.

Algumas Ordens religiosas assumiram também a encomenda do retábulo principal das igrejas matrizes ou paroquiais das comendas que possuíam. Por exemplo o retábulo-mor da igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição, em Olalhas – Tomar, foi custeado pelo convento de Cristo, detentor do padroado desta freguesia.

Apesar de grande parte deste património retabular ter desaparecido na sequência da implantação do Liberalismo e da sequente extinção das Ordens religiosas, subsistem ainda diversos exemplares nas capelas-mores de igrejas administradas por estas instituições: em Santa Maria de Almoster (ver p. 188), no convento de São Francisco, em Portalegre, no extinto colégio da Companhia de Jesus, em Santarém (ver p. 198), no convento de Nossa Senhora da Caridade, no Sardoal.



Sardoal.
Igreja conventual de Nossa Senhora da Caridade.
Retábulo-mor.
Foto Pedro Melo Tavares.

O clero secular

Estes religiosos tinham a seu cargo os serviços mais elementares prestados à população (o batismo, a confissão, a comunhão, o crisma, o casamento, a extrema unção, o enterramento, etc.), ocupando, como tal, um papel muito importante em cada freguesia ou paróquia. O responsável por cada igreja matriz ou paroquial era o prior, pároco ou vigário. Por sua vez o dirigente de cada diocese era o bispo, auxiliado por um órgão colegial: o cabido. Como estruturas intermédias referem-se as vigarias ou arciprestados, cada uma delas formada por várias paróquias.

O território em análise neste volume provém de três entidades distintas. A então pequena diocese de Portalegre foi criada, em 1545, a partir do desmembramento do enorme bispado da Guarda. A este

último pertenceu, até 1771, a região de Castelo Branco, data da sua elevação a diocese, que foi extinta em 1881 e integrada na de Portalegre. Só a partir de 1956 é que passou a designar-se Portalegre – Castelo Branco. Por sua vez, a diocese de Santarém só foi criada em 1975, fazendo até então parte do patriarcado de Lisboa.



Idanha-a-Nova. Igreja paroquial.
Retábulo-mor.
Foto SIPA 1076479.

Lembramos que as capelas-mores das igrejas matrizes e paroquiais eram custeadas pelos detentores dos seus benefícios: mitra e cabido da sé de Portalegre, mosteiros e conventos, nomeadamente o de Alcobaça, o de Almoster, o de Cristo em Tomar, o de Santos em Lisboa, etc.; particulares (conde de Aveiras, conde de Vila Flor, duque de Aveiro, marquês de Abrantes, etc.); as Ordens militares de Avis, de Cristo e de Malta, a Casa Real, a Casa de Bragança, a Casa da Rainha, a Casa do Infantado, etc. A título de exemplo mencionamos os seis retábulos-mores de igrejas paroquiais mandados executar, em 1748, pelos responsáveis do priorado do Crato: o de Nossa Senhora da Visitação, em Belver – Gavião, o de Santo António no lugar de Marmeleiro – Sertã, o de São Vicente da aldeia de Troviscal – Sertã, o de Nossa Senhora da Assunção, em Gavião, o de Nossa Senhora da Graça, em Envendos – Mação e o de São João Baptista, no Carvoeiro – Mação [37].



Santarém.
Igreja paroquial de Santa Maria de Marvila.
Retábulo-mor.
Foto Miguel Cardoso - Câmara Municipal de Santarém.

Para além do retábulo principal da sé, em Portalegre, custeado pelo bispo D. frei Amador Arrais, assim descrito por um memorialista dos princípios do século XVII: *tão perfeito e tão lustroso e acabado que creio não haver cousa melhor em todo Portugal*[38] (ver p. 169), individualizamos alguns retábulos-mores de igrejas matrizes ou paroquiais, de diferentes conjunturas artísticas: o de Santa Maria, em Muge - Salvaterra de Magos; o de Nossa Senhora da Conceição, em Idanha-a-Nova; o de Santa Maria de Marvila, em Santarém; o de São

37 BONIFÁCIO, 1990, pp. 360 a 364.
38 SOTTO MAIOR, 1984, p. 62.

Vicente, em Abrantes e o de Santa Maria da Devesa, em Castelo de Vide.

Confrarias ou irmandades e ordens terceiras

Os responsáveis de cada paróquia empenharam-se bastante no envolvimento de todos moradores numa freguesia, dos mais ricos aos mais pobres, em associações de caráter religioso, cuja sede tanto podia ser numa capela ou altar localizado no interior de uma igreja da responsabilidade do clero secular ou regular como num templo autónomo. Pertencer, pelo menos, a uma irmandade era essencial para todos os membros de uma sociedade, pois permitia a sua integração nas diversas estruturas então existentes.

As irmandades do Santíssimo Sacramento desempenharam um papel determinante, nomeadamente na gestão dos retábulos das capelas-mores das igrejas matrizes e paroquiais, em estreita colaboração com os párocos ou vigários. Em certos templos, a partir do segundo quartel de Setecentos, passaram a administrar também uma outra capela dedicada ao Santíssimo, como se verifica nas igrejas paroquiais de São Vicente e de São João Baptista, em Abrantes.

Cada uma destas associações, maioritariamente de leigos, definia nos seus estatutos as condições exigidas aos seus membros. Se algumas estavam restritas a uma determinada profissão (marítimos, mesteirais, militares, estudantes, clérigos, etc.), outras integravam grupos específicos da população. Vejamos vários exemplos:

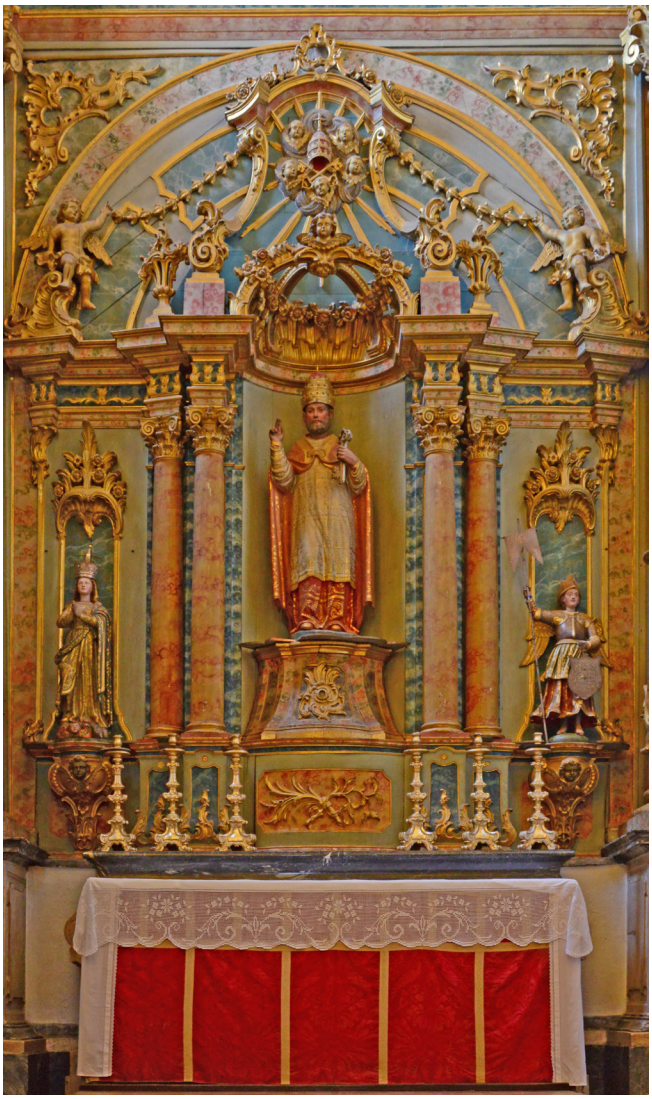
-Em 1578, foi incorporada na Santa Casa da Misericórdia, em Torres Novas, a confraria dos lavradores[39].

-A capela dos mareantes, na igreja paroquial de São Vicente, em Abrantes, dedicada a Nossa Senhora da Boa Viagem, foi instituída



Abrantes. Igreja paroquial de São João Baptista. Sacrário do retábulo da capela do Santíssimo. Foto SIPA 750050.

39 SERRÃO, 2012, p. 93.



Portalegre. Sé.
Retábulo de São Pedro.
Foto Pedro Melo Tavares.

em 1618, conforme epígrafe existente no entablamento pétreo[40].

-Nos princípios do século XVII, são referenciadas na igreja da sé, em Portalegre, na capela de São Pedro *a confraria dos clérigos e, juntamente, a das Almas do Purgatório*; na capela de Nossa Senhora do Carmo os oficiais da carda[41].

-Em 1749, foi instituída a irmandade dos estudantes na capela de São Luís Gonzaga, sita na igreja de Nossa Senhora da Conceição, do colégio da Companhia de Jesus, em Santarém[42] (ver p. 218).

-Em 1751, o padre Jorge Cardoso refere a existência na igreja paroquial de Santiago, em Castelo de Vide, da *confraria de Santiago, de mercadores*[43].

-Nas Memórias Paroquiais de 1758, no altar-mor da igreja paroquial do Espírito Santo – Nisa está a *irmandade dos moços solteiros*[44].

Em cada freguesia havia normalmente várias irmandades, sendo duas obrigatórias: a do Santíssimo Sacramento, onde estavam inscritos os moradores de maior prestígio e de conduta exemplar e a das Almas do Purgatório, destinadas à restante população. Nas sedes dos concelhos e nalgumas localidades de maior importância registamos a existência da irmandade da Santa Casa da Misericórdia, que tinha como função principal prestar apoio aos mais necessitados. Convém salientar que esta associação, de grande importância, aceitava como irmãos pessoas de diferentes grupos sociais, o que originava, por vezes, alguns conflitos entre os associados.

40 A. CARDOSO, 2008, p. 69.
41 SOTTO MAIOR, 1984, p. 63.
42 CASTRO-CALDAS, 2006.
43 L. CARDOSO, 1751, p. 522.
44 DICIONÁRIO GEOGRÁFICO, 1758, p. 158.

Em cada confraria ou irmandade, os mesários, isto é, os membros que ocupavam os cargos diretivos eram escolhidos anualmente, desempenhando essas funções os irmãos ou confrades de maior prestígio social e financeiro.

Algumas irmandades beneficiavam da proteção régia, nomeadamente as de instituições militares, os Compromissos Marítimos, as Misericórdias, etc.

Individualizamos ainda as irmandades que administravam igrejas de peregrinação muito frequentadas, responsáveis pela gestão de muitas e contínuas esmolas dos romeiros.

Por fim, indicamos alguns testemunhos relevantes de retábulos da responsabilidade de irmandades e de ordens terceiras, de diferentes conjunturas artísticas: na igreja da Misericórdia, no Carvoeiro – Mação (ver p. 170); na ermida de São Brás, em Belver – Gavião (ver p. 183), na igreja da Misericórdia, em Portalegre; na capela do Santíssimo, na igreja paroquial de São Vicente, em Abrantes; no retábulo das Almas, na igreja paroquial de Cernache do Bonjardim (ver p. 225) e nos retábulos colaterais da igreja da Misericórdia, em Santarém (ver p. 238).



Portalegre. Igreja da Misericórdia.
Retábulo lateral.
Foto SIPA 153611.

Instituidores particulares

Os instituidores particulares, independentemente do seu estatuto social, desempenharam um papel muito importante na encomenda de retábulos que refletissem o seu poder. Atendendo a que pertenciam a grupos privilegiados e como tal dispunham de largos recursos financeiros, recorriam aos artistas mais credenciados.

Em primeiro lugar destacou-se o rei, não só nas obras promovidas nos altares dos seus palácios, mas também nos apoios que concedia às capelas das quais era protetor, referindo-se entre vários exemplos o da capela palatina, em Salvaterra de Magos (ver p. 186) e um retábulo outrora existente na igreja do convento, de religiosos dominicanos, de Nossa Senhora da Serra, em Almeirim,

em que o rei D. Manuel I *se mandou retratar com a rainha D. Maria e depois todos os seus filhos e filhas*[45], subsistindo somente deste exemplar três tábuas pintadas, agrupadas nos finais do século XIX no chamado tríptico dos Infantes.



Museu Nacional de Arte Antiga.
Triptico dos Infantes.
Foto .Sailko
URL:
https://creativecommons.org/licenses/by/3.0/deed.en

Nobres, clérigos e mercadores abastados afirmavam-se, na maior parte das vezes, na localidade da sua residência, nomeadamente na instituição de vínculos em capelas sediadas nos templos de maior prestígio ou nas suas próprias habitações, destinadas a servir de sepultura da sua família. Verificamos ainda a integração de algumas destas pessoas em ordens terceiras e irmandades de maior distinção, onde ocupavam funções diretivas e muitas vezes apoiavam a feitura ou o douramento do retábulo dessa instituição. A sua ação mecenáti-

45 CACEGAS e SOUSA, 1866, p. 482; SANTA MARIA, 1707, p. 314.

ca fazia-se sentir igualmente no suporte financeiro a diversas instituições religiosas por motivações devocionais.

Subsistem ainda vários retábulos custeados por instituidores particulares, nomeadamente na capela dos Vales, na igreja conventual de Santa Iria, em Tomar, realizado por volta de 1536 e que tem sido atribuído a João de Ruão[46] (ver p. 165), reputado escultor francês sediado na cidade de Coimbra; os da então igreja paroquial de São Miguel, atual concatedral, em Castelo Branco que, em 1691, *D. frei Luís da Silva, bispo da Guarda, fez esmola a este povo de guarnecer nela oito capelas de retábulos, painéis, imagens e frontais ricos*[47] (ver p. 190), o da capela de Nossa Senhora da Boa Morte, na igreja do extinto colégio da Companhia de Jesus, em Santarém, atual sé, custeado em 1739 com as verbas deixadas por José Gonçalves Fagundes, abastado mercador de Santarém, falecido no ano anterior (ver p. 216) e o da ermida de Nossa Senhora da Luz, em Castelo de Vide, mandado executar nos princípios do século XVII por Francisco Rodrigues Henriques, morador em Lisboa.

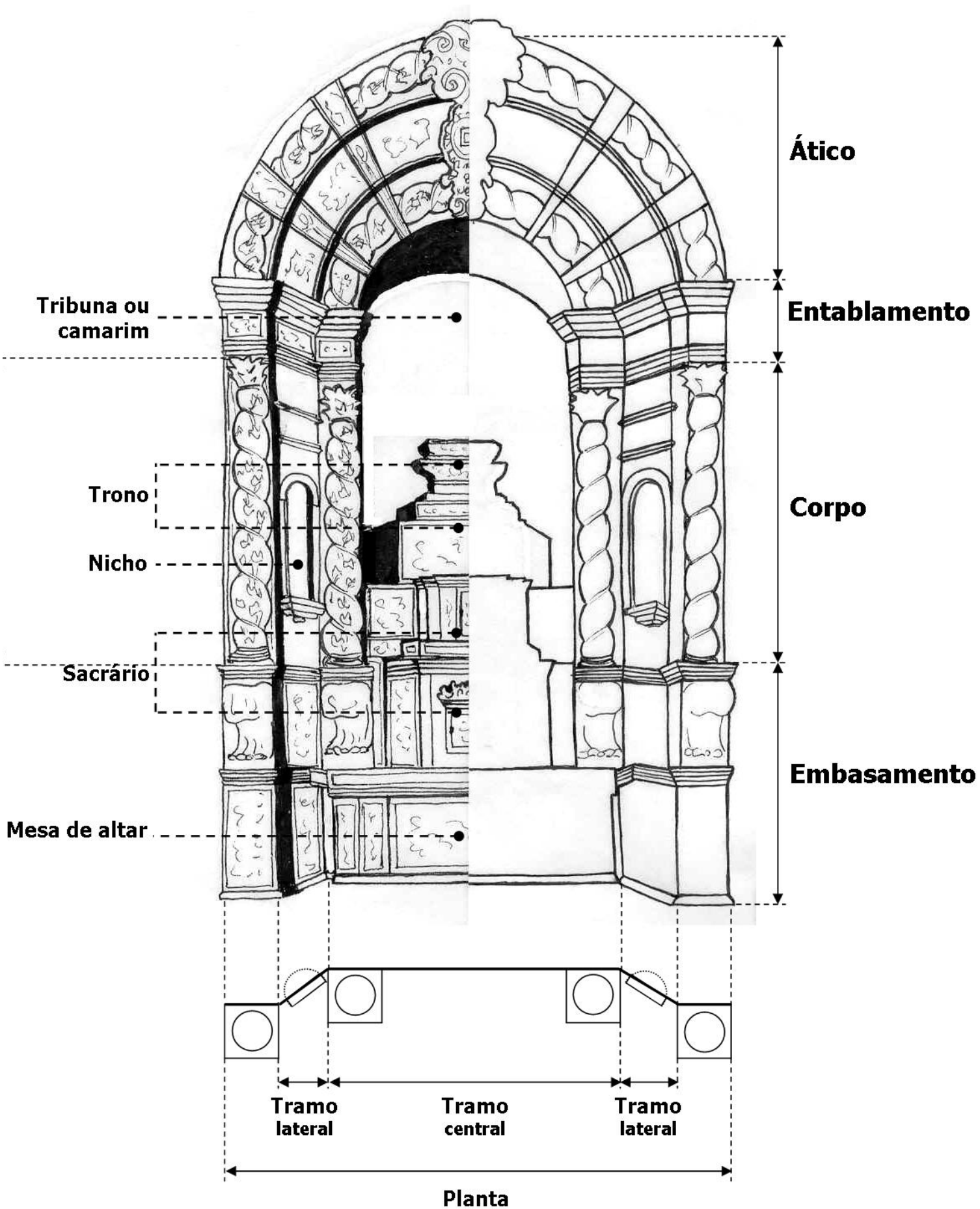


Castelo de Vide.
Ermida de Nosssa Senhora da Luz.
Retábulo.
Foto SIPA 853743.

46 N. BORGES, 1990, pp. 49 e 50.

47 Epígrafe existente na nave da igreja.

Tipologias e modelos compositivos



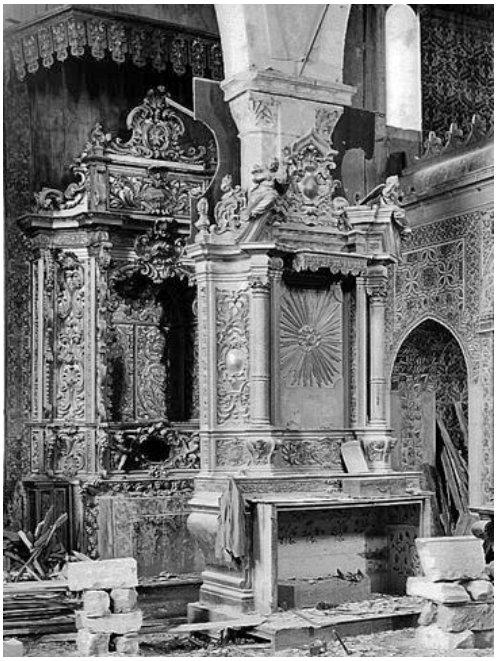
Desenho Susana Andrade.

Por tipologias entendemos o agrupamento de retábulos de acordo com algumas características morfológicas comuns. A maior parte filia-se nos tratados italianos. Nos retábulos encostados à parede testeira de uma capela, a sua estruturação ou composição arquitetónica assenta na relação corpo(s)/tramo(s), surgindo desta conjugação várias soluções possíveis[48]. Houve, no entanto, altares que se autonomizaram da parede, passando a apresentar uma ou mais faces e, eventualmente, mais do que uma mesa de altar[49].

Verificamos também que algumas tipologias se restringiram ao mundo português, nomeadamente as que também preencheram espaços contíguos aos retábulos propriamente ditos[50].

Por sua vez, os modelos compositivos correspondem à estruturação dos intercolúnios, isto é, à identificação do número de elementos arquitetónicos que delimitam cada tramo e à forma como se interligam. As diferentes opções são definidas independentemente da planta usada (reta, em perspetiva côncava, convexa ou mista), dos elementos arquitetónicos empregues (colunas, pilastras, quartelões, estípites, etc.); de haver ou não outros elementos relevantes na estruturação retabular, designadamente os camarins ou tribunas e dos mesmos serem delimitados por elementos arquitetónicos específicos. Se maioritariamente, cada um dos intercolúnios é ladeado por igual número de colunas ou de pilastras, dignos de destaque são os casos em que se aplica desigual número de elementos arquitetónicos nos vários tramos, ainda que de forma simétrica em cada um dos lados.

É conveniente ter em conta que muitos retábulos, apesar de se inserirem nas tipologias e nos modelos compositivos referidos, apre-



Almoster (Santarém).
Igreja monástica de Santa Maria.
Retábulo do coro, enconstado a uma das colunas, podendo circular-se à sua volta.
Foto SIPA 521585.

48 Nos retábulos abordados neste estudo constatamos as seguintes tipologias: corpo único e um só tramo, corpo único e dois tramos, corpo único e três tramos, corpo único e cinco tramos, dois corpos e um tramo, dois corpos e três tramos, dois corpos e cinco tramos, três corpos e cinco tramos e quatro corpos e cinco tramos.

49 Eram os chamados *altares em ilha*.

50 Foram três as soluções utilizadas: 1- A parede testeira da capela-mor é preenchida por três retábulos, apresentando, o principal, estreitas relações com os dois retábulos colaterais. 2- Os dois retábulos colaterais ao arco triunfal intreligam-se entre si através do revestimento parcial ou total do frontispício da nave. 3- A utilização de um *arco* ou enquadramento arquitetónico que complementa o retábulo propriamente dito, preenchendo estruturas próximas, a maior parte das vezes o intradorso e parte do frontispício da capela onde está inserido.



Abrantes.
Igreja monástica de Nossa Senhora da Graça.
Pormenor de retábulo.
Foto Pedro Melo Tavares.



Cernache do Bonjardim.
Igreja paroquial de São Sebastião.
Retábulo colateral.
Foto SIPA 75434.

sentam determinadas especificidades, detetáveis em razoável número na região em estudo. Esta ocorrência deve-se não só à criatividade de artistas mais reputados, mas também à intervenção de algumas oficinas locais, um pouco desatualizadas e que respondiam às solicitações de clientelas menos esclarecida. A título de exemplo mencionamos o retábulo da capela privativa de Teodoro Faustino Dias, na igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção, em Tinalhas – Castelo Branco, que se insere na tipologia de corpo único e um só tramo e que apresenta como especificidade o facto de não utilizar entablamento, verificando-se o preenchimento integral da composição com três nichos, de grandes dimensões, ocupados com representações escultóricas, duas no registo inferior e a terceira na parte de cima (ver p. 234). Por sua vez, o retábulo relicário proveniente da igreja monástica de Nossa Senhora da Graça, em Abrantes, adota a tipologia de corpo único e três tramos, sobressaindo o facto de apresentar múltiplos nichos ou lóculos, outrora preenchidos por relicários, não só no corpo, mas também no ático (ver p. 171).

Em número muito reduzido são os retábulos que não se integram em qualquer tipologia, constituindo exemplares ímpares, como veremos adiante.

Atentemos às diferentes tipologias identificadas e aos modelos compositivos empregues em cada uma delas.

Corpo único e um só tramo

Foi maioritariamente utilizada nos retábulos devocionais a um só tema, podendo o intercolúnio ser ladeado por duas colunas, uma de cada lado ou então por elementos arquitetónicos duplos, triplos ou mesmo quádruplos. São exemplos o retábulo de Nossa Senhora do Carmo, na igreja monástica de Santa Maria, em Almoster – Santarém (ver p. 220) e os colaterais da igreja paroquial de São Sebastião, em Cernache do Bonjardim.

A partir do Protobarroco, esta tipologia passa a ser usada

também noutros retábulos, nomeadamente nos que tinham tribuna ou camarim central, quer o trono seja destinado à exposição solene do Santíssimo Sacramento, quer acolha a representação escultórica do orago. A delimitar a tribuna podem existir múltiplos elementos arquitetónicos, conforme se verifica no retábulo-mor da igreja paroquial de São Pedro, na Sertã, onde são empregues três colunas e duas pilastras de cada lado (ver p. 189).

É ainda possível alguns exemplares não possuírem qualquer estrutura arquitetónica, como acontece com os vários retábulos laterais da igreja de Nossa Senhora dos Mártires, em Constância (ver p. 224) e com os exemplares constituídos por um único painel em relevo escultórico ou então pintado, sem qualquer enquadramento arquitetónico.

Corpo único e dois tramos

Raramente foi usada esta tipologia. Os únicos exemplares conhecidos datam do século XVI, inscrevendo-se os intercolúnios entre dois elementos arquitetónicos, um de cada lado. Na capela-mor da ermida de Nossa Senhora da Glória em Vargos – Torres Novas, encontra-se um retábulo de pedraria que se integra neste grupo. De anotar que se manteve oculto, até 1980, por uma composição retabular de madeira entalhada.



Vargos (Torres Novas).
Ermida de Nossa Senhora da Glória.
Retábulo.
Foto SIPA 179678.

Corpo único e três tramos

A sua utilização generalizou-se a partir dos princípios de Seiscentos constituindo, em conjunto com a tipologia composta por corpo único e um só tramo, a opção de maior preferência da maioria da clientela.

Foi normalmente usada nos retábulos devocionais a três temas e nalguns retábulos eucarísticos e relicários, sendo menos frequente em retábulos devocionais, quer a um, quer a vários temas.

Atendendo a que apresentam uma composição tripartida, os

intercolúnios inserem-se quase sempre entre dois elementos arquitetónicos, um de cada lado, como ocorre no retábulo-mor da igreja de São Sebastião, Carreiras – Portalegre.



Carreiras (Portalegre). Igreja paroquial.
Retábulo-mor.
Foto Ruy Ventura.

Pontualmente são empregues diversas alternativas, variando o número de elementos arquitetónicos a delimitar cada um dos tramos, incluindo a sua ausência. Por exemplo, no retábulo de Nossa Senhora das Dores, na igreja paroquial do Santíssimo Salvador, em Monsanto – Idanha-a--Nova, enquanto o nicho central se inscreve entre duas colunas, uma de cada lado, nas extremidades dos tramos laterais não há qualquer elemento arquitetónico (ver p. 227).

Corpo único e cinco tramos

Esta tipologia teve muito pouca aceitação. Na maioria das vezes é utilizada em templos cuja parede testeira é bastante mais larga do que alta, podendo os intercolúnios inscrever-se entre duas colunas, como entre elementos arquitetónicos diferenciados em cada tramo. Para exemplificar indicamos o retábulo relicário da ermida de São Brás, em Belver – Gavião (ver p. 183) e o da ermida de Santa Ana, em Portalegre.



Portalegre. Ermida de Santa Ana.
Retábulo-mor.
Foto SIPA 857166.

Dois corpos e um só tramo

À semelhança da tipologia anterior, teve também pouca aceitação, sendo usada com mais frequência em retábulos colaterais ao arco triunfal, inscrevendo-se normalmente cada tramo entre duas colunas, uma de cada lado, conforme vemos nos retábulos colaterais da igreja da sé, em Portalegre (ver p. 179).

Dois corpos e três tramos

Foi muito usual no século XVI, decaindo a sua utilização, a

partir dos meados da centúria seguinte, com o aparecimento das *tribunas* ou camarins e com a generalização dos retábulos devocionais a um só tema.

Maioritariamente, os intercolúnios inscrevem-se entre duas colunas ou pilastras, uma de cada lado, sendo no século XVI quase sempre preenchidos por ciclos de pintura figurativa. Menor foi o uso de painéis em relevo escultórico. Exemplos de ambos os casos são, respetivamente, o retábulo de Santo António, na igreja paroquial de São João Baptista, em Abrantes e o da capela privativa de Gaspar Fragoso, na igreja conventual de São Francisco, em Portalegre (ver p. 168). A partir dos finais de Quinhentos, coexistem telas pintadas e nichos preenchidos por representações escultóricas e na época barroca esculturas de vulto perfeito e painéis entalhados. São testemunhos os retábulos de São Crispim e São Crispiniano, na sé de Portalegre (ver p. 177) e os colaterais da igreja paroquial do Salvador, em Torres Novas (ver p. 193).



Abrantes.
Igreja paroquial de São João Baptista.
Retábulo de Santo António.
Foto SIPA 750088.

Dois corpos e cinco tramos

Esta tipologia teve muito pouca aceitação, tendo sido utilizada sobretudo na segunda fase do Maneirismo, isto é, nos finais do século XVI e nos princípios do século XVII, numa conjuntura dominada pelo ensaio pontual de diversas soluções compositivas. Na maioria dos casos, os intercolúnios inscrevem-se entre duas colunas, como acontece na igreja da Misericórdia, em Proença-a-Velha – Idanha-a--Nova (ver p. 181).

Três corpos e cinco tramos

Esta tipologia, utilizada sobretudo nos finais do século XVI e nos princípios do XVII, foi muito pouco usual, inscrevendo--se maioritariamente os intercolúnios entre dois elementos arquitetónicos, um de cada lado. Para além do retábulo da capela--mor da igreja da sé, em Portalegre (ver p. 169), indicamos neste



Portalegre. Sé.
Retábulo de Nossa Senhora do Carmo.
Foto SIPA 563493.



Portalegre. Sé.
Retábulo de Nossa Senhora da Luz.
Foto SIPA 563489.



Tomar. Igreja da Misericórdia.
Retábulo principal.
Foto SIPA 222009.

mesmo templo o de Nossa Senhora do Carmo, que apresenta como especificidade o facto de nas extremidades apresentar colunas duplas.

Quatro corpos e cinco tramos

Tal como as tipologias anteriores, teve muito pouca anuência, inscrevendo-se os intercolúnios entre duas colunas, uma de cada lado. Foi utilizada nos finais do século XVI, princípios do XVII, referindo-se a título de exemplo o retábulo de Nossa Senhora da Luz, na referida igreja da sé, em Portalegre, apesar de apresentar algumas remodelações posteriores.

Arcos triunfais retabulares

Esta tipologia teve pouca aceitação, sendo composta por dois retábulos colaterais ao arco triunfal que se interligam entre si pelo revestimento ornamental de parte ou da totalidade do frontispício da nave da igreja. Se na maioria das situações se recorre à madeira entalhada, pontualmente também se pode utilizar a alvenaria estucada, como acontece na igreja da Santa Casa da Misericórdia, em Tomar (ver p. 232).

Convém anotar que, em casos pontuais, ocorridos nos finais do século XVI / princípios do XVII, exclusivamente em igrejas das Misericórdias de nave única e cabeceira tripla, o frontispício da nave pode ser pontuado por uma composição unitária em pedraria. Por exemplo, em Torres Novas é utilizada uma serliana (ver p. 178), registando-se no interior de cada um dos três vãos um retábulo individualizado, de época posterior.

Retábulos com *arco*

Tal como referimos antes, trata-se de uma tipologia com algum acolhimento. Foi usada em capelas ligeiramente reentradas, na sua maioria em retábulos secundários, correspondendo o *arco*, termo

muito frequente na documentação setecentista, a uma estrutura, na maioria das situações autónoma, que complementa o retábulo propriamente dito e se prolonga pelo intradorso e por parte do frontispício da capela onde está inserido. Para exemplificar apontamos o retábulo, atualmente da invocação das Almas, na igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição, em Olalhas – Tomar (ver p. 201). Menos usual é o *arco* enquadrar um retábulo de uma capela-mor, como ocorre na igreja conventual de Nossa Senhora da Piedade, em Santarém (ver p. 229).

Se na maioria das situações o *arco* é de madeira entalhada, em Abrantes e no Sardoal são de pedraria, podendo estar estruturados num corpo e num tramo, em dois corpos e num tramo e em dois corpos e três tramos. Excecionalmente, alguns altares de madeira entalhada podem inscrever-se em dois *arcos*, um do mesmo material, coevo do retábulo propriamente dito e outro de pedraria, preexistente, como se verifica no retábulo do Senhor dos Passos, na igreja paroquial de São João Baptista, em Abrantes (ver p. 207).

Formato retangular

Foram muito frequentes na Idade Média e no século XVI, quer em exemplares fixos, quer portáteis ou amovíveis. Em relação a estes últimos predomina a tipologia dos trípticos com portas ou volantes, na época referenciados como *retábulos com portas*, maioritariamente compostos por três painéis pintados, de formato retangular, como se constata no tríptico já anteriormente referido de São João Baptista, em Tomar (ver p. 163).

Raramente se utilizavam retábulos compostos por múltiplos painéis retangulares, em relevo escultórico. Digno de referência é o da Paixão, proveniente do mosteiro de São Bernardo, em Portale-

Redondo.
Centro Infantil de Nossa Senhora da Saúde.
Retátublo da Paixão.
Foto Ana Cristina Esteves Pinto.



gre, atualmente no Museu Municipal desta cidade (ver p. 167) e que só encontra paralelo num outro, da mesma temática, existente na vila alentejana do Redondo.



Almoster (Santarém).
Igreja monástica de Santa Maria.
Retábulo do coro.
Foto SIPA 521562.

Retábulos *em ilha*

Contrariamente à maioria dos retábulos, que se encontram encostados a uma parede, nesta tipologia autonomizam-se, apresentando duas ou mais faces e uma ou mais mesas de altar. Se nalguns exemplares os fiéis só visualizam umas das faces, noutros é possível circular à sua volta. Apesar da designação *em ilha* se encontrar na documentação setecentista[51], o uso destes retábulos foi mais frequente na Idade Média. Lembramos as palavras do padre Francisco da Fonseca ao referir-se aos altares que se localizavam *no meio da capela* (…) *conforme ao uso das igrejas antigas de Roma*[52].

Para além dos altares outrora encostados às colunas na *igreja de dentro* do mosteiro de Santa Maira, em Almoster, mencionamos um outro testemunho, referenciado na documentação: *a mão direita de São Gregório* (…) *diz que foi trazida para a igreja de Santa Maria de Tomar, em 1139, por mestre Gualdim. Esteve numa coluna de pedra em que assentava o altar-mor, antes das obras de D. João III*[53].

Retábulos ímpares

Dos exemplares recenseados, individualizamos o da capela-mor da igreja conventual de Nossa Senhora da Piedade, em Santarém (ver p. 229). Para além de estar envolvido por um *arco* ou enquadramento arquitetónico individualizado, apresenta no embasamento uma composição autónoma e pré-existente, definida

51 Por exemplo, em 1710, o clérigo teatino Manuel Caetano de Sousa no seu manuscrito *Peregrino Instruído*, a respeito da localização do altar contrapõe duas hipóteses: *encostado ao retábulo ou em ilha* (Gomes, 2009, nota 127).

52 FONSECA, 1728, pp. 215 e 302.

53 ROSA, 1972, 8, p. 29.

por duas pilastras e uma arquivolta plena, no interior da qual se encontra a mesa do altar e um nicho de formato retangular, ladeado por pilastras duplas. Na restante composição evidencia-se, em lugar sobrelevado, uma tela pintada e emoldurada com a Virgem Maria e o Menino.



Santarém. Igreja conventual de Nossa Senhora da Piedade.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto Miguel Cardoso - Câmara Municipal de Santarém.

Periodização

Se excetuarmos os períodos de longa extensão, correspondentes à época medieval[54] e à Idade Contemporânea[55], verificamos que na Idade Moderna ou Antigo Regime existiram vários períodos de média duração, correspondendo *grosso modo* cada conjuntura artística a uma geração (período de trinta a quarenta anos).

Uma análise minuciosa das fontes primárias subsistentes permite constatar que, nos séculos XVI, XVII e XVIII, os diversos intervenientes, quer na encomenda, quer na execução, assumiam de forma consciente as inovações adotadas periodicamente na corte portuguesa pelos arquitetos régios (residentes maioritariamente na cidade de Lisboa) e procuravam na medida do possível seguir esse formulário.

Algumas entidades mais esclarecidas e com maiores disponibilidades financeiras chegavam inclusivamente a mudar de retábulo ou a promover campanhas de atualização de alguns dos seus elementos em sucessivas conjunturas.

A partir dos finais do século XV, princípios do XVI, cada nova conjuntura passou, com alguma frequência, a ser designada *ao moderno*. Como exceções referimos o Renascimento, o Rococó e o Tardobarroco em que, por vezes, se utilizam respetivamente os termos *ao romano*, gosto *francês* e *à romana*.

Em contrapartida, quando se referiam aos retábulos de qualquer uma das conjunturas anteriores, designavam-nos *ao antigo*.

Vejamos alguns testemunhos da aplicação destes termos:

- Em 1537, nos livros da visitação da Ordem de Cristo à igreja paroquial de Salvaterra do Extremo, no concelho de Idanha-a-Nova é referido que na capela-mor *o altar é forrado de azulejos* (...)

54 Do século XII aos meados do século XV, apesar de ainda se fazerem alguns exemplares retardatários até meados de quinhentos.
55 Dos finais do século XVIII ao Concílio Vaticano II (1962 - 1965).

e nele um retábulo antigo[56].

-Em 1707, na ermida de Nossa Senhora dos Anjos, na Portela das Padeiras – Santarém, *a imagem da Senhora dos Anjos se vê colocada em um nicho no meio do retábulo e ainda que o retábulo é antigo, é muito bem feito e com excelentes pinturas, todas da vida de Nossa Senhora, porque à parte do Evangelho se vê o Nascimento do Senhor e da parte da Epístola a Visitação e por cima do nicho da Senhora a Encarnação e por baixo faz um banco em que se veem pintados alguns dos santos apóstolos*[57].

-Em 1740, o padre Inácio da Piedade e Vasconcelos ao enumerar os retábulos existentes na igreja do colégio da Companhia de Jesus, em Santarém, refere-se ao de Nossa Senhora do Socorro: *de talha moderna*, ao de São Francisco Xavier: *de boa talha moderna* e ao de Santo Estanislau: *também está feito de talha moderna*[58].

-No Dicionário Geográfico, de 1747, é descrita a igreja paroquial de São Vicente, em Abrantes: *a capela-mor é de abóbada, com seu retábulo antigo*[59].

Apresentamos, de seguida, cada um dos doze períodos detetados, desde as origens até ao Concílio Vaticano II (1962 - 1965). Em certos casos aplicamos mais de uma designação, nomeadamente quando coexistem opções estéticas diferenciadas e em que nenhuma delas abrange a totalidade da realidade artística então existente.

Primórdios (século XII)

Os antipêndios ou frontais de altar tiveram grande aceitação na Europa ocidental a partir do Renascimento Carolíngio, continuando a ser executados nos séculos XII e XIII. Em Portugal também existiram, restando somente algumas referências documentais. Como

56 HORMIGO, 1981, p. 1.
57 SANTA MARIA, 1707, p. 378.
58 VASCONCELOS, 1740, pp. 119 e 120.
59 L. CARDOSO, 1747, p. 26.

exemplo mencionamos uma cláusula do testamento do rei D. Sancho I, em que doa mil morabitinos à igreja de Santa Maria, de Santarém, juntamente com cinquenta marcos de prata para se fazer um frontal de prata[60].

Os antipêndios eram maioritariamente em materiais preciosos, constituindo parte relevante do tesouro da igreja. Podiam também ser em madeira pintada, figurando quase sempre a representação de Cristo, dos apóstolos, etc. Só começaram a ser de pedra, nos finais do século XI.

Românico (século XII)

Os primeiros retábulos surgiram no século XI, generalizando-se a sua utilização a partir da centúria seguinte[61]. Adquirem maiores dimensões que os frontais de altar da época anterior. Durante algum tempo coexistiu a tendência de se usar simultaneamente frontais e retábulos, continuando maioritariamente a ser em materiais preciosos.

Apesar de não subsistir qualquer retábulo deste período em Portugal, a sua existência é comprovada documentalmente, como já referimos antes, no século XII, em Tomar, num altar relicário existente na igreja de Santa Maria do Olival: *a mão direita de São Gregório* (…) *diz que foi trazida para a igreja de Santa Maria de Tomar, em 1139, por Mestre Gualdim. Estava numa coluna de pedra em que assentava o altar-mor, antes das obras de D. João III*[62].

Gótico (século XIII - meados do século XV)

Da dezena e meia de retábulos dos séculos XIV e XV ainda

60 AFONSO, 2010, p. 102.
61 BOUSQUET, 1982, pp. 218 e 219.
62 ROSA, 1972, 8, p. 29.

subsistentes em Portugal, nenhum corresponde à região em estudo.

Referimos, no entanto, a descrição de um frontal mandado executar pelo alcaide de Óbidos, em 1387, para o altar-mor da igreja de Santa Maria do Monte ou da Piedade, em Tomar: *a invocação do orago desta igreja é Nossa Senhora da Piedade, com seu Filho descido da Cruz e lançado em seus braços, e o frontal do altar principal em que está esta imagem é duma pedra em que está a sepultura de Nossa Senhor Jesus Cristo, com uma figura assim com foi descido da cruz e envolto no lençol e cercado das imagens das pessoas que o sepultaram, que responde à imagem que está no altar*[63]. No século XVI este frontal foi retirado do local de origem e colocado no exterior do mesmo templo: *Esta pedra* (...) *foi tirada quando o padre frei António, dom prior que foi do convento desta vila, com poder e jurisdição episcopal em ela e todos os lugares da Ordem em que a jurisdição eclesiástica pleno jure lhe pertence, e posta fora no alpendre em um altar que está da banda do sul na parede do levante, em que se diz missa quando em algumas procissões o povo vai à dita igreja*[64].

Tardogótico (meados do século XV e primeiro quartel de Quinhentos)

A partir dos meados do século XV, inicia-se um novo ciclo. A clientela com maiores recursos financeiros manda construir retábulos fixos à parede, por vezes monumentais, sendo assumidos como um importante equipamento arquitetónico e litúrgico, não só detentor de um discurso figurativo, mas também como representação alegórica do poder do cliente. Esta situação vulgariza-se no nosso país a partir do Manuelino, apontando-se como testemunhos os que ainda subsistem nas capelas da charola do convento de Cristo, em Tomar (ver p. 164) e o da ousia da igreja paroquial de



Abrantes. Igreja paroquial de Santa Maria.
Retábulo-mor.
Foto SIPA 109639.

63 ROSA, 1972, 7, p. 274.
64 ROSA, 1972, 7, p. 379.

Santa Maria, em Abrantes, parcialmente truncado [65].

No entanto, a maioria dos retábulos, de pequenas ou médias dimensões, eram portáteis ou amovíveis, preferencialmente trípticos com portas ou volantes, com pintura figurativa nos três painéis, nalguns casos também no reverso das portas. Como alternativa, o tramo central era composto por uma estrutura arquitetónica com a escultura do orago, sendo as portas ou volantes pintados. Interessante testemunho é o tríptico de Nossa Senhora da Piedade, do extinto mosteiro das bernardas, em Portalegre, apesar de já faltarem as portas (ver p. 18).Utilizavam madeira de bordo, sendo importados da Flandres ou então de castanho ou carvalho, de produção nacional, executados inicialmente por artistas estrangeiros, que trabalham para a corte e que gradualmente vão formando profissionais portugueses. Como exemplos mencionamos o tríptico do Batismo de Cristo, atualmente exposto no batistério da igreja matriz de São João Baptista, em Tomar, mas que originariamente estava colocado sobre a mesa do altar-mor (ver p. 163) e o retábulo mandado executar, em 1505, na visitação à igreja paroquial de Proença-a-Nova: *de pano de linho pregado sobre bom tabuado* (...) *e nele pintada uma imagem de Nossa Senhora com o filho ao colo e seja de boas pinturas e dourado pelas bordas*[66].



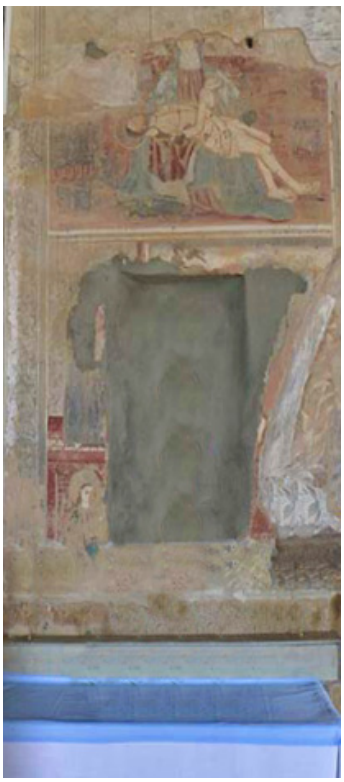
Tomar. Igreja paroquial de São João Baptista. Reverso do tríptico do Baptismo de Cristo. Foto . Laboratório de Fotografia do Instituto Politécnico de Tomar - Gonçalo Figueiredo.

À semelhança do que ocorria noutras regiões do país, o interior de diversos templos era revestido por pintura mural figurativa. As que estavam sobre o altar, apesar de não utilizarem *ainda os elementos formais de um retábulo, no entanto as figuras estão or-*

65 Em 1747, era assim descrito: de Nossa Senhora da Assunção, orago, imagem de vulto, tem retábulo dourado e apainelado e pintado, da parte do Evangelho o Cenáculo e da parte da Epístola, também pintados, São Francisco Xavier e São Caetano (L. CARDOSO, 1747, p. 30).

66 HORMIGO, 1981, p. 9.

ganizadas num esquema retabular[67]. A título de exemplo mencionamos as de São Bartolomeu, Santa Madalena e Santa Margarida, na igreja paroquial de Santa Maria, em Marvão, atual museu municipal (ver p. 162) e as descritas na visitação da Ordem de Cristo, de 1537, à igreja paroquial de Proença-a-Nova, mas que já não subsistem: *os altares de fora, a saber, o da mão direita é de São Tiago e tem sua imagem pintada na parede e antiga* (...) *e o da mão esquerda é de São Miguel* (...) *pintado na parede*[68].



Castelo Branco.
Ermida de Nossa Senhora de Mércoles.
Retábulo colateral.
Foto Ricardo Silva.

Renascimento (c. 1520 - meados do século XVI)

Período que começa a vigorar a partir da segunda década de Quinhentos e que corresponde, *grosso modo*, ao reinado de D. João III (1521 - 1557). Surge em paralelo com a manutenção de tipologias e modelos medievais, afirmando-se progressivamente como opção dominante.

De entre os materiais utilizados, a maior parte da clientela preferiu a madeira, apontando-se como exemplos o retábulo mandado executar, na década de 1540, para a capela instituída por D. Gil Eanes da Costa, junto à capela-mor da igreja do mosteiro de Santa Maria, em Almoster, *o qual havia de pintar um pintor desta cidade por nome Contreiras*[69], de que sobrevivem apenas quatro tábuas pintadas e o que é descrito na capela-mor da igreja paroquial de Proença-a-Nova, na visitação de 1537: *um bom retábulo quase novo e é de boas pinturas e tem seus pilares e coroamento de guarda-pó, dourados por partes e é de três painéis, o do meio da Anunciação de Nossa Senhora, o da mão direita de São João Baptista, o da mão esquerda de São Pedro*[70].

Dos poucos retábulos pétreos remanescentes, individuali-

67 CAETANO, 2016, p. 3.
68 HORMIGO, 1981, p. 32.
69 FLOR, 2004, p. 340.
70 HORMIGO, 1981, p. 33.



Tomar. Igreja conventual de Santa Iria.
Retábulo da capela dos Vales.
Foto Laboratório de Fotografia do Instituto Politénico de Tomar - Gonçalo de Figueiredo.

zamos o da capela dos Vales, na igreja conventual de Santa Iria, em Tomar, de pedra de Ancã e o retábulo-sepulcro do bispo D. Jorge de Melo, na igreja do antigo convento de São Bernardo, em Portalegre, de mármore de Estremoz (ver p. 166).

Em relação às tipologias formais, tiveram maior aceitação as de corpo único e três tramos e as de dois corpos e três tramos. De menor preferência foi a de corpo único e um só tramo.

Apresentamos, de seguida, algumas das características formais dos retábulos renascentistas:

-Predomínio da planta reta ou plana.

-São definidos os elementos compositivos que permanecerão, durante séculos, na grande maioria dos retábulos portugueses, a saber o embasamento, o(s) corpo(s) e o ático, estruturados através das ordens arquitetónicas em tramos. Estes últimos são preenchidos por ciclos figurativos de caráter religioso, em relevo nos exemplares de pedraria e em pintura nos de madeira.

-Os corpos e os tramos são delimitados por pilastras e/ou colunas, podendo estas últimas ser lisas, apresentar caneluras ou ainda a forma de balaústres, também designadas por *colunas monstruosas* (Diego de Sagredo).

-O vocabulário decorativo então vigente baseia-se em motivos inspirados na arquitetura greco-romana, nomeadamente candelabros, mascarões, cartelas, medalhas, urnas, bucrânios, troféus, sátiros, vieiras, etc.

Atitude anti-clássica e decoro tridentino (meados do século XVI - c. 1580)

Período correspondente à primeira fase do Maneirismo. Principia, no final do reinado de D. João III, prolongando-se até ao domínio filipino. Coexistiram duas opções estéticas, ambas de acentuado cunho classicista. Uma em que predominam os ornatos ítalo-flamengos, a outra, surgida após a última sessão do Concílio de Trento, em dezembro de 1563, pautada pela sobriedade e contenção

decorativa.

Entre os exemplares mais eruditos individualizamos o da capela de Gaspar Fragoso, na igreja conventual de São Francisco, em Portalegre, de 1571 (ver p. 168) e o que já não subsiste, mas que foi mandado executar, em 1573, pela confraria do Santíssimo Sacramento para a capela-mor da igreja paroquial do Salvador, em Torres Novas, a dois dos mais prestigiados entalhadores sediados em Lisboa[71].

A opção da madeira entalhada e predominantemente dourada continuou a ser a de maior aceitação da clientela, restringindo-se os exemplares de pedraria ou de alvenaria policromada a clientelas mais endinheiradas, como o anteriormente citado retábulo da capela de Gaspar Fragoso, de argamassa pintada[72].



Portalegre. Igreja conventual de São Francisco. Pormenor do retábulo da capela de Gaspar Fragoso. Foto Laura Portugal Romão.

Tal como acontecia no período antecedente, muitos retábulos têm um caráter narrativo ou didático, prevalecendo a tipologia que utiliza dois corpos e três tramos, preenchidos na sua maioria por pintura figurativa. Em menor número eram os retábulos devocionais a um só tema, surgindo como inovação os dedicados ao Santíssimo Sacramento. Referimos ainda a manutenção de uma tipologia, com alguma aceitação na Idade Média, composta por pequenos painéis retangulares representando passos da Vida de Cristo. Um dos dois exemplares existentes no nosso país faz parte do espólio do Museu municipal de Portalegre (ver p. 167) e pertencia ao mosteiro de São Bernardo desta cidade , sendo referenciado na sala do capítulo[73].



Portalegre. Museu Municipal. Pormenor do retábulo da Paixão. Foto José Eduardo Cunha.

Apresentamos, de seguida, algumas das características formais dos retábulos desta conjuntura artística:

-Predominam as plantas retas ou planas.

-O equilíbrio e as proporções renascentistas dão lugar, por vezes, a

71 SERRÃO, 1998, p. 144.
72 MONTEIRO, 2016, p. 370.
73 FRANCO, 2000, p. 126.

composições alongadas e esguias.

-Os elementos arquitetónicos são interpretados com alguma liberdade, tendendo mesmo a simplificar-se. Passam a preponderar as pilastras e as colunas estriadas, por vezes diferenciadas no terço inferior.

-Em relação aos ornatos, *as figuras fantásticas e contaminadas por vários mundos vão dando progressivamente lugar ao ornamento menos exótico e ordenado a um ritmo mais rígido. Motivos de frutos associados a ramos vegetalistas, ferroneries, máscaras ou cartelas várias com ou sem inscrições e extraídas sobretudo do universo da gravura de raiz flamenga preenche os campos decorativos da arquitetura*[74]. Por sua vez, nos retábulos mais sóbrios são usados poucos ornatos, designadamente elementos geométricos, vegetalistas, cabecinhas de serafins, etc…

Prenúncios do Triunfalismo Católico (c. 1580 - c. 1620)

Período correspondente à segunda fase do Maneirismo. Vigorou, *grosso modo*, no reinado dos dois primeiros monarcas espanhóis, respetivamente D. Filipe I (1580 - 1598) e D. Filipe II (1598 - 1621), assistindo-se a um estreitamento de relações artísticas com algumas cidades espanholas, a saber, Badajoz. À postura de contenção e de decoro que os responsáveis religiosos romanos tinham adotado na sequência do Concílio de Trento, quer os austeros papas, quer os grandes santos contrareformistas, sucedem os primeiros sinais de um movimento de renovação, pautado por uma postura triunfalista da Igreja Católica. Neste contexto, assiste-se à intensificação do uso de retábulos, tornando-se a obra de Sebastião Serlio o ponto de partida para uma série de ensaios e experiências que, apesar de pontuais e, em certos casos, diver-

74 CRAVEIRO, 2002, p. 407.

gentes, estão na origem de determinadas soluções de rutura, tensão, desequilíbrio e, por vezes, complexidade na composição arquitetónica retabular.

Tal como ocorreu nas fases anteriores, predomina a utilização de madeira, complementada quase sempre por painéis de pintura figurativa e/ou com esculturas, como acontece em vários retábulos da igreja da sé, em Portalegre (ver p. 169 e 177) e num retábulo lateral, na igreja paroquial de Tancos – Vila Nova da Barquinha.

Em menor número são usados outros materiais, nomeadamente os pétreos, apontando-se como exemplo o de São Nicolau Tolentino, outrora existente no transepto da igreja conventual da Graça, em Santarém (ver p. 175).

Se na maioria dos retábulos prevalece o caráter narrativo ou didático, valorizam-se também os devocionais a um só tema e os relicários, por exemplo, o que outrora existia na igreja conventual de Nossa Senhora da Graça, em Abrantes (ver p. 171), etc.

Apresentamos, de seguida, algumas das características formais dos retábulos desta conjuntura:

-Predominam as plantas retas ou planas. Em determinados exemplares é criada alguma dinamização através do facto de as colunas das extremidades estarem ligeiramente salientes em relação aos restantes elementos arquitetónicos.

-Surge a tendência para preencher a totalidade do vão da capela onde o retábulo se insere.

-A diversidade compositiva foi tão grande que se utilizaram múltiplas tipologias, algumas criadas nesta conjuntura, nomeadamente a dos retábulos triplos e a dos retábulos com *arco*, isto é, com um enquadramento arquitetónico diferenciado que envolve a totalidade ou parte do retábulo propriamente dito. Exemplos destas duas últimas, exclusivamente portuguesas, são o arco triunfal retabular da igreja da Misericórdia, em Torres Novas (ver p. 178) e o projeto, ainda subsistente, do retábulo-mor da igreja conventual de Nossa Senhora



Tancos (Vila Nova de Barquinha). Igreja paroquial.
Retábulo lateral.
Foto SIPA 1029202.



Rio de Moinhos (Abrantes). Igreja paroquial.
Pormenor do retábulo do Espírito Santo.
Foto Ana Cristina Paredes Cardoso.

da Consolação, de religiosos dominicanos, em Abrantes (ver p. 154).



Portalegre. Sé.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto Raúl Ladeira.

-Emprego de elementos dissonantes: colunas parcialmente ocultadas por segmentos de frontões curvos, coexistência de painéis pintados de formatos diferenciados, frontões triangulares rematados por cartelas elípticas ou por painéis retangulares, círculos inscritos em retângulos, entablamentos interrompidos pelo remate dos nichos, etc.

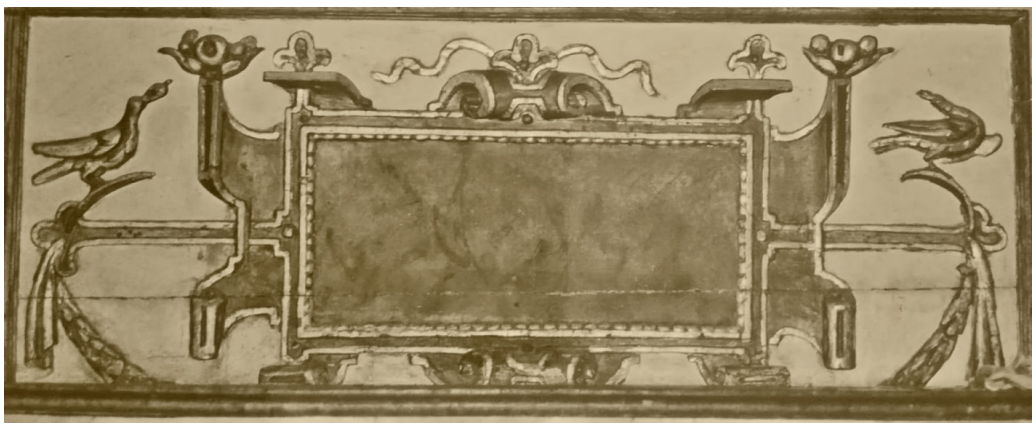
-As ordens arquitetónicas preferidas são as clássicas, nomeadamente a jónica e a coríntia, predominando esta última. O fuste é parcial ou totalmente canelado, por vezes com o terço inferior decorado com diamantes e/ou óvulos, grinaldas de frutos, cabecinhas de serafins, etc. Assiste-se ao aparecimento de elementos mais dinâmicos, nomeadamente consolas ornadas de grinaldas.

-Regista-se uma grande diversidade de soluções no ático, quer nos exemplares com uma composição única, quer nos de composição tripartida. Convém ainda destacar o uso de uma solução que veio a ter grande sucesso nos séculos seguintes: a de acompanhar o fecho da abóbada da capela através de arquivoltas plenas e concêntricas, referindo-se como provável exemplar pioneiro no nosso país o retábulo-mor da igreja da sé, em Portalegre (ver p. 169).

-A pintura figurativa deixa gradualmente de ser aplicada sobre painéis de madeira e passa a usar-se sobre telas de cânhamo, possibilitando representações de grandes dimensões.

-O vocabulário decorativo preenche, não só os elementos arquitetónicos: pedestais, colunas, pilastras e entablamentos, mas

Abrantes.
Igreja paroquial de São Vicente.
Pormenor do retábulo do Menino de Deus.



também outros espaços disponíveis. Na maioria das situações mantêm-se os ornamentos inspirados nas gravuras ítalo-flamengas, como os que encontram no retábulo do Menino de Deus, na igreja paroquial de São Vicente, em Abrantes.

Protobarroco (c. 1620 - c. 1675)

Período que principia por volta de 1620 e que se prolonga no segundo e terceiro quartéis do século XVII. O impacto da postura triunfalista da Igreja Católica acentua-se na península ibérica, onde adquire características distintas dos restantes países europeus. A partir do reinado de D. Filipe III, evidenciam-se de forma sistemática novos princípios normativos, quer litúrgicos, quer artísticos, que não serão postos em causa pelos monarcas da Restauração, nem tão pouco na sequência do abrandamento de relações diplomáticas de Portugal com a Santa Sé, ocorrido pouco depois.

Neste período, de grande relevância, surge uma das maiores inovações retabulares: o camarim ou tribuna, que preenche o centro da composição do retábulo-mor e que normalmente rompe o entablamento através de uma arquivolta plena. No seu interior é colocado um trono escalonado, expondo-se, em momentos específicos, uma custódia ou um ostensório com uma hóstia consagrada. No restante tempo, a boca do camarim estava coberta por uma tela amovível com a representação pictórica do orago ou com cortinas de tecido, que eram retiradas nas cerimónias onde se promovia a exposição solene do Santíssimo Sacramento. Consequentemente, os retábulos com estas funções eram restritos aos templos de maior importância religiosa, a saber, igrejas monástico-conventuais, igrejas matrizes ou paroquiais, igrejas de ordens terceiras e de ir-

Almoster (Santarém).
Igreja monástica de Santa Maria.
Camarim e trono do retábulo-mor.
Foto padre António dos Santos.



mandades da Misericórdia. Como testemunhos mencionamos o da igreja conventual de Santo António, na Chamusca[75] e o da igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição, em Muge – Salvaterra de Magos (ver p. 185).

Outro dos sinais de modernidade está relacionado com a preferência pelos retábulos devocionais a um só tema, com corpo único e um só tramo e que preenchem a totalidade do vão disponível, em substituição dos retábulos narrativos, com dois ou mais corpos e diversos tramos. Consequentemente, passam a ser os de maior aceitação da clientela, situação que nunca tinha ocorrido até então e no centro da composição evidencia-se um nicho emoldurado com a representação escultórica do orago. A título de exemplo mencionamos o retábulo da capela ou ermida de São José, na Azinhaga – Golegã e o da capela palatina de Salvaterra de Magos (ver p. 186).

Referimos ainda a primazia dada às representações escultóricas, por vezes, inseridas em nichos e o consequente abandono dos painéis figurativos pintados.

Por fim, mencionamos a utilização do entalhe em médio relevo, integralmente dourado e policromado, que preenche a totalidade do retábulo, incluindo os elementos arquitetónicos.

Em relação aos materiais, a madeira mais abundante em cada região foi a de maior preferência. Pouca aceitação tiveram os retábulos de pedraria e os de pintura em *trompe l'oeil*, apontando-se como testemunhos, respetivamente, alguns altares laterais da igreja paroquial de Santa Maria da Alcáçova, em Santarém e o da capela-mor da ermida de Santo António, em Arronches (ver p. 182).

Apresentamos, de seguida, algumas das características formais dos retábulos desta conjuntura:



Santarém.
Igreja paroquial de Santa Maria da Alcáçova.
Retábulo lateral.
Foto SIPA 123353.

75 Atualmente encontra-se na capela-mor da igreja paroquial de Monsanto – Idanha-a-Nova, tendo sido sujeito a algumas remodelações posteriores, algumas das quais possivelmente após a desmontagem da igreja conventual.

-As plantas retas ou planas são as de maior aceitação, surgindo os primeiros exemplares com maior dinamismo.
-Predominam as colunas com brutescos no terço inferior e caneluras no resto do fuste ou então com o fuste integramente revestido com ornatos vegetalistas. São, ainda, usadas consolas e quartelões.
-O vocabulário decorativo adquire cada vez mais um caráter naturalista, onde prevalece a folhagem de acanto, em médio relevo, sendo complementado por cabecinhas de serafins.



Salvaterra de Magos. Capela palatina.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto Município de Salvaterra de Magos.

Barroco Pleno[76] (c. 1675 - c. 1715)

Período que corresponde *grosso modo* à época de D. Pedro II, primeiro como regente (1669 - 1683), depois como monarca (1683 - 1706). De realçar o ambiente de paz e de prosperidade decorrente do fim do conflito militar com a Espanha, do consequente reatamento das relações diplomáticas com a Santa Sé e da descoberta de importantes jazidas de ouro e de diamantes na região de Minas Gerais, no Brasil. Trata-se, sem qualquer dúvida, da conjuntura que conheceu maior aceitação, subsistindo na região em estudo um acervo retabular de grande relevância artística.

O exemplar pioneiro, que já não subsiste, pode ter sido o da capela-mor da igreja conventual de São Bernardo, em Portalegre, ajustado em 1677[77].

A principal inovação foi a utilização das colunas torsas com seis ou sete espiras totalmente revestidas por cachos de uvas, parras e fénix[78] e, por vezes, meninos vindimando. Se na generalidade das situações foi utilizada a coluna torsa, é possível encontrar-se quartelões ou pilastras compósitas e pilastras com o fuste revestido



Torres Novas. Igreja paroquial do Salvador.
Pormenor do retábulo colateral.
Foto Paróquias de Torres Novas.

76 Vulgarmente conhecido por Barroco Nacional.

77 SERRÃO, 2003, p. 99.

78 (…) *feitas à salomónica, vestidas de parra, com seus pássaros e cachos no meio* (escritura de ajuste dos retábulos laterais da igreja paroquial de Monforte da Beira, em 1724 – HORMIGO, 1998, p. 52).



Monforte da Beira (Castelo Branco). Igreja paroquial. Retábulo das Almas. Foto Ricardo Silva.



Ladoeiro (Idanha-a-Nova). Igreja paroquial. Retábulo colateral. Foto Ricardo Silva.

por ornatos vegetalistas.

Outro elemento de grande relevância diz respeito à generalização de uma solução compositiva já ensaiada no ático de alguns retábulos da fase anterior, em que se utilizam arquivoltas plenas e concêntricas, cortadas transversalmente por aduelas. Agora são usados também arcos salomónicos, isto é, com espiras torsas e com ornamentação idêntica à das colunas[79]. Esta solução não foi a única utilizada, recorrendo-se pontualmente a modelos retardatários, de composição unitária ou tripartida em que o ático assenta num entablamento contínuo. Ao centro, inscrito entre quartelões, evidencia-se uma edícula, incorporando pinturas, conforme se verifica nos retábulos colaterais da igreja paroquial de Nossa Senhora da Expetação, no Ladoeiro – Idanha-a-Nova.

A outra inovação diz respeito ao vocabulário ornamental, tratado em médio ou alto-relevo, descrito na época por *talha crespa e relevante*. O ornato predominante era a folha de acanto, designado na documentação por *cardo*. Os espaços reservados à ornamentação eram preenchidos por flores diversas, frutos, meninos e anjinhos despidos ou com poucas vestes, sempre com carnação, animais (as fénixes eram as mais frequentes, cabeças de peixes, seres híbridos, etc.).

As tipologias mais utilizadas foram a de corpo único e um só tramo e a de corpo único e três tramos. De reduzida aceitação foi a dos arcos triunfais retabulares, aplicada em templos em que o frontispício da nave é integralmente preenchido por dois retábulos colaterais que se interligam entre si através do revestimento em talha das pilastras do arco triunfal e do espaço contíguo, como ocorre na igreja paroquial de Nossa Senhora da Graça, em Lapas, concelho de Torres Novas (ver p. 192).

79 (…) *e por cima das colunas* (…) *terão duas voltas de torcidos, vestidos de parra, correspondentes às colunas* (escritura de ajuste dos retábulos laterais da igreja paroquial de Monforte da Beira, em 1724. HORMIGO, 1998, p. 52).

Se, a larga maioria da clientela prefere a madeira entalhada, dourada e policromada, pontualmente assiste-se à utilização de materiais pétreos com embutidos policromos, nomeadamente no embasamento de alguns retábulos, situação que se verifica na igreja do antigo colégio da Companhia de Jesus, em Santarém (ver pp. 194 a 196).

Apresentamos, de seguida, as principais características dos retábulos desta fase:

-Predomínio de plantas dinâmicas, nomeadamente em perspetiva côncava.

-Os camarins ou tribunas deixam de estar associados aos retábulos onde se realiza a exposição solene do Santíssimo Sacramento e tendem a ser utilizados também nos exemplares relicários e nos devocionais a um ou mais temas.

-São empregues diversos elementos figurativos em relevo escultórico, quer nas mísulas e nos pedestais do embasamento, quer nos consolos do ático. A este propósito mencionamos o uso de *metas ou meios corpos*, como se vê no retábulo de Nossa Senhora do Socorro, na igreja do extinto colégio da Companhia de Jesus, em Santarém, executado em 1705, por Claude Laprade (ver p. 195). A explicação para os *meios corpos, cujas cabeças tem mão nos capitéis deles* encontramos numa carta, datada de 25 de janeiro de 1727, do representante do cabido da sé do Porto a propósito do risco do retábulo concebido por Laprade para o retábulo-mor deste templo: *o princípio destes meios corpos é um modo de pilar revestido de folhagem* (...) *porém esta obra mostra ser de mais de vinte anos* (...) *porém na planta que há de dar o Laprade tenção se faz desses meios corpos ou metas no remate de cima das colunas*

Santarém. Igreja do extinto colégio, atual sé. Pormenor do retábulo de Nossa Senhora do Socorro. Foto Hélio Ramos.





Chamusca. Igreja paroquial de São Pedro.
Capela-mor.
Foto SIPA 9699.

para o altar-mor[80].

-A ornamentação expande-se por todos os espaços, numa atitude de *horror vacui*, pervertendo toda a composição.

-Assiste-se a uma tendência generalizada para os retábulos serem complementados por outras modalidades artísticas. De entre estas avultam a talha dourada, o azulejo figurativo azul e branco, a pintura de brutesco acântico, sendo menos frequente os mármores com embutidos, o estuque, etc. Nos exemplares em que mais se investiu no envolvimento dos fiéis, assiste-se ao preenchimento total do espaço disponível, as chamadas obras de arte total, quer em capelas-mores ou laterais, quer na totalidade dos templos. A aplicação simultânea destas manifestações artísticas surgiu como uma solução exclusivamente portuguesa, compensando a manutenção de soluções planimétricas retardatárias que, na maioria das situações, se manteve alheia às inovações da arquitetura barroca italiana.

Barroco Final[81] (c. 1715 - década de 1740)

Conjuntura artística que corresponde, *grosso modo*, ao longo reinado de D. João V, em que predomina nos retábulos um carácter cenográfico de luxo e ostentação, resultante de uma maior aproximação aos cânones oriundos de Roma. A partir de 1713, com o fim da participação portuguesa na Guerra da Sucessão de Espanha, inicia-se um período de paz e de grande prosperidade, impulsionado pelo enriquecimento provocado pelo ouro e pelos diamantes originários do Brasil.

Numa fase inicial, que às vezes se prolonga por uma ou duas décadas, as tradicionais colunas torsas mantêm a sua configuração formal, sendo na maioria das situações renovada a decoração, que

80 BRANDÃO, 1986, p. 32.

81 Vulgarmente conhecido por Barroco Joanino.

passa a utilizar ornatos vegetalistas e flores diversas. Como exemplar pioneiro referimos o retábulo de Nossa Senhora do Socorro, na igreja do extinto colégio da Companhia de Jesus, em Santarém, ainda executado em 1705, muito provavelmente por um reputado artista francês chegado há pouco tempo ao nosso país, Claude Laprade (ver p. 195).

A partir de 1727, predomina o uso de colunas torsas, que tomam por modelo as divulgadas pelo tratado do padre jesuíta Andrea Pozzo (ver p. 108). Com o fuste espiralado, apresentam o terço inferior diferenciado, sendo o resto da garganta percorrida por uma grinalda de flores, como ocorre no retábulo-mor da igreja do Senhor do Bonfim, em Portalegre. Como alternativa, com alguma aceitação, referimos o uso de quartelões, apontando-se como exemplo o retábulo de Jesus, Maria e José, na anteriormente referida igreja de Almoster (ver p. 214).



Portalegre.
Igreja do Senhor do Bonfim.
Retábulo-mor.
Foto SIPA 850594.

A clientela mais próxima da corte preferia os retábulos *à romana*, isto é, de pedraria policroma, que tomavam por modelo os exemplares que se construíam em Roma. Apresentam corpo único e um só tramo, inserindo-se o intercolúnio entre duas colunas, uma de cada lado ou então entre colunas duplas. Por sua vez, a representação do orago é preferencialmente em pintura figurativa, cuja tela emoldurada se insere no centro da composição. Só em casos



Almoster (Santarém).
Igreja monástica de Santa Maria.
Pormenor do retábulo de Jesus, Maria e José.
Foto Pedro Melo Tavares.

pontuais se recorre ao relevo escultórico. Encontramos exemplos de ambas as situações nos dois retábulos existentes na já referida igreja do antigo colégio da Companhia de Jesus, em Santarém, atual sé, ambos concebidos por artistas estrangeiros: o da capela-mor, que ainda utiliza embutidos de pedraria polícroma, em que na boca do camarim havia uma tela pintada, apesar de atualmente ter sido retirada (ver p. 198) e o de Nossa Senhora da Boa Morte (ver p. 216).

Apresentamos, de seguida, as principais características formais dos retábulos desta conjuntura artística, nomeadamente as que foram mais inovadoras:

-As plantas tendem a ser cada vez mais dinâmicas, maioritariamente em perspetiva côncava, passando a usar-se também a perspetiva convexa.



Tinalhas (Castelo Branco). Igreja paroquial.
Retábulo do Senhor Jesus..
Foto Ricardo Silva.

-São aplicados dosséis com sanefas, alguns com cortinas repuxadas por meninos ou anjinhos, quer no remate do camarim ou do nicho central, quer nas ilhargas ou nos tramos laterais, sendo frequentes as expressões: *nichos com cúpulas ao moderno, com suas cortinas, de madeira*; *nichos em forma de pavilhão*, *cortinas com dossel*, etc.

-O ático desempenha um papel compositivo fundamental. Em certos exemplares surge como o principal elemento inovador. Para além dos dosséis são empregues segmentos de frontões curvos, alguns sustentando figuras de anjos em alto-relevo; volutas, festões, elementos vegetalistas, etc. Como eventual retábulo pioneiro mencionamos mais uma vez o de Nossa Senhora do Socorro, na igreja do extinto colégio da Companhia de Jesus, em Santarém (ver p. 195).

-São usados com frequência elementos figurativos em alto-relevo (atlantes, meninos hercúleos, anjos, querubins, serafins, meninos,

etc.), não só no embasamento e no ático, mas também nas ordens arquitetónicas, chegando por vezes a substituí-las, conforme se verifica nos retábulos colaterais da igreja do Senhor do Bonfim, em Portalegre (ver p. 215).

-A ornamentação continua a ser tratada preferencialmente em relevo (em alto, médio ou pequeno relevo ou *baixinha*) e a invadir todos os espaços disponíveis.

-O vocabulário decorativo apresenta duas facetas diferentes: uma, de origem italiana, em grande parte já aclimatizada no nosso país na fase anterior; a outra, mais inovadora e próxima da Regência francesa. De entre os ornatos mais usuais na Regência destacamos as cabeças coroadas com plumas, palmetas, faixas de arabescos, elementos de expressão gráfica, ornatos sinuosos e leves, etc.

-O predomínio da aplicação do douramento, complementado por alguma policromia, pela carnação e pelo estofado.

-Mantém-se a tendência generalizada para os retábulos serem complementados por outras modalidades artísticas, como se verifica na cobertura da capela-mor da igreja do extinto colégio da Companhia de Jesus, atual sé, em Santarém.



Santarém. Igreja do extinto colégio, atual sé.
Cobertura da capela-mor.
Foto SIPA 542081.

Tardobarroco e Rococó (década de 1740 - década de 1790)

Período que principia na cidade de Lisboa, na década de 1740, fortemente condicionado pela drástica diminuição de recursos financeiros, deixando praticamente de se receber ouro e diamantes do Brasil. Coexistem duas opções estéticas diferentes: o Tardobarroco e o Rococó, que acabam por se influenciar mutuamente.

Apesar de os retábulos *à romana* ou *à maneira de Roma* terem sido minoritários na fase anterior, restringindo-se a sua aceitação a algumas elites lideradas pelo rei D. João V, a partir dos meados de

Setecentos afirmam-se gradualmente, estando na origem do Tardobarroco. Na sua larga maioria deixam de ser de pedraria policroma, de elevado custo, passando a ser de madeira ou de alvenaria estucada fingindo pedraria. Esta opção teve grande aceitação na região em estudo, utilizando-se mesmo este termo nas *Memórias Paroquiais* de 1758, a propósito do retábulo da capela das Almas, na igreja paroquial de São Sebastião, em Cernache do Bonjardim – Sertã: *feito primorosamente à romana*[82].

Salvaterra do Extremo (Idanha-a-Nova).
Igreja paroquial.
Retábulo do Senhor Crucificado.
Foto João Manuel Duarte.



O Rococó, de origem francesa, apresenta como elemento ornamental inovador os concheados ou rocalhas, continuando a ser predominantemente entalhados e dourados e como tal de maiores encargos financeiros. Como exemplares inovadores mencionamos os dois retábulos laterais da igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição, em Salvaterra do Extremo – Idanha-a-Nova, um de Nossa Senhora da Conceição (ver p. 226) e o de São Miguel, atualmente do Senhor Crucificado, descritos nas Memórias Paroquiais de 1758, da seguinte maneira: *dourados com talha moderna*[83]. Pontualmente, o Rococó também foi usado em retábulos de pedraria, mencionando-se como e-

82 DICIONÁRIO GEOGRÁFICO, 1758, p. 969; S. SALDANHA, 2020, p. 179.
83 DICIONÁRIO GEOGRÁFICO, 1758, p. 211.

ventual exemplar pioneiro o cenotáfio com a imagem de Nossa Senhora da Boa Morte, na igreja do extinto colégio da companhia de Jesus, atual sé, em Santarém.

As crescentes dificuldades económicas e a consequente opção da Corte pelos valores do Tardobarroco acabaram gradualmente por se impor em todos os locais, apesar de alguma resistência, cada vez mais pontual dos adeptos do Rococó. Deste modo terminava um longo e interessante ciclo, estreitamente associado ao Barroco.



Santarém. Igreja do extinto colégio, atual sé. Cenotáfio do retábulo de Nossa Senhora da Boa Morte. Foto Hélio Ramos.

Apresentamos, de seguida, as principais características formais, nomeadamente as que foram mais inovadoras:

-As plantas denotam grande dinamismo, como nunca até então tinha ocorrido. Nalguns casos, utilizam-se superfícies curvilíneas, quer côncavas, quer convexas. Noutros prefere-se acentuar a angulosidade dos elementos arquitetónicos, que são colocados de viés.

-A aplicação de uma grande diversidade de elementos arquitetónicos: colunas torsas ornamentadas por uma grinalda de flores na garganta do fuste, com ou sem o terço inferior diferenciado; colunas clássicas de fuste liso, por vezes adossadas com diferentes ornatos, incluindo concheados; colunas e pilastras compósitas, quartelões, pilares-estípites, etc. Interessante testemunho é o retábulo da capela privativa de Faustino Dias Leal, na igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção, em Tinalhas- Castelo Branco (ver p. 234), executado em 1783.

-Desenvolve-se a tendência para recorrer à pintura figurativa de painéis, que tanto é empregue nos exemplares de pedraria como nos de madeira entalhada.

-O uso de soluções diversificadas no ático, desde composições definidas por elementos arquitetónicos clássicos a outras bastante



Lousa (Castelo Branco).
Igreja paroquial. Retábulo-mor.
Foto SIPA 1076433

mais elaboradas.

-Os elementos figurativos são pouco empregues, restringindo-se a figuras de anjos, a Virtudes e a cabecinhas de serafins.

-Se, em muitos exemplares, os ornatos em talha são desvalorizados, nos que adotam mais fielmente o Rococó, o vocabulário ornamental assenta sobretudo nos concheados ou rocalhas fantasistas e assimétricas. Usam-se também linhas sinuosas e formas auriculares, ornatos vegetalistas estilizados, flores diversas, etc.

-O douramento continua a ser usado, restringindo-se, por vezes, a sua utilização a alguns ornatos em relevo escultórico. Em muitos retábulos é aplicada pintura a fingir pedraria, nomeadamente o lápis-lazúli, como se constata na escritura de pintura e douramento do retábulo da capela-mor da igreja paroquial de Nossa Senhora dos Altos Céus, em Lousa – Castelo Branco, realizada em 1781: *todos os lisos que se acharem serão de pedras fingidas de várias cores* (…) *excetuando as colunas e estas serão de lápis-lazúli com seus aros cor de ouro*[84]. Por influência dos ambientes cortesãos começa a aplicar-se o branco de pérola e o branco de leite com ligeiras aplicações de ouro.

-Mantém-se a tendência generalizada para os retábulos serem complementados por outras modalidades artísticas.

Neoclassicismo e Romantismos (década de 1790 – meados do século XX)

A partir da década de 1790, principia um período de declínio, que maioritariamente dá continuidade às normas de contenção e sobriedade defendidas nas décadas anteriores pelos adeptos do Tardobarroco.

Estas opções estéticas acompanharam a profunda alteração de valores que se instalou na sociedade. As irmandades perderam

84 HORMIGO, 1998, p. 44.

adeptos: *a mundividência subjacente a esta transformação gradual de atitudes coincide com o período de difusão das ideias iluministas que se acentua na viragem do século e no decurso da experiência liberal de 1820-1823. Sob o impacto das novas ideias, sobem de tom as críticas aos excessos de uma prática religiosa superficial, incapaz de potenciar os valores espiritualmente libertadores do Cristianismo. Os ventos da secularização, trazidos pelo movimento das Luzes, contagiam o campo moral e dos costumes e sedimentam, em nome da razão crítica, os primeiros ataques públicos à intolerância e ao rigorismo do clero conservador*[85].

Após a queda do Antigo Regime e a consequente perda das fontes de financiamento da Igreja, acentua-se o período de declínio e de apego ao passado, que se prolonga até ao Concílio Vaticano II (1962 - 1965).

A partir de então predominam os retábulos de menor qualidade, delineados e executados na sua maioria por artífices de modestas qualificações.

A madeira continuou a ser o material de maior aceitação, quer fingindo pedraria policroma, quer revestida a branco de leite com ligeiras aplicações de ouro. Pontualmente recorre-se à pedraria e a outras matérias-primas de baixo custo (argamassas de cal e areia, estuque, etc.).

As tipologias de maior aceitação foram a de corpo único e um só tramo, podendo o intercolúnio inscrever-se entre dois ou mais elementos arquitetónicos e a de composição tripartida, em que cada tramo é ladeado por duas colunas ou pilastras, uma de cada lado. Como exemplos referimos, respetivamente, os retábulos colaterais da igreja da Misericórdia, em Santarém (ver p. 238) e o da capela-mor da igreja paroquial de Santa Marta, em Árgea – Torres Novas.

Apresentamos algumas das características principais deste



Santarém. Igreja paroquial de Marvila.
Retábulo colateral.
Fotos SIPA 517639.



Sardoal. Capela de Nossa Senhora da Lapa.
Retábulo-mor, de alvenaria estucada.
Foto SIPA 124292.

85 A. ARAÚJO, 1997, p. 341.

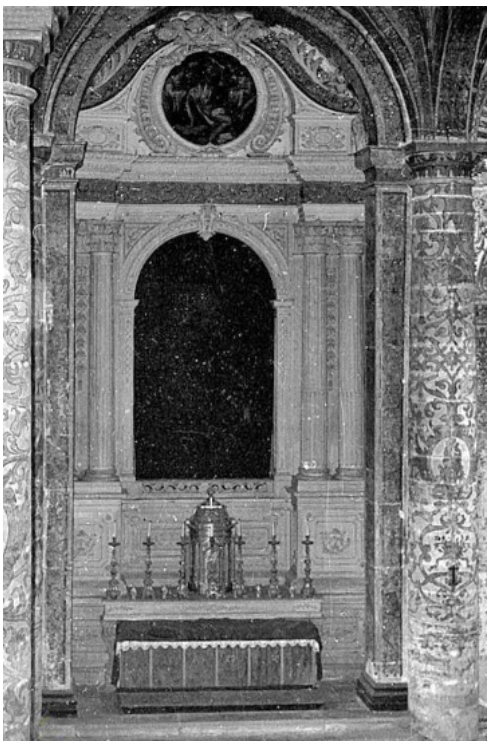
período:

-As plantas de maior aceitação continuaram a ser planas ou retas.

-O predomínio de estruturas lineares e de grande contenção e sobriedade, mantendo-se por vezes alguns elementos compositivos das épocas anteriores, designadamente os camarins preenchidos com tronos escalonados, na sua maioria destinados à exposição solene do Santíssimo Sacramento. A título de exemplo mencionamos o retábulo-mor da igreja da Misericórdia, em Santarém.

-Nos retábulos historicistas, os elementos arquitetónicos usados obedecem ao formulário que lhes serve de referência, como ocorre no do Arcanjo São Miguel, na igreja paroquial de Santiago, em Torres Novas, que retoma o formulário Barroco. Nos restantes predominam as ordens clássicas.

-O vocabulário ornamental, de desenho fino e leve, é usado pontualmente, restringindo-se a alguns ornatos vegetalistas, grinaldas, vasos de flores, urnas, etc.



Santarém. Igreja da Misericórdia.
Retábulo-mor.
Foto SIPA 517322.



Torres Novas.
Igreja paroquial de Santiago.
Retábulo de São Miguel Arcanjo, de 1876.
Foto SIPA 179575.

Filiação artística

Tendo em conta que as paróquias da diocese de Santarém, até 1975, estavam incluídas no patriarcado de Lisboa, os retábulos remanescentes integram-se na realidade artística lisboeta, ainda que alguns exemplares tenham sido executados por uma ou outra oficina estabelecida em Santarém e em Torres Novas.

Já o acervo subsistente na diocese de Portalegre – Castelo Branco, apesar de ser também subsidiário de Lisboa, reflete o envolvimento, não só de algumas oficinas locais, nem sempre devidamente a par do formulário vigentes, mas também de profissionais oriundos do arcebispado de Évora e de localidades mais afastadas (Coimbra, Porto, Famalicão, Braga, Barcelos, Guimarães, etc.).

Convém lembrar que era em Lisboa que estava sediada a Corte e os seus principais agentes artísticos, os arquitetos régios, sendo da competência destes últimos a receção das inovações oriundas da Europa e a sua reformulação, que gradualmente servia de modelo às restantes regiões.

A partir dos dados documentais analisados e da analogia formal com exemplares afins, mencionamos diversos testemunhos da estreita relação artística com retábulos concebidos e/ou executados na cidade de Lisboa:

-Na visitação efetuada, em 1573, à igreja paroquial do Salvador, em Torres Novas, é recomendado *aos oficiais da confraria do Santíssimo Sacramento mandem trazer o retábulo que têm dado a fazer em Lisboa*[86].

-Nos princípios do século XVII, o risco, ainda subsistente (ver p. 154), destinado ao retábulo principal da igreja do convento de Nossa Senhora da Consolação, dos religiosos de São Domingos,



Abrantes.
Igreja conventual de Nossa Senhora da Consolação.
Pormenor do risco do retábulo-mor.
Biblioteca Nacional de Lisboa.
Fonte CARVALHO, 1977, 582-27R.

86 SERRÃO, 2012, p. 210.

em Abrantes[87], é provavelmente concebido por António Vaz de Castro, reputado mestre marceneiro e debuxador, com oficina aberta na cidade de Lisboa.

-Pedro Nunes Tinoco, arquiteto régio sediado na cidade de Lisboa, pode ter concebido o risco do retábulo de pedraria da capela de São Nicolau Tolentino (ver p. 175), situada no transepto da igreja do mosteiro de Nossa Senhora da Graça de Santarém, obra concebida por volta de 1603[88]. Como arquiteto da Ordem militar do Hospital, é possível ser o autor do risco do retábulo da ermida de São Brás, localizada no interior do castelo de Belver (ver p. 183).

-Em 1642, frei João Turriano, religioso beneditino que chegou a desempenhar as funções de engenheiro-mor do Reino, de parceria com Marcos Magalhães, morador em Lisboa, faz o risco do retábulo-mor da igreja monástica de São Bento dos Apóstolos, em Santarém, cujo entalhe foi assumido pelo este último profissional[89].

-A 6 de novembro de 1664, António Vaz de Castro, filho do mestre anteriormente indicado, ajusta a execução do retábulo-mor da igreja paroquial de São Vicente, em Abrantes, de acordo com uma das duas traças que apresentou[90].

-Tem sido atribuído a Mateus do Couto, *o moço*, proeminente arquiteto régio sediado na cidade de Lisboa, a autoria do projeto do retábulo da capela do paço real de Salvaterra de Magos, executado por volta de 1666[91] (ver p. 186). É ainda possível ter concebido o risco do retábulo-mor da igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição, em Muge – Salvaterra de Magos (ver p. 185).

-O padre frei João Peixoto, religioso e debuxador, morador em Lis-

87 A. CARVALHO, 1977, pp. 95 e 96.
88 SERRÃO, 1990, pp. 69 e 70.
89 SERRÃO, 1983, p. 42.
90 SERRÃO, 1992, 2, p. 614.
91 LAMEIRA e SERRÃO, 2001, p. 217.

boa, executa alguns projetos de retábulos para as religiosas cistercienses[92], sendo possível atribuir-lhe o do retábulo-mor da igreja do mosteiro de Santa Maria, em Almoster, por volta de 1675 (ver p. 188).

-A 30 de maio de 1685, o mestre entalhador Manuel da Silva, originário de Lisboa, mas com oficina aberta em Torres Novas, ajusta a feitura do retábulo-mor da igreja paroquial do Salvador, nesta última localidade (ver p. 100), tomando por modelo alguns elementos do retábulo principal da igreja do convento de São Francisco, em Lisboa[93].

-Em 1690, quando o mestre entalhador lisboeta José Ramalho assume a execução do retábulo-mor da igreja paroquial de Tancos – Vila Nova da Barquinha, uma das cláusulas refere que *a frontaria do dito retábulo há de ser conforme a traça e perfeição do retábulo da capela-mor de Santa Catarina de Monte Sinai desta cidade* (de Lisboa) *e o trono da tribuna há de ser na forma do trono e traça da igreja dos Santos Reis do Campo Grande* (também em Lisboa)[94].

-No dia 15 de outubro de 1692, o mestre entalhador lisboeta Matias Rodrigues de Carvalho ajusta com o vigário da igreja e freguesia de Santiago, em Santarém, em nome do reverendo prelado de Tomar, D. Francisco Lobo da Silveira, o entalhe do retábulo-mor para esse templo, pela quantia de 250$000 réis, tendo feito também o *risco*[95].

-No dia 3 de outubro de 1709, o mestre entalhador lisboeta Matias Rodrigues de Carvalho assume com o padre Manuel Calado, da Companhia de Jesus, a remodelação d*o* retábulo de Nossa Senhora da Glória, localizado na igreja do colégio, em Santarém, *pelo mesmo rascunho e forma que ele fez na capela de Nossa Senhora dos Agonizantes da*

92 SERRÃO, 2003, p. 99.
93 GREGÓRIO, 2003, p. 95; SERRÃO, 2012, p. 192.
94 FERREIRA, 2009, 2, p. 290.
95 FERREIRA, 2009, pp. 265 a 267 e 550.

casa professa de São Roque, em Lisboa[96].

-Em 1713, o retábulo-mor da igreja do colégio da Companhia de Jesus, em Santarém (ver p. 198), é executado de acordo com o risco feito pelo mestre pedreiro milanês, radicado em Lisboa, Carlos Baptista Garvo[97].

-Em 1738, Carlos Mardel, prestigiado arquiteto régio sediado em Lisboa, intervém no projeto do retábulo concebido pelo escultor italiano João António Bellini de Pádua, com oficina aberta em Lisboa, para a capela de Nossa Senhora da Boa Morte, na igreja do colégio de Nossa Senhora da Conceição, em Santarém, sugerindo que passe a ter quatro colunas em vez das duas previstas[98] (ver p. 216).

-Manuel da Costa Negreiros, *arquiteto da religião de Malta*, morador na cidade de Lisboa, em 1748, concebe as plantas para seis retábulos de igrejas do priorado do Crato (Nossa Senhora da Assunção, na vila de Gavião, Nossa Senhora da Graça em Envendos – Mação, São João Baptista, em Carvoeiro – Mação, Nossa Senhora da Visitação, em Belver – Gavião, Santo António, no lugar de Marmeleiro – Sertã e São Vicente, na aldeia de Troviscal – Sertã), cujo entalhe é assumido a 13 de março do dito ano pelos mestres entalhadores lisboetas Matias José de Faria e Jorge Soares de Oliveira[99]. É ainda provável ter concebido o risco do retábulo principal da igreja de Nossa Senhora dos Mártires, no Crato, cujo entalhe é ajustado em 1749 pelo mestre lisboeta Caetano Rodrigues Gomes.

-Depois de 1758, o arquiteto régio Rodrigo Franco, morador na cidade de Lisboa, pode ter executado o projeto do retábulo-mor da igreja paroquial de São Vicente, em Abrantes (ver p.146).

-É possível atribuir a Mateus Vicente de Oliveira, reputado arquiteto

96 FERREIRA, 2009, pp. 418 a 420 e 552; LAMEIRA, 2009, p. 39.
97 CARVALHO, 1962, 2, pp. 236 a 238; SERRÃO, 1990, p. 84; LAMEIRA, 2006, pp. 35 e 87; COUTINHO, 2010, 2, pp. 200 a 203.
98 BONIFÁCIO, 1990, 1, p. 236.
99 BONIFÁCIO, 1990, pp. 360 a 364.

régio e da Ordem de Malta, morador em Lisboa, a autoria do risco de dois retábulos-mores de igrejas paroquiais do priorado do Crato: a de São João, em Castelo de Vide e a de Santa Maria, no Marvão.

-Em 1784, o arquiteto Manuel Afonso Rodrigues Pita, morador na cidade de Lisboa, concebe o risco do retábulo principal da igreja matriz de Santa Maria da Devesa, em Castelo de Vide[100] .

-Após 1786, Manuel Caetano de Sousa, morador em Lisboa, na qualidade de arquiteto do priorado do Crato, deve ter concebido o risco do retábulo-mor da igreja paroquial de Santiago, em Portalegre (ver p. 139).



Vila Viçosa. Ermida de São Bento. Retábulo-mor. Foto SIPA .767075.

Em relação aos retábulos de pedraria executados na segunda metade do século XVIII na diocese de Portalegre – Castelo Branco verifica-se uma estreita dependência dos mestres canteiros com oficina aberta nas localidades fornecedoras de mármores, nomeadamente Vila Viçosa e Estremoz. Entre diversos exemplos mencionamos as grandes semelhanças compositivas entre o retábulo-mor da ermida de São Bento, em Vila Viçosa e o da capela-mor da igreja conventual de Santo António, em Alter do Chão (ver p. 96) e o ajuste notarial, celebrado a 14 de abril de 1783, entre o bispo de Castelo Branco, D. Vicente Ferrer da Rocha e o mestre canteiro Pedro Gonçalves, com oficina aberta em Estremoz, comprometendo-se este último a executar o retábulo da capela do Santíssimo, na igreja da sé[101] (ver p. 235).

A análise formal dos retábulos recenseados permite-nos ainda perceber a participação pontual de artistas espanhóis, muito prova-

100 R. CARVALHO, 2006, p. 55.
101 MARTINS, 2003, pp. 5 a 8.

velmente originários de Badajoz, sede de assento episcopal e importante foco artístico setecentista da Baixa Estremadura espanhola[102]. A um destes profissionais atribuímos o retábulo-mor da igreja da Misericórdia de Póvoas e Meadas – Castelo de Vide, executado no segundo quartel do século XVIII (ver p. 208).

Entre diversos testemunhos, apresentamos, de seguida, alguns retábulos menos eruditos, que resultaram da intervenção de oficinas menos atualizadas e/ou com maiores limitações técnicas, em maior número sediadas no arciprestado de Castelo Branco:

-O retábulo principal da ermida do Espírito Santo, em Alcains – Castelo Branco (ver p. 191), assim como os colaterais da igreja paroquial de Nossa Senhora da Expetação, no Ladoeiro – Idanha-a-Nova (ver p. 74), utilizam simultaneamente elementos inovadores (colunas torsas com seis espiras revestidas com cachos de uvas e parras) e retardatários (entablamento contínuo sobre o qual assenta uma edícula central).

-O retábulo do Santo Cristo, atualmente do Senhor dos Passos, na igreja paroquial de São Martinho, na Lardosa – Castelo Branco (ver p. 211) concilia elementos inovadores (colunas torsas com o fuste revestido com flores diversas e ornatos vegetalistas) e retardatários (arcos salomónicos cortados transversalmente por aduelas).

-O retábulo do Senhor Jesus, na igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção, em Tinalhas – Castelo Branco (ver p. 78), emprega simultaneamente elementos inovadores (colunas torsas com o fuste revestido com flores diversas e ornatos vegetalistas, dosséis com cortinas repuxadas nos nichos dos tramos laterais e segmentos de frontões curvos no remate das colunas das extremidades) e retardatários (arcos salomónicos cortados transversalmente por adue-

102 NIEVES, 1991, p. 545.

las).

-Os retábulos os colaterais da igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição, em Mação e o anteriormente referido retábulo do Santo Cristo, na Lardosa, empregam colunas torsas, mas somente com cinco espiras e não com seis ou sete como então era usual.

-O retábulo-mor da igreja paroquial de São Martinho, em Lardosa – Castelo Branco, apresenta nos dois registos do embasamento diversas representações figurativas em relevo escultórico, que denotam alguma dificuldade no entalhe.



Lardosa (Castelo Branco).
Igreja paroquial.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto Ricardo Silva.



Constância. Capela da Quinta de Santa Bárbara.
Pormenor do retábulo.
Foto Hélio Ramos.

Materiais e técnicas

Até um retábulo ficar concluído passava por sucessivas etapas, nomeadamente o projeto, a execução e os acabamentos, nas quais eram empregues materiais e técnicas diferenciadas. Vejamos então como se desenvolvia este processo nos três momentos indicados.

Projeto

Como já referimos, o projeto de um retábulo era então designado por *risco*, *traça*, *debuxo*, *rascunho*, *amostra*, *borrão*, etc. Os projetos eram desenhados em folhas de papel, em formato ligeiramente superior a A4 ou A3, respetivamente nos mais pequenos e nos maiores. Na sua maioria eram executados com tinta preta, só em casos restritos, se recorria a outras cores, nomeadamente o amarelo. Os projetos eram acompanhados, muitas vezes, por apontamentos escritos que especificavam as exigências do cliente.

No caso dos retábulos de pedraria ou com fingimentos de pedraria policroma, o projeto pode ser acompanhado por uma listagem ou minuta das cores das pedras a utilizar. Foi o que aconteceu, por exemplo, em 1739, no ajuste do retábulo da capela da Quinta de Santa Bárbara, em Punhete, atual Constância: *festões, amarelos; vaso de flores, branco; cimalha do remate de cima, vermelha e amarela; frontispício de cima da volta do painel, branco; os meninos, de pedra branca; cimalha do retábulo, branca; friso, pedra preta; arquitrave, amarela; capitéis, brancos; colunas, de bastardo; cartelas, brancas; fundos, vermelhos; moldura do caixilho, de pedra preta; sacrário, de pedra branca de Estremoz; varas, brancas; soco, de bastardo; banqueta, vermelha e amarela; cimalha do altar, branca; urna, preta; embasamento da urna, de bastardo; degraus, brancos; a pedra da medalha, de pedra de Estremoz*[103].

103 LAMEIRA, 2006, pp. 20 e 21.

Só pontualmente se solicitava a execução de maquetas ou modelos de madeira. Um dos poucos exemplares subsistentes no nosso país é o que se encontra no Museu da Lourinhã e que representa o interior da igreja de Louriçal do Campo – Castelo Branco e que foi elaborado por volta de 1842 (ver p. 157).

Execução

Em relação à feitura de retábulos, a madeira foi a opção mais vulgar ao longo dos séculos. A preferência por este material justifica-se por vários fatores: a existência de matéria-prima a custos acessíveis, a formação de mão-de-obra experiente desde os meados do século XVI, a eficácia e o baixo preço dos profissionais e finalmente por opções estéticas.

Conforme se verifica na documentação, a madeira necessitava de estar em boas condições: *as madeiras sejam secas para que a dita obra não abra e abrindo por falta de não serem secas se obrigam eles mestres o conserto da dita obra*[104]. Depois de adquirida, era conduzida para a oficina ou tenda do mestre ou então para as instalações cedidas pelo dono da obra, normalmente nas imediações do templo para onde se destinava o retábulo. Aí era cortada e preparada de acordo com o tipo de entalhe previamente definido pelo cliente, como se verifica nos seguintes exemplos:

-Em 1687, no ajuste do retábulo-mor da igreja paroquial de Cernache do Bonjardim – Sertã é declarado que *a varanda da tribuna será de talha vazada, com suas molduras por cima picadas*[105].

-Em 1705, na escritura do ajuste do retábulo de Nossa Senhora da Glória, na igreja do colégio, em Santarém, é referido: *com o mesmo entalhe levantado, com os mesmos escudos entre as colunas e as mesmas tarjas*



Santarém. Igreja do extinto colégio, atual sé. Pormenor do retábulo de Nossa Senhora da Glória. Foto Hélio Ramos.

104 BRANDÃO, 1984, p. 600.
105 BRANDÃO, 1984, p. 637.

com a mesma talha levantada [106].

Depois de entalhadas as várias peças que compunham o retábulo, era transportado para o local de destino, como se verifica no compromisso assumido, em 1677, pelo mestre marceneiro lisboeta Domingos Lopes relativo à execução do retábulo-mor da igreja monástica de São Bernardo, em Portalegre: *o carrego de todas as madeiras do dito retábulo serão postas desta cidade até a vila de Abrantes por conta e risco dele, dito mestre marceneiro e da dita vila de Abrantes até à dita cidade de Portalegre serão obrigados por conta do dito mosteiro*[107]. Já no interior do templo, os diversos membros da oficina trabalhavam no encaixe ou ensamblagem das peças e na montagem final.

Por vezes, no mesmo retábulo utilizavam-se madeiras diferentes, reservando-se as de menor qualidade para os lugares de menos visibilidade. Preferencialmente recorria-se às madeiras com maior abundância em cada região, predominando a de castanho (*castanea sativa*). Menor foi o recurso a madeiras importadas, nomeadamente a de *bordo* (*acer pseudoplatanus*), e do pinho (*pinus silvestris*), originárias da Flandres. Exemplos destas três situações são, respetivamente, o retábulo da capela-mor da igreja paroquial de Santiago, em Torres Novas (ver p. 205), conforme se constata na escritura de ajuste, realizada em 1724[108], o de São Francisco Xavier, na igreja do colégio, atual sé, em Santarém (ver p. 137), também referenciada numa das cláusulas do contrato notarial[109] e o que foi ajustado, em 1791, para a capela-mor da igreja da Misericórdia, em Castelo de Vide, *em madeira de pinho*



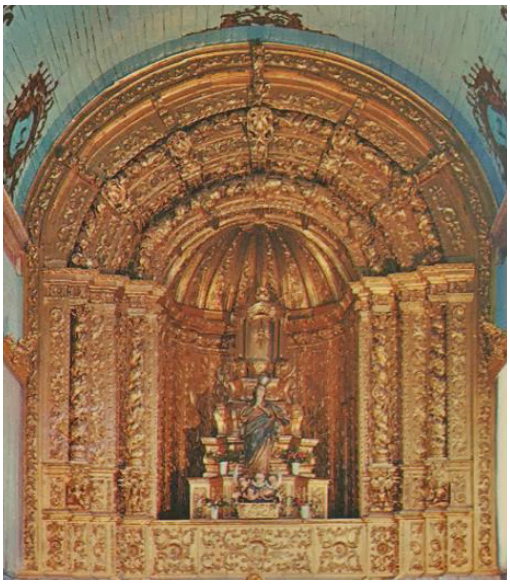
Torres Novas. Igreja paroquial de Santiago.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto Paróquias de Torres Novas.

106 FERREIRA, 2009, 2, p. 394.
107 FERREIRA, 2009, 2, p. 161.
108 SERRÃO, 2012, p. 251.
109 FERREIRA, 2009, 2, pp. 435.

de Flandres[110].

Os exemplares de madeira mais remotos, que ainda subsistem, datam do século XVI, sendo na época designados por *retábulos com portas,* como o que é referenciado, em 1537, na visitação à igreja paroquial da então vila de Salvaterra do Extremo, atualmente no concelho de Idanha-a-Nova: *um retábulo antigo, aberto, de três peças e as imagens e pintura quase se não enxergam*[111]. Se alguns destes retábulos eram adquiridos na Flandres, outros passaram a ser executados em Portugal, primeiro por artistas nórdicos, aqui sediados e gradualmente por profissionais portugueses.

Em simultâneo, utilizam-se também retábulos fixos à parede testeira da capela, maioritariamente inseridos numa composição arquitetónica, sendo diversas as possibilidades de preencher os intercolúnios. Tanto podem incluir representações em relevo escultórico como painéis com pintura figurativa sobre madeira ou sobre tela. Como exemplares pioneiros mencionamos os da charola do convento de Cristo, em Tomar (ver p. 164) e o da capela-mor da igreja matriz de Santa Maria, em Abrantes (ver p. 63).



Alcains (Castelo Branco). Igreja paroquial. Retábulo-mor.
Foto URL:
http://beira-baixa-antigas-imagens.blogspot.com

A partir do segundo quartel do século XVII, com o Protobarroco, começa um longo período que se prolonga até meados do século XVIII, em que os retábulos são predominantemente entalhados, dourados e policromados, sendo exemplos o retábulo-mor da igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição, em Alcains – Castelo Branco.

A utilização de materiais pétreos (mármores, calcários, granitos, etc.) na feitura de retábulos foi sempre menor, pois o seu custo era mais elevado, não só pela raridade das matérias-primas, mas também devido ao reduzido número de profissionais compe-

110 PINA, 1985.
111 HORMIGO, 1981, p. 1.



Alter do Chão. Igreja conventual de Santo António.Retábulo-mor. Fonte PIGNATON, 2019, p. 176.

tentes. Se no século XVII, só raramente foram utilizados, por exemplo na igreja conventual de Nossa Senhora da Graça, em Santarém, atualmente na igreja do hospital na mesma cidade (ver p. 175), a partir da construção da capela-mor da sé de Évora e do palácio e da basílica de Mafra o seu número começou a ser maior, particularmente no Alto Alentejo, como se verifica na igreja conventual de Santo António dos Capuchos, em Alter do Chão.

Na segunda metade do século XVII e nas primeiras décadas do XVIII, teve alguma aceitação o uso de retábulos de pedraria com embutidos policromos, umas vezes somente no embasamento, outras na sua totalidade. Vejamos, a este respeito, a opinião expressa, em 1733, pelo Inácio de Vasconcelos: *as obras das tribunas de mármores e jaspes, embutidos os seus lisos, de vários ramos, flores e frutas, realçados com várias cores naturais, das mesmas pedras, que tudo faz uma agradável e deleitosa vista*[112]. Um interessante exemplo é o da capela-mor da igreja do extinto colégio da Companhia de Jesus, atual sé, em Santarém (ver p. 198).

Se alguns retábulos de pedraria eram executados por escultores estrangeiros, nomeadamente italianos, como aconteceu com o da capela da Quinta de Santa Bárbara, em Constância, executado em 1739-1740 por João António Bellini de Pádua[113] (ver p. 217), outros eram da responsabilidade de artistas portugueses, sendo exemplo o da capela do Santíssimo Sacramento, na concatedral de Castelo Branco, ajustado em 1785 pelo mestre canteiro Pedro Gonçalves, com oficina aberta em Estremoz[114] (ver p. 235).

Referimos ainda a influência que os retábulos de pedraria exerceram sobre os de madeira e vice-versa. Como exemplos de am-

112 VASCONCELOS, 1733, p. 373.
113 VITERBO, 1899, pp. 103 e 104.
114 MARTINS, 2003, pp. 5 a 8.

bas as situações referimos o retábulo de Nossa Senhora da Boa Morte, na igreja do colégio, em Santarém (ver p. 216), que serviu de modelo ao de São Luís Gonzaga, na mesma igreja (ver p. 218). Já o retábulo de granito da ermida do Bom Jesus do Calvário, na Amieira do Tejo – Nisa (ver p. 212), toma por protótipo um retábulo de madeira predominantemente entalhado, incluindo os enrolamentos de folhagem de acanto que revestem as pilastras.

Se nos finais do século XV, princípios do XVI, era relativamente frequente a utilização de pintura mural fingindo ou não composições retabulares, como se vê no altar de São Bartolomeu, Santa Madalena e Santa Margarida, na igreja de Santa Maria, em Marvão, atual Museu Municipal (ver p. 162), a partir do Protobarroco, isto é, do segundo quartel de Seiscentos, diminuiu drasticamente esta opção. A título de exemplo mencionamos o retábulo principal da ermida de Santo António, em Arronches (ver p. 182) e os colaterais da igreja da Misericórdia, em Arez – Nisa.



Amieira (Nisa). Ermida do Bom Jesus do Calvário.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto padre Joaquim Valente.

O uso do barro teve também pouca aplicação, tendo sido utilizado maioritariamente por religiosos barristas. Um dos testemunhos, o retábulo executado por frei Manuel Teixeira, na igreja conventual da Trindade, em Santarém, *com muita escultura representando a Santíssima Trindade, Nossa Senhora, São José e outros patriarcas, tudo muito bem executado*[115], já não subsiste, o outro é o que se encontra na galilé da igreja conventual de Santo António, em Portalegre, representando a morte do santo[116].

O mesmo aconteceu com a alvenaria estucada, estando associada à vinda para o nosso país de profissionais italianos e suíços, que se fixaram em Portugal, aqui formando discípulos. Um



Arez (Nisa). Igreja da Misericórdia.
Retábulo colateral.
Foto SIPA 153135.

115 MACHADO, 1823, pp. 205 e 206.
116 VENTURA, 2013, pp. 39 a 44.

dos exemplares pioneiros na região em estudo, realizado na década de 1750, é o de São Francisco de Borja, na igreja do extinto colégio da Companhia de Jesus, em Santarém, atual sé (ver p. 219). Muito interessante é também é o retábulo-mor da igreja conventual de Nossa Senhora da Estrela, em Marvão, em cujo contrato notarial, realizado 1802, se afirma que deverá ser feito *na forma do risco e da planta terrena, será posto este retábulo com bom, firme e bem travado em todas as peças para a parede das costas do retábulo, com toda a segurança e sendo todo feito de adobo e cal de areia, bem trabalhada esta cal, sem se gastar neste retábulo nem pedra nem saibro de qualidade alguma* (...) *o altar há de reformar-se de estuque com os seus fingidos*[117].



Marvão.
Igreja conventual de Nossa Senhora da Estrela.
Retábulo-mor.
Foto SIPA 167278.

Convém referir que houve retábulos que utilizaram mais do que um material, por exemplo exemplares de pedraria exibiam tronos de madeira entalhada e dourada, como acontece na capela-mor da igreja do antigo colégio da Companhia de Jesus, em Santarém (ver p. 198) e retábulos de madeira entalhada assentavam em embasamentos de pedraria, situação que também se verifica nalguns retábulos laterais deste mesmo templo (ver pp. 194 a 196). É ainda possível a mesa do altar ser revestida de azulejos ou então usar frontais têxteis, muitas vezes mudando de cor, consoante o tempo litúrgico.



Almoster (Santarém). Igreja monástica de Santa Maria.
Frontal de azulejos da mesa do altar.
Retábulo de São João Baptista.
Foto SIPA 521702.

Acabamento

Após o assentamento do retábulo no local destinado, tornava-se necessário complementá-lo com outras intervenções, a maior parte das quais executadas por profissionais com uma formação diferente. Por vezes, havia necessidade de esperar algu-

117 GORJÃO, 1995, p. 48.

mas décadas e só então as disponibilidades financeiras permitiam a sua conclusão. Por vicissitudes diversas, há retábulos que não chegaram a ser aplicados esses complementos, como o que é referido, em 1711, por frei Agostinho de Santa Maria, na ermida de Nossa Senhora do Pranto, em Envendos – Mação: *o retábulo, que é de talha, mas pequeno, ainda em preto ou porque a pobreza daqueles moradores deve ser tanta que não alcança aquela limitada despesa ou então a devoção dos que servem e assistem à Senhora será tão fria que não cuidam muito desta sua tão forçosa obrigação*[118] e o da ermida de São Brás, em Belver – Gavião (ver p. 183).

Excetuando os retábulos de pedraria, cujo polimento estava a cargo dos mesmos oficiais que os executavam e assentavam, nos restantes recorria-se aos pintores e douradores. Estes assumiam com o cliente um novo contrato, onde se especificava o preço, as modalidades de pagamento, os prazos a cumprir e as tarefas a realizar.

De entre as técnicas de maior preferência da clientela mencionamos o douramento, mais frequente nos séculos XVI, XVII e na primeira metade de Setecentos. Nas palavras da Prof.ª Natália Marinho Ferreira Alves, *este não era unicamente a última fase pela qual passavam os retábulos ou outras partes do madeiramento existentes no interior das igrejas*: *era a expressão mais eloquente de que se revestia a mística do ouro. Cor por excelência ligada a Deus, a sua profusão, ainda que buscando uma manifestação de majestade e magnificência, deverá antes de tudo ser entendida como um dos processos mais convincentes para a atração sensitiva do crente*[119]. O douramento era completado por outras práticas, sendo as mais usuais o estofado e a carnação, como se atesta no contrato, realizado em 1583, respeitante ao douramento

118 SANTA MARIA, 1711, p. 424.
119 FERREIRA ALVES, 1989, 1, p. 183.



Torres Novas. Igreja paroquial do Salvador.
Retábulo-mor.
Foto Abílio Dias.

do retábulo-mor da igreja paroquial do Salvador, em Torres Novas: *e pela mesma maneira há de ser dourada toda a marcenaria do dito retábulo e os rostos, pés e mãos dos serafins, anjos, apóstolos e mais figuras onde for de encarnar e as roupas de Cristo e de mais figuras hão de ser muito bem estofadas*[120].

Em relação à feitura dos cadernos de ouro, estes eram fabricados pelos bate-folhas, na maioria dos casos sediados nos grandes centros urbanos. Esses cadernos, com mais ou menos quilates, eram depois adquiridos pelos interessados, que os utilizavam nas obras que assumiam, como aconteceu por exemplo no douramento do retábulo-mor da igreja conventual das religiosas bernardas, em Portalegre, assumido, em 1683, entre outros douradores, pelo bate-folhas da Casa Real, Gaspar da Silva, morador em Lisboa. Se nos séculos XVI e XVII o ouro era obtido em África, nomeadamente em São Jorge da Mina, a partir dos finais de Seiscentos o grande fornecedor passa a ser a região brasileira de Minas Gerais.

Em relação aos fingimentos de pedraria, começaram a ser usados com alguma regularidade a partir dos finais do século XVII, como o que é referenciado, em 1711, na ermida de Nossa Senhora do Rosário, em Olas – Tomar: *o retábulo* (...) *de obra lisa e salomónica, muito bem pintado ou fingido de embutidos*[121]. Esta técnica torna-se mais frequente a partir da década de 1740, tendo sido aplicada maioritariamente em retábulos de madeira e em menor número em exemplares de alvenaria estucada. Exemplos de ambas as situações encontramos na igreja do extinto colégio da Companhia de Jesus, em Santarém, atual sé, nomeadamente o de São Luís Gonzaga (ver

120 SERRÃO, 2012, p. 217.
121 SANTA MARIA, 1711, p. 485.

p. 218) e o de São Francisco de Borja (ver p. 219).

Eram diversas as cores a fingir, como veremos nos seguintes exemplos:

-O retábulo-mor da igreja paroquial de Nossa Senhora da Purificação, em Pontével – Cartaxo é de madeira predominantemente entalhada e dourada, mas assenta num embasamento de madeira pintada a fingir embutidos policromos (ver p. 8).

-Em 1740, o padre Inácio Vasconcelos descreve a capela de São Gonçalo, na igreja conventual de São Domingos, em Santarém: *tem seu retábulo de madeira, com quatro colunas retorcidas, tendo os capitéis, de ordem coríntia, dourados, com as suas vasas e tudo o mais é pintado, fingindo ser pedra da Arrábida*[122].

-Na escritura notarial ajustada, em 1751, entre o mestre dourador José da Silva, com oficina aberta na cidade de Portalegre e os mesários da ordem terceira da Penitência, da vizinha localidade de Monforte, o mestre compromete-se a dourar o retábulo-mor *e todo o liso do mesmo retábulo, ficando fingido de pedra com a cor de madrepérola*[123].

-No *apontamento do retábulo que se pretende fazer em a capela-mor do convento de Nossa Senhora da Estrela*, em Marvão, no ano de 1802, é referido que *as madeiras ficarão de óleo fingindo pedra azul e todo o retábulo serão todos lisos, de cinco qualidades de pedra, das melhores e muito firmes, que é pedra preta, pedra mármore, pedra azul, pedra amarela fingindo pedra de Palermo e pedra vermelha, bem imitadas todas estas cores de que se trata; em primeiro todas estas tintas serão amassadas no estuque para formarem as primeiras cores*



Póvoa de Santarém. Igreja paroquial.
Retábulo de São João Baptista, de madeira fingindo pedraria com embutidos policromos.
Foto SIPA 1029189.



Pontével (Cartaxo). Igreja paroquial.
Embasamento do retábulo-mor.
Foto SIPA 148762.

122 VASCONCELOS, 1740, 2, p. 73.
123 MONTEIRO, 2012, p. 113.

e então fingidas em cima porque todas estas podem ser lustradas[124].

A opção pela pintura a branco e ouro tornou-se relativamente frequente no século XIX, conforme se verifica no retábulo-mor e nos colaterais da igreja paroquial de São Silvestre, em Escalos de Baixo – Castelo Branco.



Escalos de Baixo (Castelo Branco). Igreja paroquial. Retábulo-mor. Foto Ricardo Silva.

Nalguns templos de maior prestígio verificamos que os retábulos eram adornados e protegidos do pó por cortinados e sanefas de tecidos diversos e, em casos pontuais, por outros materiais. Vejamos dois exemplos. Em 1495, o rei D. Manuel envia para o convento de Cristo, em Tomar, entre outras alfaias e paramentos uma cortina para o altar-mor[125]. Na visitação de 1505 à igreja paroquial da vila de Proença-a-Nova é recomendado ao comendador mandar *pôr no altar umas cortinas com seus alparamites e franja branca, de pano de sarja, de largura de treze palmos e de doze palmos de altura*[126].

Referimos ainda que muitos retábulos foram complementados nos espaços contíguos por outras modalidades artísticas, a saber, a talha dourada, a azulejaria, a pintura de cavalete, a pintura ornamental, revestimentos pétreos, etc., contribuindo nos casos de maior empenhamento da clientela para a criação de obras de grande efeito cenográfico. Estas obras de arte total tiveram maior aceitação a partir do Protobarroco, ocasião em que se começam a preencher de forma sistemática a maior parte ou mesmo a totalidade dos espaços disponíveis,

124 GORJÃO, 1995, p. 48.
125 BENTO, 2014, p. 135.
126 HORMIHO, 1981, p. 9.

numa atitude de *horror vacui*, em que se pretendia estimular a adesão da população aos valores do Catolicismo: *tanto para a grandeza da* (…) *capela, quanto para incitar os ânimos dos fiéis a maior devoção*. Entre múltiplos testemunhos, de grande relevância artística, referimos apenas alguns: a capela da ordem terceira de São Francisco, em Santarém (ver pp. 104 e 197); a sacristia do Santíssimo, na igreja paroquial de Santa Cruz, a igreja paroquial de Santa Maria de Marvila, incluindo a sacristia, a igreja da Misericórdia, em Torres Novas, a capela-mor da igreja monástica de Santa Maria, em Almoster, a capela dos Vargos, em Olaia – Torres Novas, etc.

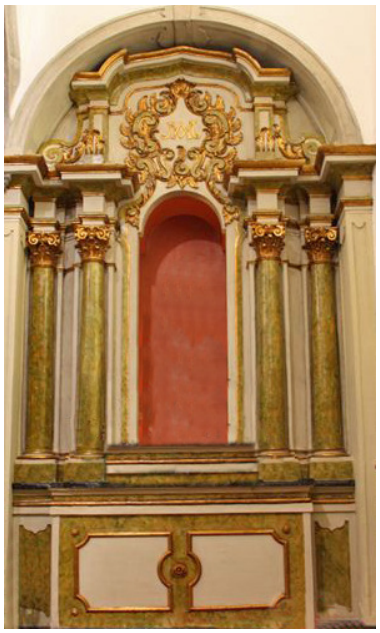


Santarém. Igreja do extinto colégio, atual sé.
Cobertura da nave.
Fonte SIPA 1001779.



Santarém. Capela Dourada.
Foto Miguel Cardoso - Santa Casa da Misericórdia de Santarém.


PACIÊNCIA



Santarém. Igreja paroquial de Santo Estevão. Retábulo colateral.
Foto SIPA 1004156.

Produção artística

Antes de um retábulo ser consagrado, era necessário realizar várias tarefas, como veremos de seguida.

Obtenção do projeto

Os responsáveis pela encomenda de um retábulo iniciavam a sua intervenção, obtendo um ou mais projetos, para poder selecionar o que mais lhes agradasse. Naturalmente as entidades mais esclarecidas e com maiores recursos financeiros solicitavam a participação dos profissionais mais credenciados, designadamente os arquitetos régios, clérigos mais dotados ou artistas estrangeiros sediados no nosso país. Em determinados casos, limitavam-se a tomar por modelo um retábulo preexistente, quer no mesmo templo, quer numa igreja da mesma ou de outra localidade. Vejamos exemplos das duas situações. Os padres do colégio dos jesuítas de Santarém, em 1713, ajustam com o mestre entalhador Manuel Álvares a feitura de um retábulo que deveria ser *na forma do que está feito na capela do beato Estanislau, que está defronte da do dito glorioso santo*[127]. Os retábulos colaterais da igreja paroquial de Santo Estevão ou do Santo Milagre, em Santarém, vão ser replicados inúmeras vezes, quer em composições com corpo único e um só tramo (colaterais da igreja da Misericórdia, em Santarém – ver p. 238), quer com corpo único e cinco tramos (dois retábulos-mores, em Torres Novas: o da igreja paroquial de São Pedro e o da igreja conventual do Carmo – ver p. 239).



Torres Novas. Igreja paroquia de São Pedro.
Retábulo-mor.
Foto Abílio Dias.

127 LAMEIRA, 2006, p. 38.

Por vezes, para além do risco do retábulo, eram desenhados pormenores de alguns dos seus elementos, como mostram os detalhes dos meios retábulos destinados à igreja paroquial do Salvador, em Santarém (ver p. 156).

Também era possível alguns clientes encomendarem o risco a um artista de outra localidade. Por exemplo, em 1873, o arquiteto lisboeta Manuel Afonso Rodrigues Pita faz o risco do retábulo principal da igreja matriz de Santa Maria da Devesa, em Castelo de Vide [128].

Em relação ao perfil dos artistas que concebiam os projetos dos retábulos, verificamos três situações diferentes:

-Os que tinham uma formação especializada (arquitetos, engenheiros militares e alguns mestres das obras reais), de nacionalidade portuguesa ou oriundos de países europeus. Na sua maioria estavam ao serviço da corte. Os arquitetos régios desempenharam um papel muito importante, sendo da sua responsabilidade a feitura dos projetos dos retábulos destinados aos templos de maior relevância artística. A título de exemplo mencionamos as plantas concebidas, em 1748, pelo arquiteto Manuel da Costa Negreiros para seis retábulos de igrejas do priorado do Crato[129].

Foi da responsabilidade dos arquitetos régios a criação das normas que passavam a vigorar em cada nova conjuntura artística, servindo de referência a outros profissionais.

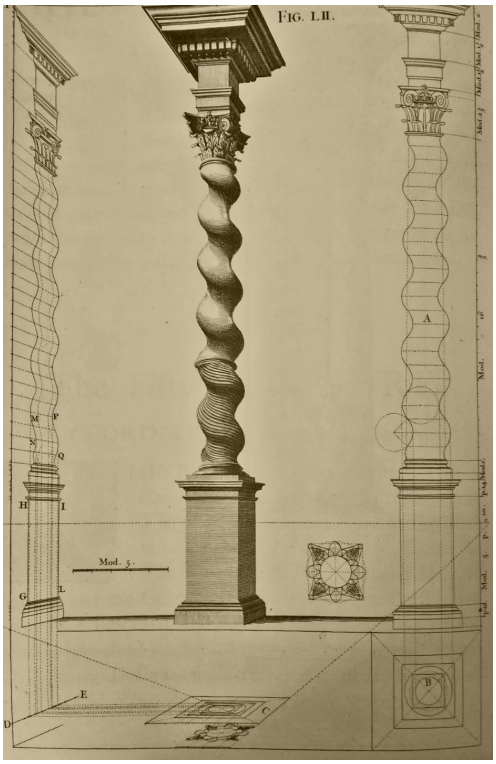
-Os *curiosos*, isto é, todos aqueles que tinham uma formação não especializada, nomeadamente clérigos e alguns nobres. Atribuímos ao padre frei João Peixoto, religioso e debuxador, morador em Lisboa, que fez projetos de retábulos para as religiosas cistercienses, o risco do retábulo-mor da igreja monástica de Santa Maria, em Almoster,

128 R. CARVALHO, 2006, p. 55.

129 BONIFÁCIO, 1990, pp. 360 a 364.

por volta de 1675 (ver p. 188).

-Os que adquiriam conhecimentos através do velho sistema corporativo (os mesteirais ou *mecânicos*), nomeadamente os mestres mais conceituados de algumas oficinas de pedraria, de talha, de escultura, de pintura, de ourivesaria, etc. A estes profissionais coube a tarefa de seguir com maior ou menor fidelidade as normas compositivas e o vocabulário ornamental adotado pelos arquitetos que estavam ao serviço da corte. Os mestres mais competentes satisfaziam plenamente as necessidades, como ocorreu, em 1685, quando os mestres entalhadores António Gomes e Domingos Nunes ajustam a execução do retábulo-mor da igreja paroquial de São Pedro, na Sertã (ver p. 189), tomam por modelo o que ambos tinham concebido no ano anterior para a igreja do colégio de São Bento, em Coimbra[130].



Andrea Pozzo. Coluna Torsa.
Fonte *Perspectiva Pictorum et Architectorum*, Fig. LII.

Independentemente da sua formação, os artistas que concebiam riscos de retábulos tinham em sua casa vários projetos, quer de obras suas, quer extraídas de exemplares que copiavam, assim como um ou outro tratado, estampas e gravuras avulsas. Entre outros exemplos referimos que na biblioteca do arquiteto régio Rodrigo Franco, morador em Lisboa, falecido em 1763, havia obras de Pozzo, Boffrand, Scamozzi, Passarini, Le Pautre, Borromini, Juan d'Arphe y Villafañe[131].

Escolha do projeto

Nos casos em que os responsáveis solicitavam mais de um projeto para um retábulo, a etapa seguinte era a sua seleção, escolhendo-se o de maior agrado. Menos frequente era escolher-se para o mesmo retábulo as propostas de dois artistas diferentes.

Em determinadas situações, os responsáveis solicitavam o pa-

130 BRANDÃO, 1984, pp. 597 a 601.
131 BONIFÁCIO, 1990, pp. 59, 60, 306 e 307.

recer a um ou mais peritos, que os aconselhavam e, por vezes, propunham alterações. Foi o que aconteceu, em 1738, quando o arquiteto régio Carlos Mardel sugere que o projeto do retábulo concebido pelo escultor italiano António de Pádua, radicado em Portugal, para a capela de Nossa Senhora da Boa Morte, na igreja do colégio de Nossa Senhora da Conceição, em Santarém, passe a ter quatro colunas em vez das duas previstas[132].

Após a escolha do projeto solicitava-se a sua aprovação ao responsável eclesiástico do templo em questão. Nos edifícios religiosos seculares, a aprovação era dada pelo bispo ou pelo seu representante. No caso do clero regular cabia esta função ao Geral ou então ao Provincial de cada Ordem religiosa. Em certas Ordens religiosas havia regulamentação a este respeito. Citamos um caso, em 1791, na *Regra Primitiva e Constituições das Religiosas Descalças* (...) *do Carmo* está estabelecido que *as preladas não poderão fazer de novo tribunas ou retábulos de quaisquer altares, concertar ou mudar os que estavam feitos sem licença escrita do Definitório, a planta aprovada pelo mesmo*[133].



Santarém.. Igreja do extinto colégio, atual sé. Pormenor do retábulo de Nossa Senhora da Boa Morte.
Foto Hélio Ramos.

Escolha da oficina

Depois do projeto aprovado, procurava-se uma oficina para executar o retábulo. Normalmente marcava-se uma data e um local para a arrematação das propostas. Para mais fácil conhecimento dos eventuais interessados colocavam-se editais à porta dos templos mais concorridos e, por vezes, apregoava-se em determinados locais com maior afluência da população. Após a consulta do projeto e nalguns casos dos respetivos apontamentos, texto complementar que explicava o projeto, cada mestre ou o seu representante comparecia no dia afixado e apresentava o melhor preço, num ou mais lances,

132 BONIFÁCIO, 1990, 1, p. 236.
133 LAMEIRA, VECHINA e LOUREIRO, 2015, p. 46.

ganhando normalmente quem apresentasse a melhor proposta.

Em determinados casos, não havia qualquer concurso ou no caso de se realizar não se optava pela proposta mais barata.

Depois de ajustadas oralmente as várias cláusulas, escolhia-se frequentemente um notário para escrever o contrato no *Livro de Notas*. Após a presença de todos os interessados, incluindo normalmente um ou mais fiadores do mestre que ajustava a sua feitura e de várias testemunhas lia-se a escritura, assinando todos no fim. Também o projeto era assinado pelo cliente e pelo mestre que assumia a sua execução, para no fim servir de referência aos profissionais encarregues da sua vistoria. As cláusulas estipuladas definiam sempre o preço, as modalidades de pagamento, os prazos de execução, as medidas a tomar no caso de incumprimento de cada uma das partes, incluindo os fiadores, etc.

Nos trabalhos de pequena monta, a saber, remodelações parciais, o compromisso entre ambas as partes era somente oral. A título de exemplo mencionamos a verba recebida por Francisco Dias Cabaço pelo trabalho que realizou na igreja paroquial de São Lourenço, em Portalegre: *dez mil reis a conta da obra a que se obrigou de consertar e fazer o acrescentamento do sacrário novo da igreja de São Lourenço e conserto do retábulo de Nossa Senhora da Consolação da dita igreja e por este se lhe levaram em conta, ficando-lhe o recibo do dito Francisco Dias por quitação*[134].

Obtenção dos materiais

Os materiais escolhidos para a feitura de um retábulo tanto podiam ser obtidos pelo cliente da obra como ser da responsabilidade do mestre que assumia a execução. Vejamos um exemplo concreto,

134 MONTEIRO, 2012, 2, p. 51.

relativo ao retábulo-mor da igreja monástica de São Bernardo, em Portalegre, em que na escritura notarial se afirma que todas *as madeiras que forem necessárias para se assentar o retábulo e trono serão por conta e despesa do dito mosteiro e tudo o mais por conta dele dito marceneiro* [135].

A execução

Após a obtenção dos materiais destinados à feitura de um retábulo, o mestre e os diversos membros da sua oficina principiavam a sua execução. Conforme as cláusulas ajustadas, iam recebendo o pagamento, cada um de acordo com o estipulado pelo mestre da oficina. Em situações específicas, exigia-se o recurso a profissionais especializados na escultura de imagens.

Após a conclusão da obra, procedia-se ao transporte das diversas peças do retábulo para o local destinado, utilizando meios terrestres ou marítimos ou ambos. Por fim, durante vários dias, as diversas peças do retábulo eram colocadas ou ensambladas, no caso dos exemplares de madeira, no local previamente definido.

A vistoria e a quitação

Depois de assente ou dourado o retábulo, procedia-se à sua vistoria, normalmente realizada por dois profissionais, os juízes do ofício eleitos nesse ano ou então por dois mestres de grande reputação, um escolhido pelo cliente e outro pelo executante. Ambos consultavam o projeto, assinado inicialmente pelo cliente e pelo executante e verificavam se a obra realizada estava de acordo com o previsto e com o custo da mesma. Em situações normais, este processo terminava com um termo de quitação em que ambas as partes assinavam um documento, desobrigando-os de um contrato

135 FERREIRA, 2009, 2, p. 161.

que os ligou durante algum tempo. Para exemplificar referimos a escritura de quitação, ocorrida a 1 de outubro de 1679, da obra de douramento de um retábulo, na igreja paroquial de Castelo de Vide: *por eles, dito reitor, escrivão e mais irmãos da dita confraria de Nossa Senhora do Rosário por todos juntamente e cada um* de per si, in solidum, *foi dito a mim, tabelião, ao diante nomeado* (…) *que era verdade que eles tinham feito uma escritura de conserto e obrigação com o dito José Carvalho, pintor, para efeito de dourar o retábulo e árvore do altar de Nossa Senhora do Rosário desta dita vila e por quanto o dito José Carvalho tinha feito a dita obra e cumprido todas as condições e obrigações de sua escritura, sem que faltasse coisa alguma a que estivesse obrigado, tudo na forma da escritura e por assim ser, disseram eles* (…) *que davam a ele dito José Carvalho por quite e livre da dita obra*[136].

Se o entalhe ou o douramento do retábulo fossem rejeitados por não estar conforme o previsto, definia-se um novo acordo, sendo o mestre obrigado a refazer à sua custa o que não estava bem. Noutras ocasiões, os responsáveis pela encomenda arranjavam um outro profissional.

Atividades complementares

Os retábulos que utilizavam materiais pétreos, após o assentamento, eram complementados pelo polimento e pelo lustre, tarefas normalmente incluídas nas obrigações previstas no ajuste da execução da obra. Só intervinham outros profissionais se porventura esses retábulos fossem dourados ou pintados, situação bastante frequente no século XVI, por exemplo nos altares da charola do convento de Cristo, em Tomar (ver p. 164).

Nos retábulos de madeira era necessária a intervenção de uma oficina de pintura para realizar as modalidades artísticas requeridas

136 MONTEIRO, 2012, 2, p. 54.

pelo cliente, o douramento ou a policromia, particularmente nos séculos XVI, XVII e na primeira metade do século XVIII; a pintura a fingir pedraria policroma, o branco de pérola ou a *cor de leite* a partir dos meados de Setecentos. Iniciava-se então um processo idêntico ao da feitura do retábulo.

Retábulos em segunda mão

Determinados clientes com menos recursos financeiros, ao invés de mandar executar retábulos novos, mais dispendiosos, adquiriam-nos em segunda mão, por vezes já com algumas décadas. Procuravam-nos junto de entidades com muitos rendimentos, que recentemente tinham substituído o anterior retábulo por outro mais atualizado, isto é, *ao moderno*, como se dizia na época.

Obtenção de licença para se levantar altar

Qualquer entidade que pretendia mandar fazer um novo altar e respetivo retábulo necessitava de autorização dos responsáveis religiosos, como se verificou, em 1586, após a petição do juiz e irmãos da confraria das Almas do Fogo do Purgatório, situada na igreja paroquial de São Tiago, em Torres Novas, o deão do cabido da sé de Lisboa, em sede vacante, *dá licença para que possam levantar altar, que dizem, na capela da dita confraria*[137].

Provisão de licença para se benzer o novo altar

Por fim, após o assentamento do retábulo no lugar ajustado, solicitava-se autorização para se benzer o novo retábulo. Para ilustrar esta ocorrência, referimos a petição feita, em 1723, pelos mesários da confraria das Santas Almas da igreja paroquial de São Pedro,

137 SERRÃO, 2012, p. 220.



Salgueiro do Campo (Castelo Branco). Igreja paroquial. Eventual retábulo das Almas. Foto Ricardo Silva.

do lugar de Salgueiro do Campo – Castelo Branco, *depois de ornar o altar, retábulo e todos os paramentos* (...) *pedem ao ilustríssimo senhor bispo lhe conceda licença para na dita capela se poder dizer missa e celebrar os ofícios divinos*[138].

Ofícios mecânicos

Convém referir que a mão-de-obra que executava os retábulos e as diversas atividades complementares, era maioritariamente proveniente dos ofícios mecânicos, sobressaindo algumas profissões: os pedreiros ou escultores nos retábulos de pedraria, os alvanéus nos de alvenaria estucada, os marceneiros ou entalhadores nos de madeira, os pintores ou douradores no douramento, na policromia, na pintura a fingir pedraria policroma, na pintura em *trompe l'oeil* fingindo composições retabulares, etc.

Se excetuarmos alguns artistas mais credenciados (nacionais ou estrangeiros) oriundos dos maiores centros urbanos, solicitados pelos clientes mais eruditos e endinheirados ou então modestos artistas viandantes que apareciam pontualmente numa localidade à procura de trabalho, eram maioritariamente os mestres estabelecidos em cada região os principais executantes desses retábulos. Esta situação possibilitou o aparecimento de algumas especificidades, não só no entalhe, mas também na interpretação mais ou menos fiel do formulário vigente. De salientar que estas especificidades se restringiam somente a uma ou outra oficina, nunca tendo sido comuns a uma região.

Tal como ocorria nas restantes dioceses, os mesteres ou mesteirais estavam estruturados em corporações de ofícios ou artes mecânicas. Cada ofício estava regulamentado por regimentos apro-

138 HORMIGO, 1998, p. 60.

vados pelos municípios, servindo o de Lisboa de referência aos restantes[139]. Deste modo, ninguém deveria trabalhar numa profissão mecânica sem ser previamente examinado, obtendo, em caso de aprovação, uma carta passada por um município.

No Antigo Regime, a oficina ou loja constituía a principal unidade produtiva, sendo formada por um mestre, vários oficiais e normalmente um ou dois aprendizes. A sua dimensão variava conforme houvesse falta ou excesso de profissionais.

O mestre assumia os trabalhos e as respetivas responsabilidades, dirigia as tarefas de cada elemento, pagava aos oficiais e ensinava os aprendizes. Em caso de incumprimento dos prazos chegava a ser preso, como aconteceu, em 1590, com o reputado mestre Gaspar Coelho que *estava obrigado a acabar o retábulo da santa sé do altar-mor desta cidade, conforme a escritura do contrato que fizera com o senhor bispo em o tempo em que se obrigou, o qual por ser passado e não o cumprir nem acabar foi condenado em pena pelo corregedor da comarca que o mandara prender*[140], obra que tinha sido encomendada por D. frei Amador Arrais (ver p. 169).

Os oficiais eram os profissionais encartados, que já tinham feito exame e ficado aprovados. Quando quisessem, podiam abrir a sua oficina, no entanto, na maioria das situações continuavam a trabalhar no local onde fizeram a aprendizagem. Com alguma frequência eram cedidos aos mestres de lojas vizinhas, com as quais mantinham relações familiares ou de amizade, sendo pagos por estes últimos. Em determinadas circunstâncias, alguns clientes chegavam a exigir o recurso a vários ou mesmo a todos os entalhadores disponíveis numa localidade.

Os aprendizes eram os principiantes e, durante quatro ou

139 De referir que o primeiro *Regimento dos ensambladores, entalhadores e imaginários de Lisboa* remonta a 1549, tendo sido sucessivamente reformulado ao longo dos séculos seguintes (LANGHANS, 1945).

140 SERRÃO, 1987, p. 40; GONÇALVES, 2001, p. 45.

cinco anos, pagavam para aprender. Passado este tempo começam a receber semanalmente pequenos honorários. Quando se submetiam a exame e eram aprovados, passavam a oficiais.

As oficinas competiam entre si para obter trabalho e, algumas vezes, as matérias-primas necessárias para a sua atividade. Tinham, contudo, regras comuns. Anualmente, entre todos os mestres residentes num determinado município escolhiam dois deles, os juízes do ofício, para fazer cumprir os regulamentos, competindo-lhes examinar os aprendizes quando queriam passar a oficiais, vistoriar os trabalhos dos seus colegas quando solicitados por alguma instituição, participar na governação concelhia, nomeadamente no acompanhamento das posturas camarárias relativas aos mesteirais. No desempenho destas atividades eram pagos.

Convém ainda referir que alguns modestos retábulos foram executados por amadores, que nunca chegaram a aprender o ofício numa oficina ou tenda durante vários anos, como era usual na época.

Estrutura produtiva

Tendo em conta a listagem dos profissionais que apresentaremos adiante, é possível ter uma ideia, ainda que parcial[141], do número e da localização dos profissionais e/ou das oficinas que conceberam e executaram retábulos para a região em estudo.

-Debuxadores:

Independentemente da sua formação, que era diferenciada, como já referimos, identificámos trinta e sete artistas, sendo cinco residentes na região[142] e os restantes forasteiros, designadamente

141 É diminuto o acervo documental publicado, esperando-se uma maior participação de novos investigadores.

142 Frei Daniel Joaquim do Rosário, padre Inácio da Piedade e Vasconcelos, Pedro Vaz Pereira, Pero Sanches, e Valentim da Costa Castelo Branco.

de Lisboa[143], de Évora[144], de Vila Viçosa[145], do Porto[146] e de Braga[147].

-Entalhadores e marceneiros:

Dos sessenta e seis profissionais recenseados, vinte e três residiam na região[148], sendo os restantes forasteiros, sobressaindo os que se deslocavam de Lisboa, particularmente no território correspondente à diocese de Santarém e ao arciprestado de Abrantes[149]. Em menor número eram os oriundos de outras localidades, a saber, de Évora[150], de Pedrogão[151], de Vila Viçosa[152], de Coimbra[153], do Porto[154], de Braga[155], de Famalicão[156] e de Sevilha[157].

-Canteiros e pedreiros:

Dos treze profissionais identificados, excetuando Miguel Fernandes, de Tomar, os restantes eram originários de Lisboa[158], de Elvas[159], de Estremoz[160], de Coimbra[161] e de Entre o Douro e Minho[162].

-Alvanéus:

São diminutos os dados disponíveis, identificando-se qua-

143 António Vaz de Castro I, António Vaz de Castro II, Baltazar dos Reis, Carlos Mardel, Carlos Baptista Garvo, Claude Laprade, Domingos Vieira Serrão, Jerónimo de Ruão, João António Bellini de Pádua, João de Castilho, padre frei João Peixoto, João Ribeiro da Costa, frei João Turriano, José Maria Caggiani, Manuel Afonso Rodrigues Pita, Manuel Caetano de Sousa, Manuel da Costa Negreiros, Manuel da Silva, Marcos de Magalhães, Mateus do Couto, *o moço*; Mateus Fernandes III, Mateus Vicente, Matias Rodrigues de Carvalho, Nicolau de Chanterenne, Pedro Nunes Tinoco e Rodrigo Franco.

144 Sebastião Abreu do Ó.

145 Francisco Freire Brás e Manuel de Oliveira Leal.

146 António Gomes e Domingos Nunes.

147 Frutuoso Pereira de Almeida.

148 André Ferreira (**Castelo de Vide**), António José Longo (**Castelo Branco**), António Xavier da Mota (**Castelo de Vide**?), Diogo Vaz Pereira (**Portalegre**), Filipe Santiago da Fonseca (**Castelo Branco** ?), Francisco Coelho (**Santarém**), Gaspar Coelho (**Portalegre**), João Coelho (**Santarém**), João Correia (**Castelo de Vide**), João da Costa Ribeiro (**Santarém**), João Lopes Garção (**Portalegre**), João Pereira (**Portalegre**), José Joaquim de Almeida (**Portalegre**), José Lourenço da Santa (**Portalegre**), M. Tomás (**Torres Novas?**), Manuel Barbosa Ferreira (**Castelo Branco**), Manuel Ferreira (**Torres Novas**), Manuel Ferreira Pinto (**Torres Novas**), Manuel Francisco (**Castelo Branco**?), Manuel Francisco (**Santarém**), Manuel Jorge (**Amieira do Tejo?**), Manuel de Matos (**Portalegre**), Manuel da Silva Monteiro (**Torres Novas**), Manuel Simão Tomás Ramos (**termo de Idanha-a-Nova**).

149 António Martins Calheiros, António Vaz de Castro II, Bernardo Coelho, Caetano Rodrigues Gomes, Claude Laprade, Domingos Lopes, Estácio Matias, Francisco, Francisco Loreto, Jacques de Campos, Jorge Soares de Oliveira, José Pereira Lobo, José Pessoa Nobre, José Ramalho, Manuel Álvares, Manuel Barreto, Manuel João da Fonseca, Manuel dos Santos, Manuel da Silva, Marcos de Magalhães, Martim Rodrigues, Matias José de Faria, Matias Rodrigues de Carvalho, Pedro Loreto, Simão Coelho, Suplix.

150 Manuel Moreira e Sebastião Abreu do Ó.

151 Bento da Silva Ribeiro e Valentim António da Silva.

152 Francisco Freire Brás e Manuel de Oliveira Leal.

153 Cristóvão de Seixas, Olivier de Gand e Pedro de Frias.

154 António Gomes e Domingos Nunes.

155 Frutuoso Pereira de Almeida.

156 Gabriel Pereira, João Lourenço e Manuel Pereira.

157 Afonso de Sevilha e Afonso de Vilalobos.

158 António Pereira, eventualmente Baltazar dos Reis, João António Bellini de Pádua, Manuel Rodrigues, Nicolau de Chanterenne e Vicente Soares.

159 Gregório das Neves Leitão.

160 Pedro Gonçalves e Pero Gomes.

161 João de Ruão.

162 António Rodrigues, de Minhotães – Barcelos e Martinho Ferreira, da vila de Pombeiro, então comarca de Guimarães.

tro profissionais, dois sediados em Portalegre[163], Francisco Marca, originário do Piemonte e o quarto[164], desconhece-se o local da sua residência.

-Escultores barristas:

Somente identificámos dois religiosos barristas[165], ambos residentes no convento da Santíssima Trindade, de religiosos trinitários, em Santarém.

-Pintores de fresco e de óleo:

A intervenção destes técnicos interessa-nos somente enquanto executantes de pintura mural de retábulos ou então de trípticos, cujos painéis de madeira não apresentam qualquer estrutura arquitetónica e/ou escultórica. Uma única oficina é identificada[166].

Apresentamos, de seguida, uma listagem, por ordem alfabética, dos profissionais que trabalharam para a região em estudo, quer permanentemente, quer em períodos restritos. Excluímos, contudo, os técnicos de outras modalidades artísticas complementares aos retábulos, a saber, outras obras de talha, pintura de cavalete, escultura de vulto perfeito e diversas modalidades ditas mecânicas, nomeadamente o douramento, a carnação, o estofado e a policromia, que não importam na atual abordagem[167].

Afonso de Sevilha (1518)

Mestre entalhador e escultor originário de Sevilha e que em 1518 se encontra em Tomar na companhia do seu colega de profissão[168], Afonso de Vilalobos. Desconhece-se que retábulos terão executado no convento de Cristo.

163 João Baptista e João Barreto.

164 João dos Reis.

165 Frei Manuel Teixeira e frei Francisco da Piedade.

166 Quentin Metezys, sediada em Antuérpia.

167 As datas apontadas entre parênteses curvos, à frente do nome de cada artista, correspondem à primeira e à última obra do referido profissional, mas somente na região em estudo, indicando-se o ano do falecimento, quando temos conhecimento.

168 MARKL, 1990, p. 152.

Afonso de Vilalobos (1518)

Mestre entalhador e escultor originário de Sevilha e que em 1518 se encontra em Tomar na companhia do seu colega de profissão[169], Afonso de Sevilha. Desconhece-se que retábulos terão executado no convento de Cristo.

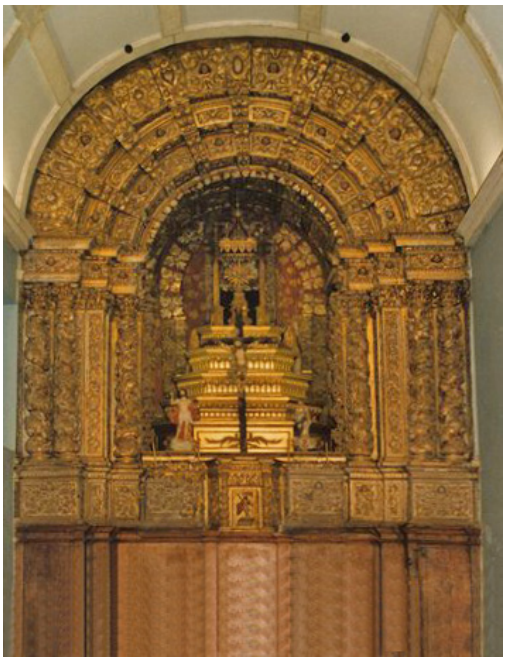
André Ferreira (1681)

Mestre entalhador com oficina aberta em Castelo de Vide. Em 1681, é fiador da obra de douramento do retábulo-mor da igreja de São João Baptista em Castelo de Vide[170], desconhecendo-se a sua atividade profissional na região em estudo.

António Gomes (1685 - 1687)

Prestigiado mestre entalhador e debuxador, com oficina aberta na cidade do Porto. De parceria com o seu colega, Domingos Nunes, também morador nesta localidade, no dia 1 de agosto de 1685, ajusta o entalhe do retábulo principal da igreja paroquial de São Pedro, na Sertã (ver p. 189), tomando por modelo o que ambos tinham concebido e executado no ano anterior na igreja do colégio de São Bento, em Coimbra[171].

Dois anos depois, a 13 de fevereiro, mais uma vez de parceria com Domingos Nunes, assume o entalhe do retábulo-mor da igreja paroquial de São Sebastião, em Cernache do Bonjardim, servindo novamente de protótipo o retábulo que ambos tinham executado na referida igreja do colégio de São Bento, em Coimbra[172].



Cernache do Bomjardim (Sertã). Igreja paroquial. Retágulo-mor. Foto SIPA 1300

António José Longo (1767)

Mestre entalhador com oficina aberta em Castelo Branco. Antes de 1767, ajusta o entalhe de dois retábulos principais, os das igrejas dos Escalos de Baixo e de Malpica do Tejo, obra que não

169 MARKL, 1990, p. 152.
170 MONTEIRO, 2012, 2, p. 71.
171 BRANDÃO, 1984, pp. 597 a 601.
172 BRANDÃO, 1984, pp. 634 a 639.

chega a concluir por, entretanto, falecer. A viúva e o seu fiador contratam a conclusão de ambos os retábulos com o mestre Manuel Simão Ramos[173].

António Luís Ramalho (1705)

Mestre entalhador com oficina aberta em Lisboa, na freguesia de Nossa Senhora do Alecrim. No dia 15 de junho de 1705, é fiador do seu colega de profissão, António Martins Calheiros, na escritura de ajuste do retábulo, ainda subsistente, de Nossa Senhora da Glória, na igreja do colégio da Companhia de Jesus, em Santarém[174].

António Martins Calheiros (1705)

Mestre entalhador com oficina aberta em Lisboa, na freguesia de Nossa Senhora dos Mártires. No dia 15 de junho de 1705, ajusta a feitura do retábulo, ainda subsistente, de Nossa Senhora da Glória, na igreja do colégio da Companhia de Jesus, atual sé, em Santarém (ver p. 196), pela quantia de 360$000 réis, sendo fiador o seu colega de profissão, António Luís Ramalho. De anotar que a *forma e rascunho deste retábulo há de ser o outro que está defronte dele* (de Nossa Senhora da Glória), *da cornija para baixo* (…); *do friso para cima, que é a volta do arco, o rascunho e forma há de ser a pintura que está na mesma capela e vem a ser uma glória e esta glória terá doze figuras dos vinte e quatro anciãos do Apocalipse, doze de cada banda e estas figuras serão de vulto quanto pedir a obra para que fique boa* [175].

António Pereira (1713)

Mestre pedreiro e estucador com oficina aberta na cidade de Lisboa, na Carreira dos Cavalos. No dia 3 de abril de 1713, ajusta de parceria com os seus colegas de profissão, Manuel Rodrigues e Vicente Soares, a feitura do retábulo-mor da igreja do colégio da

173 HORMIGO, 1998, pp.15, 21, 36 e 37.
174 A. CARVALHO, 1962, 2, pp. 237 e 238; SMITH, 1962, p. 77; SERRÃO, 2003, p. 106; FERREIRA, 2009, pp. 394 a 398 e 483.
175 A. CARVALHO, 1962, 2, pp. 237 e 238; SMITH, 1962, p. 77; SERRÃO, 2003, p. 106; FERREIRA, 2009, pp. 394 a 398 e 483.

Companhia de Jesus, atual sé, em Santarém (ver p. 198), de acordo com o risco feito pelo mestre pedreiro milanês, radicado em Lisboa, Carlos Baptista Garvo[176].

António Rodrigues (1731)

Mestre canteiro originário de Minhotães – Barcelos. A 14 de fevereiro de 1731, de parceria com o seu colega de profissão, Martinho Ferreira, da vila de Pombeiro, então comarca de Guimarães ajusta, pela quantia de 4000 cruzados e 48$000 réis, com o testamenteiro de Pedro Vaz Caldeira Sequeira e com os *mesários* da confraria do Senhor Jesus do Calvário, herdeira de seus bens, a feitura do retábulo de granito para a igreja, entretanto instituída em Amieira do Tejo- Nisa[177] (ver p. 212).

António Vaz de Castro I (princípios do século XVII)

Prestigiado mestre marceneiro e debuxador de retábulos com oficina aberta na cidade de Lisboa. Pertenceu à confraria de Nossa Senhora da Doutrina, sita na igreja da Casa Professa de São Roque, constituída por *moços solteiros e oficiais mecânicos*. Os seus dois filhos, António Vaz de Castro e Lourenço Coelho, tiveram também grande sucesso na mesma profissão.

Ayres de Carvalho atribuir-lhe o *risco*, ainda subsistente (ver p. 154), destinado ao retábulo principal da igreja conventual de Nossa Senhora da Consolação, dos religiosos de São Domingos, em Abrantes[178], tendo possivelmente concebido e executado os retábulos de São Pedro e do Menino de Deus, na igreja paroquial de São Vicente, em Abrantes[179].

António Vaz de Castro II (1664 - f. 1667)

Mestre *marceneiro e escultor de Sua Majestade* e debuxador, mo-

176 A. CARVALHO, 1962, 2, pp. 236 a 238; SERRÃO, 1990, p. 84; LAMEIRA, 2006, pp. 35 e 87; COUTINHO, 2010, 2, pp. 200 a 203.
177 MONTEIRO, 2012, 2, p. 216.
178 A. CARVALHO, 1977, pp. 95 e 96.
179 CARDOSO, 2008, p. 36.

rador em Lisboa, na Rua da Rosa. Era filho do anteriormente referido António Vaz de Castro, tendo continuado a sua oficina.

A 6 de novembro de 1664, ajusta a execução do retábulo-mor da igreja paroquial de São Vicente, em Abrantes, de acordo com uma das duas traças que apresentou[180]. Este exemplar já não subsiste.

É possível atribuir-lhe o entalhe do retábulo da capela palatina de Salvaterra de Magos, obra realizada por volta de 1666[181] (ver p. 186).

António Xavier da Mota (1747)

Desconhecemos em que localidade este mestre entalhador estava sediado. A 12 de dezembro de 1747, assume uma escritura de obrigação e contrato com os irmãos da Senhora da Boa Morte, em Castelo de Vide[182], eventualmente a feitura do retábulo, já inexistente, da capela que administravam na igreja paroquial de Santa Maria da Devesa.

Baltazar dos Reis (1644)

Arquiteto de Sua Majestade, sediado na cidade de Lisboa. Em 1644, passa uma procuração a Baltazar Jácome para que este último possa cobrar a Manuel Lopes, prioste da comenda de D. Luís de Saldanha, morador em Salvaterra de Magos, o pagamento *do resto de um retábulo que, ele outorgante, fez* para a igreja dessa vila, por conta do dito comendador[183]. Este exemplar já não subsiste.

Bento da Silva Ribeiro (1771 - 1774)

Mestre entalhador com oficina aberta na vila de Pedrógão. De parceria com o seu colega Valentim António da Silva, também morador na mesma localidade, a 1 de novembro de 1771, ajusta o

180 SERRÃO, 1992, 2, p. 614.
181 LAMEIRA e SERRÃO, 2001, pp. 224 e 225.
182 MONTEIRO, 2012, 2, p. 161.
183 SERRÃO, 1984 - 1988, p. 48.

entalhe do retábulo principal da igreja da Santa Casa da Misericórdia de Amieira do Tejo, termo de Nisa. No entanto, esta obra só foi entregue a Bento da Silva Ribeiro, a 1 de junho de 1774[184]. Este modesto exemplar ainda subsiste.

Bernardo Coelho (c. 1611)

Mestre marceneiro e ensamblador de Sua Majestade, com oficina aberta em Lisboa. Por volta de 1611, quando se compromete com os responsáveis do mosteiro de São Domingos das Donas, em Santarém, a fazer o cadeiral do coro, tomando por modelo o do convento das Celas de Coimbra[185], é possível ter executado algum retábulo para este cenóbio.

Caetano Rodrigues Gomes (1749)

Mestre entalhador com oficina aberta na cidade de Lisboa. No dia 13 de novembro de 1749, ajusta com a Mesa da Consciência e Ordens o entalhe do retábulo principal da igreja de Nossa Senhora dos Mártires, no Crato, com eventual *risco* de Manuel da Costa Negreiros, arquiteto da Ordem de Malta[186], exemplar que já não subsiste.

Carlos Baptista Garvo (1713)

Vem para Portugal com o seu pai, o mestre pedreiro milanês João Baptista Garvo. No nosso país dá continuidade à sua oficina, assumindo também a feitura de *riscos* de retábulos de pedraria.

Em 1713, faz o projeto do retábulo-mor da igreja do colégio da Companhia de Jesus, atual sé, em Santarém (ver p. 198), exemplar que é ajustado, no dia 3 de abril, entre os responsáveis do dito colégio e os mestres pedreiros lisboetas António Pereira, Manuel Rodrigues e Vicente Soares, *pelo preço de nove mil cruzados e*

184 SOUSA e RASQUILHO, 1936, pp. 477 a 479.
185 SERRÃO, 2002, p. 268.
186 Informação cedida pelo Prof. Vítor Serrão, a quem agradecemos.

cem mil réis[187].

Carlos Mardel (1738)

Prestigiado arquiteto régio sediado em Lisboa. Em 1738, intervém no projeto do retábulo concebido pelo escultor italiano João António Bellini de Pádua, radicado em Portugal, para a capela de Nossa Senhora da Boa Morte, na igreja do colégio de Nossa Senhora da Conceição, em Santarém, sugerindo que passe a ter quatro colunas em vez das duas previstas[188] (ver p. 216).

Claude Laprade (c. 1705 - 1733)

Escultor francês, originário de Avignon, que se radicou em Portugal a partir dos finais do século XVII, fixando definitivamente a sua oficina em Lisboa.

Por volta de 1705, é muito provável ter concebido o risco e assumido o entalhe do retábulo de Nossa Senhora do Socorro, na igreja do antigo colégio de Santarém[189] (ver p. 195), atendendo à qualidade plástica do entalhe e ao emprego precoce de vários elementos, não só estruturais (as metas ou meios corpos e os segmentos de frontões curvos no ático), mas também decorativos (elementos vegetalistas no fuste das colunas, substituindo os tradicionais cachos de uvas).

Por volta de 1733, pode ter concebido o risco do retábulo-mor da igreja da Misericórdia, na Chamusca[190] (ver p. 213).

Cristóvão de Seixas (1608 - 1616)

Mestre entalhador com oficina aberta na cidade de Coimbra. Era genro do pintor Pedro Álvares Pereira, também residente nesta cidade. Em 1608 - 1609, desloca-se com o seu sogro para Portalegre para irem trabalhar nas obras da sé[191].

187 A. CARVALHO, 1962, 2, pp. 236 a 238; SERRÃO, 1990, p. 84; LAMEIRA, 2006, pp. 35 e 87; COUTINHO, 2010, 2, pp. 200 a 203.
188 BONIFÁCIO, 1990, 1, p. 236.
189 LAMEIRA, 2009, pp. 36 e 89.
190 LAMEIRA, 2009, pp. 53 e 111.
191 PATRÃO, 2002, p. 225.

É possível ter colaborado no entalhe do retábulo da capela de São Crispim e São Crispiniano, na igreja da sé de Portalegre (ver p. 177).

Daniel Joaquim do Rosário, frei (década de 1820)

Como debuxador de arquitetura na igreja da sé, em Castelo Branco[192], é possível ter concebido o projeto de alguns retábulos para templos desta cidade.

Diogo Vaz Pereira (1572)

Mestre marceneiro com oficina aberta na cidade de Portalegre, em 1572. Desconhecemos a sua atividade profissional.

Domingos Lopes (1675 - 1677)

Mestre entalhador com oficina aberta na cidade de Lisboa, *junto ao mosteiro da Trindade*. A 30 de maio de 1677, assume o entalhe do, já desaparecido, retábulo principal da igreja conventual dos religiosos de São Bernardo, em Portalegre, pela quantia de 325$000 réis[193].

Atribuímos a este profissional o entalhe do retábulo-mor da igreja monástica de Santa Maria, em Almoster, executado por volta de 1675 (ver p. 188).

Domingos Nunes (1685 - 1687)

Reputado mestre entalhador e debuxador, com oficina aberta na cidade do Porto. De parceria com o seu colega, António Gomes, também morador nesta localidade, no dia 1 de agosto de 1685, ajusta o entalhe do retábulo principal da igreja paroquial de São Pedro, na Sertã (ver p. 189), tomando por modelo o retábulo que ambos tinham concebido e executado no ano anterior na igreja do colégio de São Bento, em Coimbra[194].

192 HORMIGO, 1998, p. 20.
193 SERRÃO, 2003, p. 99; FERREIRA, 2009, 2, p. 161.
194 BRANDÃO, 1984, pp. 597 a 601.

Dois anos depois, a 13 de fevereiro, mais uma vez de parceria com António Gomes, assume o entalhe do retábulo-mor, ainda subsistente, da igreja paroquial de São Sebastião, em Cernache do Bonjardim – Sertã, utilizando de novo como protótipo o retábulo que ambos tinham concebido e executado na referida igreja do colégio de São Bento, em Coimbra[195].



Fonte SERRÃO, 1995, p. 379.

Domingos Vieira Serrão (1628 - 1630)

Prestigiado pintor régio. Por volta de 1628 - 1630, executa o risco do oratório da sacristia da igreja conventual de São Francisco, em Tomar, cujo original se encontra no Museu do Louvre em Paris[196], sendo provável que também concebido projetos de retábulos para este cenóbio.

Estácio Matias (1578)

Mestre escultor de origem flamenga radicado na cidade de Lisboa, no Bairro Alto. Em 1578, de parceria com o seu colega de profissão, Pedro de Frias, ajusta a feitura do retábulo, já desaparecido, da capela-mor da igreja paroquial do Salvador, em Torres Novas. Este trabalho acabou por provocar litígio entre ambos[197].

Filipe Santiago da Fonseca (c. 1730)

Mestre entalhador que, por volta de 1730, executa o retábulo da capela-mor da igreja matriz de Santa Maria, em Castelo Branco, obra arrematada por ordem de Sua Alteza Real[198]. Este exemplar ainda subsiste, ainda que bastante remodelado posteriormente.

É possível atribuir a este profissional os dois retábulos colaterais deste mesmo templo, um da invocação de Nossa Senhora do Rosário e o outro das Almas do Purgatório.

195 BRANDÃO, 1984, pp. 634 a 639.
196 SERRÃO, 1995, p. 379.
197 SERRÃO, 1998, p. 144.
198 HORMIGO, 1998, p. 20.

Francisco (1533)

Escultor francês radicado em Lisboa. Em 1533, faz um painel e assenta alguns retábulos no convento de Cristo em Tomar[199]. Nada subsiste da sua obra.

Francisco Coelho (1616 - 1655)

Mestre marceneiro com oficina aberta em Santarém. Em 1616 - 1618 executa o, já desaparecido, retábulo-mor da igreja paroquial de Santa Maria de Marvila, em Santarém[200].

Em 1640, faz a estrutura de madeira para os dois retábulos colaterais da igreja da Misericórdia, em Torres Novas[201], exemplares que já não remanescem.

Cinco anos depois remodela o retábulo da capela-mor da mesma igreja da Misericórdia, em Torres Novas[202], trabalho que também não sobrevive.

Francisco Freire Brás (cerca de 1729)

Mestre entalhador e debuxador com oficina aberta em Vila Viçosa. Por volta de 1729, de parceria com o seu cunhado Manuel de Oliveira Leal, é possível ter executado os dois retábulos colaterais da igreja do Senhor do Bonfim, em Portalegre (ver p. 215), atendendo às grandes afinidades com o de Nossa Senhora do Loreto, localizado na igreja da Misericórdia, em Vila Viçosa, executado por estes dois profissionais.



Vila Viçosa. Igreja da Misericórdia. Retábulo de Nossa Senhora do Loreto. Foto Sandra Bela Canhoto.

Francisco de Loreto (1533)

Grande oficial, assim em pedra como em madeira, de origem francesa, mas com oficina aberta em Lisboa. Era irmão do marceneiro Pedro de Loreto.

Em 1533, desloca-se ao convento de Cristo, em Tomar, para

199 CRAVEIRO, 2002, p. 390.
200 SERRÃO, 2002, p. 268.
201 SERRÃO, 2002, p. 268; GREGÓRIO, 2003, pp. 68 e 128.
202 GREGÓRIO, 2003, pp. 66 e 67.

concertar os retábulos grandes e pequenos da charola, com auxílio de um seu companheiro entalhador[203].

Francisco Marca (1755)

Estucador de origem piemontesa, residente em Portugal. Em 1755, executa dois retábulos laterais (ver p. 219) para a igreja do Colégio, em Santarém, atual sé.

Francisco da Piedade, frei (antes de 1740)

Religioso no convento da Santíssima Trindade, em Santarém e escultor barrista. Pode ter ensinado o ofício ao seu colega frei Manuel Teixeira. Desconhecemos a sua obra na região em estudo.

Frutuoso Pereira de Almeida (1743)

Mestre entalhador e debuxador, originário da cidade de Braga, mas que fixa a sua oficina em Torres Novas.

A 11 de julho de 1743, contrata com o prior do convento de Nossa Senhora do Carmo, em Torres Novas, a feitura do retábulo-mor, incluindo o camarim e o sacrário, pela quantia de 140$000 réis[204]. Nada resta desta intervenção.

É-lhe atribuído o entalhe do retábulo do Senhor dos Passos, na igreja paroquial de São João Baptista, em Abrantes[205] (ver p. 207).

Gabriel Pereira (1730)

Mestre entalhador originário de Famalicão. No dia 29 de março de 1730, de parceria com o seu colega e familiar Manuel Pereira, da mesma localidade, ajusta a feitura do retábulo principal da igreja da Santa Casa da Misericórdia, em Idanha-a-Nova, pela quantia de 260$000 réis[206] (ver p. 206).

Gaspar Coelho (1590 - f. 1605)

Mestre escultor e marceneiro com oficina aberta na cida-



Idanha-a-Nova. Igreja da Misericórdia.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto Santa Casa da Misericórdia de Idanha-a-Nova.

203 FLOR, 2008, pp. 138 e 139.
204 SERRÃO, 2012, p. 194.
205 LAMEIRA, EVARISTO e LOUREIRO, 2016, p. 181.
206 HORMIGO, 1998, pp. 11, 19 e 21.

de de Portalegre, a partir de 1576. Antes fizera a aprendizagem em Badajoz, onde contrai casamento. Pertenceu à irmandade da Santa Casa da Misericórdia tendo sido, em 1588, *o mais votado do povo* nas eleições[207].

No dia 23 de outubro de 1590, estando preso, foi solto, comprometendo-se a acabar o retábulo principal da igreja da sé, em Portalegre, até outubro do ano seguinte[208]. Esta obra tinha sido encomendada pelo bispo D. frei Amador Arrais (ver p. 169).

É possível atribuir-lhe o entalhe de mais três retábulos na igreja da sé, provavelmente de parceria com o seu irmão Domingos Coelho, patrocinados pelo referido prelado, a saber, o de São Pedro[209], o de Nossa Senhora do Carmo e o das Chagas[210].

Gregório das Neves Leitão (1757 - c. 1759)

Mestre canteiro natural que disse ser de Lisboa, morador na cidade de Elvas e assistente em Vila Viçosa. A 30 de julho de 1757, contrata com os agostinhos descalços do convento de Santa Maria, em Portalegre a execução de um retábulo de pedra de mármore fina para a capela-mor deste cenóbio, pela quantia de 700$000 réis[211]. Este exemplar já não subsiste.

Atribuímos a este profissional a feitura do retábulo-mor da igreja da Misericórdia, em Alter do Chão (ver p. 228), atendendo às grandes semelhanças formais com o retábulo principal da igreja de Nossa Senhora da Lapa, em Vila Viçosa, por si ajustado em 1759[212].

Inácio da Piedade e Vasconcelos, padre (década de 1720 - f. 1747)

Cónego secular de São João Evangelista, natural de Santarém. Atendendo aos conhecimentos que demonstra na sua obra li-



Vila Viçosa. Igreja de Nossa Senhora da Lapa. Retábulo-mor.
Foto SIPA 2697.

207 GONÇALVES, 2001, pp. 30 e 38.
208 SERRÃO, 1987, p. 40; GONÇALVES, 2001, p. 45.
209 PATRÃO, 2002, pp. 149 e 156.
210 SOTTO MAYOR, 1984, pp. 63 e 85.
211 MONTEIRO, 2012, 1, p. 108.
212 FILIPE, 2017, pp. 163 e 164.

terária[213], nomeadamente nos *Artefactos simétricos e geométricos*, seguramente executou riscos de retábulos.

A opinião, apesar de retardatária, que expressa na referida obra a propósito dos retábulos de madeira predominantemente entalhada e dourada, encontra paralelo no retábulo-mor da igreja paroquial de Santa Maria de Marvila, em Santarém, eventualmente da sua autoria: *se vê hoje nos retábulos e tribunas, que hoje com agradável composição referenciamos, aonde as colunas retorcidas ou salomónicas têm seus troncos todos revestidos de folhas, flores e pássaros. Nos lugares dos pedestais vemos suprindo a sua fortaleza as forças de figuras com admiráveis perspetivas. Os meios círculos nos retábulos das capelas, seguidos os torcidos das colunas, em forma de tarjas, com várias figuras de esculturas inteiras e as talhas levantadas em ramos seguidos e lavrados com grande primor e valentia*[214] (ver p. 44).

Jacques de Campos (1595 - 1613)

Mestre marceneiro flamengo ou descendente de flamengos, com oficina aberta na cidade de Lisboa. Em 1613 executa, de parceira com Simão Coelho, o retábulo-mor da igreja da Santa Casa da Misericórdia, em Santarém[215], exemplar que já não subsiste.

Por volta de 1595, é possível ter executado o retábulo-mor da igreja da Misericórdia, em Idanha-a-Nova[216]. Só sobrevivem alguns painéis pintados.

Jerónimo de Ruão (f. 1601)

Arquiteto régio morador na cidade de Lisboa. Por algumas afinidades com o retábulo da capela-mor da igreja do antigo convento de Nossa Senhora da Luz, em Carnide, atribuímos a este

213 A sua obra encontra-se desatualizada para a época em que escreveu, pois não acolhe as inovações do tratado do padre Andrea Pozo, nomeadamente as que estavam a ser aplicadas nalguns retábulos, por exemplo as colunas torsas com o terço inferior diferenciado e com uma grinalda espiralada a percorrer a garganta do fuste.

214 VASCONCELOS, 1733, p. 373.

215 SERRÃO, 1990, p. 64.

216 CORDEIRO, 2013, pp. 153 e 237.

profissional a autoria do *risco*, ainda remanescente (ver p. 154), do retábulo principal da igreja conventual de Nossa Senhora da Consolação, dos religiosos de São Domingos, em Abrantes.

João António Bellini de Pádua (1738 - f. c. 1755)

Reputado *mestre estatuário de retábulos e arquitetura, de nação italiana, assistente nesta corte e morador na travessa que vai para a Calçada de São Vicente, freguesia de Nossa Senhora da Pena*, desde a segunda década do século XVIII. É possível ter sido também estucador.

No dia 15 de dezembro de 1738, assume a feitura do retábulo da capela de Nossa Senhora da Boa Morte, na igreja do colégio de Nossa Senhora da Conceição, em Santarém, *de pedra com variedade de cores na forma de um risco já feito, assinado pelo dito António de Pádua, com um acrescentamento que para ele a respeito das colunas, que eram duas e agora hão de ser quatro, por uma planta que tirou o arquiteto Carlos Mardel, segundo a ordem de André Palladio*[217]. Em 1739 recebe vários pagamentos do reverendo padre Manuel Pires, da Companhia de Jesus, por estar a executar este retábulo[218] (ver p. 216).

No dia 23 de julho de 1739, assume com o padre Rafael Mendes, procurador-geral da Província de Portugal da Companhia de Jesus e administrador da obra pia de D. Fernando Martins Mascarenhas de Lencastre, a feitura de um retábulo de pedraria, de acordo com um risco da sua autoria, destinado à capela da Quinta de Santa Bárbara, no termo de Punhete, atual Constância. Em 1740, após a conclusão desta obra passa duas quitações recebendo, de uma vez, 491$585 réis e, da outra, 48$000 réis[219] (ver p. 217).

Devem ser também da autoria os seis retábulos laterais, gémeos, de pedraria, da igreja de Nossa Senhora dos Mártires, em

217 BONIFÁCIO, 1990, 1, p. 236.
218 VITERBO, 1899, pp. 103 e 104.
219 VITERBO, 1899, pp. 103 e 104.

Constância[220] (ver p. 224).

João Baptista (c. 1784)

Mestre alvanéu com oficina aberta na cidade de Portalegre. Embora se tenha conhecimento de retábulos de alvenaria estucada que realizou na vizinha diocese de Évora, nomeadamente em 1784, de parceria com o seu colega de profissão, João Barreto, também morador nesta cidade, desconhece-se a sua atividade na região em estudo.

João Barreto (c. 1784)

Mestre alvanéu com oficina aberta na cidade de Portalegre. Embora se tenha conhecimento de retábulos de alvenaria estucada que realizou na vizinha diocese de Évora, nomeadamente em 1784, de parceria com o seu colega de profissão, João Baptista, também morador nesta cidade, desconhece-se a sua atividade na área em análise.

João de Castilho (1536 - f. cerca de 1551)

Mestre pedreiro e arquiteto régio, *natural do reino da Biscaia*. Em 1536, é responsável pela reforma da igreja conventual, de religiosos franciscanos, de Santa Iria, em Tomar [221], sendo provavelmente da sua autoria o projeto da capela funerária dos Vales, incluindo o retábulo (ver p. 165).

João Coelho (c. 1630)

Mestre entalhador com oficina aberta em Santarém, devendo ser familiar do mestre Francisco Coelho, também sediado nesta vila.

No codicilo, feito a 31 de dezembro de 1630, diz-se que João Rodrigues de Novais tinha contratado *João Coelho, de Santarém, para fazer o retábulo* da capela-mor da igreja conventual do Carmo,

220 CARDOSO, 2008, p. 38.
221 N. BORGES, 1980, p. 49.

em Torres Novas, *em 120$000 réis, em que se entregou logo dezoito bordos*[222]. Este exemplar, que já não subsiste, deve ter sido concebido pelo arquiteto régio Pedro Nunes Tinoco.

João Correia (1661 - 1662)

Mestre entalhador com oficina aberta na vila de Castelo de Vide. Embora se tenha conhecimento de retábulos que realizou na vizinha diocese de Évora, nomeadamente em 1661 e 1662[223], desconhece-se a sua atividade no território abordado.

João da Costa Ribeiro (f. 1647)

Mestre marceneiro e debuxador. Em 1647, tinha oficina aberta na vila de Santarém[224], desconhecendo-se a sua atividade profissional na região em estudo.

João Lopes Garção (1708)

Mestre entalhador natural da cidade de Portalegre. Apesar de ter executado alguns retábulos na vizinha diocese de Évora, nomeadamente em 1708[225], não temos conhecimento de obras suas na área em análise.

João Lourenço (1741)

Mestre entalhador originário de Famalicão. Em 1741, ajusta a feitura do retábulo-mor da igreja paroquial de Segura – Idanha-a-Nova[226], exemplar que já não sobrevive.

João Peixoto, padre frei (c. 1675)

Religioso e debuxador, morador em Lisboa. Atendendo a que faz projetos de retábulos para as religiosas cistercienses[227], é possível ter executado o risco do retábulo-mor da igreja do mosteiro, em Almoster, por volta de 1675 (ver p. 188).

222 Informação cedida pelo investigador Rui Mesquita Mendes, a quem agradecemos.
223 CAETANO e SERRÃO, 1999, p. 22.
224 SERRÃO, 1983, p. 49.
225 MONTEIRO,2012, 2, p. 213.
226 HORMIGO, 1998, p. 21.
227 SERRÃO, 2003, p. 99.

João Pereira (1692)

Mestre entalhador com oficina aberta em Portalegre e que se mantém ativo pelo menos até 1703[228]. Em 1692, de parceria com o seu colega Manuel Moreira, ajusta o retábulo principal da ermida de Nossa Senhora do Pilar e Salvador do Mundo, em Castelo de Vide[229]. Subsiste, mas bastante remodelado posteriormente.

João dos Reis (1802 – 1803)

Mestre alvanéu que, a 12 de maio de 1802, ajusta com o guardião do convento de Nossa Senhora da Estrela, em Marvão, frei Francisco de Santa Clara Gomide, a obra da capela-mor, incluindo a feitura do retábulo *de adobo e cal de areia*[230] (ver p. 98).

João de Ruão (1536)

Mestre escultor francês radicado na região de Coimbra. Em 1536, é provável ter sido o responsável pela execução do retábulo da capela dos Vales, na igreja conventual, de religiosos franciscanos, de Santa Iria, em Tomar[231] (ver p. 66).

É ainda possível ter executado, por essa ocasião, o retábulo de pedraria que preenche a maior parte da parede testeira da capela da Quinta da Cardiga, na Golegã.

João Turriano, frei (1642)

Religioso beneditino que chegou a desempenhar as funções de engenheiro-mor do Reino. Em 1642, de parceria com Marcos Magalhães, faz o risco do retábulo da capela-mor da igreja do mosteiro de São Bento dos Apóstolos, em Santarém, cujo entalhe foi assumido pelo referido mestre Marcos de Magalhães[232].

Jorge Soares de Oliveira (1748)

Mestre entalhador com oficina aberta na cidade de Lisboa.



Tomar. Igreja conventual de Santa Iria. Pormenor do retábulo da capela dos Vales. Foto Freguesia de São João Baptista e Santa Maria - Tomar.

228 MONTEIRO, 2012, 2, p. 229.
229 SERRÃO, 2003, p. 102.
230 GORJÃO, 1995, p. 48.
231 ALMEIDA, 1976, p. 554.
232 SERRÃO, 1983, p. 42.

A 13 de março de 1748, de parceria com o seu colega, também morador em Lisboa, Matias José de Faria, ajusta o entalhe de seis retábulos principais de igrejas do priorado do Crato, ficando a seu cargo os três seguintes: o de Nossa Senhora da Assunção, na vila de Gavião, o de Nossa Senhora da Graça em Envendos – Mação e o da igreja de São João Baptista, em Carvoeiro – Mação[233]. Não subsiste nenhum destes exemplares.

José Joaquim de Almeida (1791)

Mestre entalhador com oficina aberta na cidade de Portalegre. No dia 31 de outubro de 1791, assume com o provedor e mais irmãos da Santa Casa da Misericórdia da vila de Castelo de Vide a feitura do retábulo principal da igreja desta irmandade, *em madeira de pinho de Flandres* (...) *pela quantia de 600$000 réis*[234]. Este contrato não teve efeito, atendendo a que o exemplar remanescente é de alvenaria estucada.

José Lourenço da Santa (1752)

Mestre entalhador com oficina aberta em Portalegre, cuja atividade se mantém pelo menos até 1775[235].

A 20 de novembro de 1752, ajusta com os mesários da confraria do Coração de Jesus a obra do retábulo da capela de Nossa Senhora dos Anjos da Porciúncula, no convento de Nossa Senhora da Conceição, em Castelo de Vide [236], espécime inexistente.

José Maria Caggiani (1868)

Arquiteto italiano que, em 1868, se encontra na vila de Santarém a orientar o restauro da igreja paroquial de São Salvador, que já não existe, tendo então executado cinco detalhes de meios retábulos destinados a este templo (ver p. 156).

233 BONIFÁCIO, 1990, pp. 360 a 364.
234 PINA, 1985.
235 MONTEIRO, 2012, 2, p. 234.
236 MONTEIRO, 2012, 2, p. 161.

José Pereira Lobo (1710)

Entalhador lisboeta que integrava a oficina do mestre Matias Rodrigues de Carvalho e que colabora na obra da remodelação do retábulo de Nossa Senhora da Glória, na igreja do colégio da Companhia de Jesus, em Santarém. No testamento do referido mestre, celebrado a 1 de março de 1710, é dito que a conclusão da obra será da sua responsabilidade[237].

José Pessoa Nobre (1733)

Mestre entalhador com oficina aberta em Lisboa. No dia 11 de setembro de 1733, assume a feitura do retábulo-mor da igreja da Santa Casa da Misericórdia, na Chamusca[238] (ver p. 213).

José Ramalho (1696)



Tancos (Vila Nova da Barquinha). Igreja paroquial. Retábulo-mor . Foto SIPA 1029215

Mestre entalhador com oficina aberta em Lisboa, na freguesia de Nossa Senhora das Mercês. No dia 20 de julho de 1696, ajusta com Vicente Lourenço de Carvalho, morador na então vila de Tancos, atualmente no concelho de Vila Nova da Barquinha, a feitura do retábulo de madeira de bordo para a capela-mor da igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição, pela quantia de 220$000 réis, sendo testemunha o seu colega de profissão Manuel Álvares[239].

M. Tomás (1876)

Mestre entalhador com oficina aberta nalgum centro urbano do centro do país. Em 1876, de acordo com a inscrição existente na base de uma das pilastras: *1876 M Thomaz fecit*, executa um retábulo de madeira entalhada para a capela do Arcanjo São Miguel, na igreja paroquial de Santiago, em Torres Novas[240] (ver p. 84). De anotar que este exemplar toma por modelo as normas

237 SIMÕES, 2002, p. 176.
238 GUIMARÃES, s.d., 2, pp. 316 e 317; LAMEIRA, 2009, pp. 53 e111.
239 A. CARVALHO, 1964, p. 18; SERRÃO, 1989a, p. 648 e FERREIRA, 2009, pp. 290 a 293 e 525.
240 BICHO, 2002, p. 132.

vigentes nos princípios do século XVIII.

Manuel Afonso Rodrigues Pita (antes de 1873)

Arquiteto morador na cidade de Lisboa. Concebe o risco do retábulo principal da igreja matriz de Santa Maria da Devesa, em Castelo de Vide, cuja execução remonta a 1873[241] .

Manuel Álvares (1696 - 1713)

Mestre entalhador com oficina aberta em Lisboa, transferindo-se depois para Santarém. Em 1696 é testemunha no ajuste da feitura do retábulo da capela-mor da igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição, em Tancos – Vila Nova da Barquinha, obra assumida pelo seu colega de profissão, José Ramalho[242].

No dia 21 de abril de 1703, compromete-se com João Henriques, morador em Santarém, a fazer um retábulo de madeira entalhada para a capela do beato Estanislau (ver p. 194), sita na igreja do colégio da Companhia de Jesus, pela quantia de 310$000 réis[243].

Dez anos mais tarde, no dia 31 de maio, assume com os responsáveis da irmandade de São Francisco Xavier, da mesma igreja do colégio, atual sé, o entalhe de um retábulo de madeira de bordo *na forma do que está feito na capela do beato Estanislau, que está de frente da do dito glorioso Santo*, pela quantia de 430$000 réis[244] (ver p. 194).

Vítor Serrão atribui-lhe a execução dos vários retábulos da capela da ordem terceira de São Francisco, em Santarém, incluindo o do presbitério[245] (ver p. 197).



Santarém. Igreja do extinto colégio. Retábulo de São Francisco Xavier. Foto Hélio Ramos.

241 R. CARVALHO, 2006, p. 55.
242 FERREIRA, 2009, 2, p. 293.
243 SERRÃO, 2003, p. 108; LAMEIRA, 2006, pp.38 e 99, FERREIRA, 2009, pp. 347 a 349 e 535.
244 SERRÃO, 2003, p. 108; LAMEIRA, 2006, pp.38 e 91, FERREIRA, 2009, pp.435 a 437 e 535.
245 SERRÃO, 2003, p. 108.

Manuel Barbosa Ferreira (1724)

Mestre entalhador com oficina aberta na cidade de Castelo Branco. No dia 25 de maio de 1724, de parceria com Diogo Nunes, oficial de carpinteiro, ajusta a feitura de seis retábulos laterais para a igreja paroquial de Monforte da Beira – Castelo Branco e mais dois púlpitos de talha, pela quantia de 395$000 réis[246]. Apesar de a escritura notarial escrita não se ter realizado, é possível que estes profissionais tenham executado a obra verbalizada. Estes retábulos ainda subsistem, apesar de alguns não terem colunas, pois foram alienadas por assaltantes.



Monforte da Beira (Castelo Branco). Igreja paroquial. Retábulo colateral.
Foto Ricardo Silva.

Manuel Barreto (1674)

Mestre marceneiro com oficina aberta na cidade de Lisboa, *junto ao mosteiro da Santíssima Trindade*. A 12 de agosto de 1674, assume com o procurador da abadessa do mosteiro de São Bernardo, em Portalegre, a feitura do retábulo-mor da igreja, pela quantia de 325$000 réis[247]. Esta escritura não chegou a ser cumprida, pois uma nova realizar-se-á três anos depois com o mestre Domingos Lopes.

Manuel Caetano de Sousa (após 1786)

Arquiteto régio, morador na cidade de Lisboa, que desempenhou também funções para o priorado do Crato.

Após 1786, já como arquiteto desta Ordem, é provável ter concebido o risco do retábulo da capela-mor da igreja paroquial de Santiago, em Portalegre.

Manuel da Costa Negreiros (1748 - f. 1750)

Arquiteto da religião de Malta, morador na cidade de Lisboa. Em 1748, concebe as plantas para seis retábulos de igrejas do priorado do Crato, cujo entalhe é assumido a 13 de março do dito

246 HORMIGO, 1998, pp. 11, 17, 18 e 21.
247 FERREIRA, 2009, 2, pp. 137 a 140.

ano pelos mestres entalhadores lisboetas Matias José de Faria e Jorge Soares de Oliveira[248].

É provável ter concebido o *risco* do retábulo principal da igreja de Nossa Senhora dos Mártires, no Crato, cujo entalhe é ajustado em 1749 pelo mestre lisboeta Caetano Rodrigues Gomes. Este exemplar já não subsiste.

Manuel Ferreira (1715 - 1724)

Mestre entalhador com oficina aberta em Torres Novas. Em 1715, é pago por ter feito o caixilho do painel da tribuna do retábulo principal da igreja da Santa Casa da Misericórdia, em Torres Novas[249]. Este painel ainda subsiste.

A 17 de abril de 1722, ajusta a feitura do retábulo colateral, de Santa Luzia, da igreja paroquial do Salvador, em Torres Novas, pela quantia de 90$000 réis, de madeira de castanho, *na mesma forma em que está o de Nossa Senhora do Rosário da dita igreja*[250].

No dia 12 de agosto de 1724, assume a execução do retábulo-mor da igreja paroquial de São Tiago, em Torres Novas (ver p. 205), de madeira de castanho, tomando por modelo o retábulo da igreja de São Pedro desta mesma localidade, pela quantia de 300$000 réis[251].

Manuel Ferreira Pinto (1738)

Mestre entalhador com oficina aberta em Torres Novas. Em abril de 1738, ajusta o entalhe do retábulo principal da igreja de Nossa Senhora da Piedade, na Brogueira, termo de Torres Novas, pela quantia de 330$000 réis[252]. Nada subsiste desta intervenção.

Manuel Francisco (f. 1693)

Mestre ou simples oficial de entalhador que, em Castelo



Portalegre.
Igreja paroquial de Santiago.
Retábulo-mor.
Foto SIPA 857129.



Torres Novas. Igreja paroquial do Salvador.
Retábulo de Santa Luzia.
Foto Paróquias de Torres Novas.

248 BONIFÁCIO, 1990, pp. 360 a 364.
249 SERRÃO, 2012, p. 192.
250 SERRÃO, 2012, p. 245.
251 SERRÃO, 2012, p. 251.
252 SERRÃO, 2012, p. 193.

Branco, *aos 7 de agosto de 1692 faleceu* (...) *trabalhava no retábulo da capela-mor desta igreja de São Miguel, teve acompanhamento e missa de presente e está sepultado no adro da dita igreja*[253].

Manuel Francisco (1780)

Desconhece-se em que localidade este mestre entalhador estava sediado. Em 1780, executa uma obra, não identificada, pela quantia de 250$000 réis, para uma capela do mosteiro de Santa Clara, em Santarém[254]. Nada resta desta intervenção.

Manuel João da Fonseca (antes de 1683)

Mestre entalhador com oficina aberta em Lisboa. Antes de 1683, entalha os dois retábulos colaterais, já inexistentes, da igreja paroquial de Santo Estevão ou do Santo Milagre, em Santarém[255].

Manuel Jorge (1734)

Mestre entalhador que, a 3 de janeiro de 1734, ajusta a feitura do retábulo principal da ermida de Nossa Senhora da Sanguinheira, em Amieira do Tejo – Nisa[256], anexa à Misericórdia.

Manuel de Matos (1728 - 1738)

Mestre entalhador com oficina aberta na cidade de Portalegre. Em 1728, é responsável por uma pequena intervenção na capela de São Pedro, na igreja da sé, em Portalegre[257].

No dia 31 de julho de 1738, assume com Estêvão Manuel de de Pina e Moscovo o entalhe de um retábulo para o altar de Santo Estêvão, na igreja do Espírito Santo, em Portalegre, *de madeira de castanho, assim e da mesma forma das capelas colaterais da igreja do Senhor do Bonfim, porque qualquer deles servirá de planta*[258]. Este exemplar já não subsiste.



Amieira do Tejo (Nisa).
Ermida de Nossa Senhora da Sanguinheira. Retábulo.
Foto SIPA 859960.

253 CASTELO BRANCO, 1984.
254 FIGUEIREDO, 2013.
255 FIGUEIREDO, 2013a.
256 SOUSA e RASQUILHO, 1936, p. 393.
257 PATRÃO, 2002, p. 165.
258 MONTEIRO, 2012, 2, p. 231.

Manuel Moreira (1692)

Mestre entalhador com oficina aberta na cidade de Évora e posteriormente em Portalegre. Em 1692, de parceria com o seu colega João Pereira, ajusta o retábulo principal da ermida de Nossa Senhora do Pilar e Salvador do Mundo, em Castelo de Vide[259]. Subsiste, mas bastante remodelado posteriormente.

Manuel de Oliveira Leal (cerca de 1729)

Mestre entalhador e debuxador com oficina aberta em Vila Viçosa.

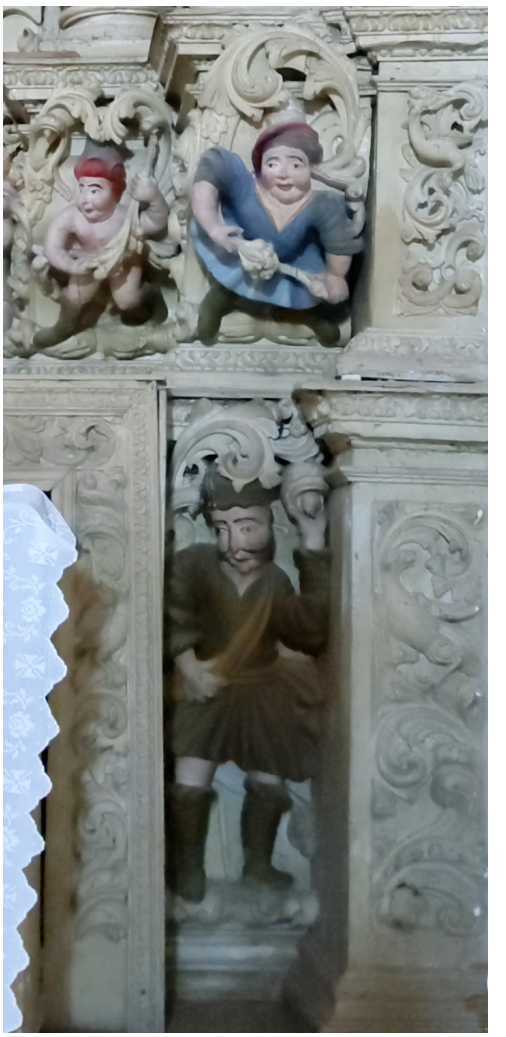
Por volta de 1729, de parceria com o seu cunhado Francisco Freire Brás, é possível ter executado os dois retábulos colaterais da igreja do Senhor do Bonfim, em Portalegre (ver p. 215), atendendo às grandes afinidades com o de Nossa Senhora do Loreto (ver p. 127), localizado na igreja da Santa Casa da Misericórdia, em Vila Viçosa, executado por estes dois profissionais.

Manuel Pereira (1730)

Mestre entalhador originário de Famalicão. No dia 29 de março de 1730, de parceria com o seu colega e familiar Gabriel Pereira, também de Famalicão, ajusta a feitura do retábulo principal da igreja da Santa Casa da Misericórdia de Idanha-a-Nova, pela quantia de 260$000 réis[260] (ver p. 206).

Manuel Rodrigues (1713)

Mestre pedreiro com oficina aberta na cidade de Lisboa, junto a São Vicente de Fora. No dia 3 de abril de 1713, ajusta de parceria com os seus colegas de profissão, António Pereira e Vicente Soares, a execução do retábulo-mor da igreja do colégio da Companhia de Jesus, em Santarém (ver p. 198), de acordo com o risco feito pelo mestre pedreiro milanês, radicado em Lisboa,



Idanha-a-Nova. Igreja da Misericórdia.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto Santa Casa da Misericórdia de Idanha-a-Nova.

259 SERRÃO, 2003, p. 102.
260 HORMIGO, 1998, pp. 11, 19 e 21.

Carlos Baptista Garvo[261].

Manuel dos Santos (1731)

Mestre entalhador com oficina aberta em Lisboa. É possível ter executado algum retábulo de madeira entalhada para a igreja do mosteiro de Santa Maria de Almoster – Santarém, em 1731, data em que entra em litígio com as monjas deste cenóbio[262].

Manuel da Silva (1685 - 1695)

Mestre entalhador e debuxador originário da cidade de Lisboa, na Cordoaria Velha, mas com oficina aberta, durante alguns anos, em Torres Novas, onde pertenceu à confraria do Santíssimo Sacramento, na igreja paroquial do Salvador.

A 30 de maio de 1685, ajusta a feitura do retábulo-mor da igreja paroquial do Salvador, em Torres Novas (ver p. 100), pela quantia de 400$000 réis, tomando por modelo alguns elementos do retábulo principal da igreja do convento de São Francisco, em Lisboa[263], obra assumida por si poucos anos antes.

Vítor Serrão afirma que há uma súmula notarial, datada de 18 de abril de 1693, que refere que este profissional se compromete a executar o retábulo principal da igreja paroquial de São Tiago, em Torres Novas[264], situação que não se deve ter concretizado, pois este retábulo é novamente ajustado, em 1724.

Em 1695, recebe 18$000 pela obra do sacrário do retábulo principal da igreja da Santa Casa da Misericórdia, em Torres Novas[265].

É possível atribuir-lhe a feitura do retábulo-mor da igreja paroquial de Nossa Senhora da Graça, nas Lapas – Torres, atendendo às afinidades compositivas com o já mencionado retábulo-mor da igreja do Salvador.



Torres Novas. Igreja da Misericórdia.
Sacrário do retábulo-mor.
Foto SIPA 199553.

261 A. CARVALHO, 1962, 2, pp. 236 a 238; SERRÃO, 1990, p. 84; LAMEIRA, 2006, pp. 35 e 87; COUTINHO, 2010, 2, pp. 200 a 203.
262 Informação inédita cedida pelo Prof. Vítor Serrão, a quem agradecemos.
263 GREGÓRIO, 2003, p. 95; SERRÃO, 2012, p. 192.
264 SERRÃO, 2012, p. 194.
265 GREGÓRIO, 2003, p. 192.

Manuel da Silva Monteiro (1700)

Mestre entalhador com oficina aberta em Torres Novas. A 6 de outubro de 1700, ajusta a feitura do retábulo colateral, de Nossa Senhora do Rosário, da igreja paroquial do Salvador, em Torres Novas, pela quantia de 110$000 réis[266] (ver p. 193).

Manuel Simão Tomás Ramos (1767)

Mestre entalhador com oficina aberta em São Miguel de Acha, no termo de Idanha-a-Nova. No dia 5 de agosto de 1767, ajusta com a viúva do mestre entalhador António José Longo a conclusão do entalhe de dois retábulos que este último tinha assumido e que, entretanto, falecera, a saber, os da capelas-mores das igrejas dos Escalos de Baixo e de Malpica do Tejo, ambos no concelho de Castelo Branco. Neste ajuste compromete-se ainda a aproveitar toda a madeira disponível, incluindo a que estava na posse da referida viúva[267]. O de Malpica ainda subsiste, no entanto, desconhecemos a existência do de Escalos.



Lapas (Torres Novas). Igreja paroquial. Retábulo-mor.
Foto Rita Marcelino.

Manuel Teixeira, frei (finais do século XVIII)

Religioso no convento da Santíssima Trindade, em Santarém e escultor barrista. Pode ter aprendido o ofício com o seu colega frei Francisco da Piedade.

A sua única obra conhecida é o retábulo de barro que executou neste cenóbio, *com muita escultura representando a Santíssima Trindade, Nossa Senhora, São José e outros patriarcas, tudo muito bem executado*[268]. Nada subsiste desta intervenção.



Malpica do Tejo (Castelo Branco). Igreja paroquial. Retábulo-mor.
Foto SIPA 1076406.

Marcos de Magalhães (1652 – f. 1664)

Mestre marceneiro e debuxador, com oficina aberta na cidade de Lisboa, no lugar do Sebo. No dia 30 de outubro de 1652,

266 SERRÃO, 2012, pp. 239 e 240.
267 HORMIGO, 1998, pp.15, 21, 36 e 37.
268 MACHADO, 1823, pp. 205 e 206.

ajusta com o procurador do mosteiro de São Bento dos Apóstolos, em Santarém, o entalhe do retábulo-mor da igreja, pela quantia de 150$000 réis, de acordo com um risco feito por si e por frei João Turriano. No ano seguinte recebe dois pagamentos respeitantes à conclusão do referido retábulo[269]. Este exemplar já não subsiste.

Martim Rodrigues (f. 1598)

Mestre marceneiro com oficina aberta na cidade de Lisboa. Após o seu falecimento em 1598, deixa incompleta a feitura do retábulo das Almas, incluindo o sacrário, na igreja paroquial de São Tiago, em Torres Novas. A viúva e os responsáveis da irmandade chegam a acordo para solucionar as perdas e os ganhos de cada parte[270]. Nada remanesce.

Martinho Ferreira (1731 - f. 1743)

Mestre canteiro originário da vila de Pombeiro, então na comarca de Guimarães, que se fixa na localidade de Amieira – Nisa. A 14 de fevereiro de 1731, de parceria com o seu colega de profissão, António Rodrigues, natural de Minhotães – Barcelos, ajusta pela quantia de 4000 cruzados e 48$000 réis, com o testamenteiro de Pedro Vaz Caldeira Sequeira e com os *mesários* da confraria, herdeira de seus bens, a feitura do retábulo de granito para a igreja do Senhor Jesus do Calvário, entretanto instituída em Amieira do Tejo – Nisa[271] (ver p. 212).



Amieira do Tejo (Nisa).
Pormenor do retábulo-mor.
Foto padre Joaquim Valente.

Mateus do Couto, ***o moço*** (c. 1666 - f. 1695)

Proeminente arquiteto régio, sediado na cidade de Lisboa. Foi autor de muitos projetos de retábulos, sendo possível atribuir-lhe o da capela do paço real de Salvaterra de Magos, executado por volta de 1666[272].

269 SERRÃO, 1983, pp. 40 a 42.
270 SERRÃO, 2012, p. 187.
271 MONTEIRO, 2012, 2, p. 161.
272 LAMEIRA e SERRÃO, 2001, p. 217.

Pode ainda ser da sua autoria o risco do retábulo-mor da igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição, em Muge – Salvaterra de Magos, nos meados do século XVII (ver p. 185).

Mateus Fernandes (1595)

Arquiteto residente em Lisboa. Em 1595, é pago por acompanhar as obras da igreja paroquial de São Vicente, em Abrantes[273], muito provavelmente da sua autoria, incluindo os *arcos* retabulares das capelas laterais.

Mateus Vicente (segunda metade de Setecentos - f. 1786)

Reputado arquiteto régio e da Ordem de Malta, morador em Lisboa. É possível atribuir-lhe o risco de dois retábulos-mores de igrejas paroquiais do priorado do Crato: a de São João, em Castelo de Vide e a de Santa Maria, no Marvão.

Matias José de Faria (1748)

Mestre entalhador da Casa Real, com oficina aberta na cidade de Lisboa. A 13 de março de 1748, de parceria com o seu colega, também morador em Lisboa, Jorge Soares de Oliveira, ajusta o entalhe de seis retábulos principais de igrejas do priorado do Crato, ficando a seu cargo os três seguintes: o de Nossa Senhora da Visitação, em Belver – Gavião, o de Santo António, no lugar de Marmeleiro – Sertã e o de São Vicente, na aldeia de Troviscal – Sertã[274]. Não sobrevive nenhum destes exemplares.

É possível atribuir-lhe a feitura, pouco depois de 1747, do retábulo-mor da igreja paroquial de São Vicente, em Abrantes[275].



Castelo de Vide.
Igreja de São João. Retábulo-mor.
Foto SIPA 853901.

Matias Rodrigues de Carvalho (1692 - f. 1710)

Mestre entalhador e debuxador, natural de Valada, termo

273 MATIAS, 2006.
274 BONIFÁCIO, 1990, pp. 360 a 364.
275 CARDOSO, 2008, p. 38.



Abrantes.
Igreja paroquial de São Vicente.
Retábulo-mor.
Foto SIPA 109678.

da vila de Santarém. Tinha oficina aberta na cidade de Lisboa, defronte da igreja de São Caetano.

No dia 15 de outubro de 1692, assume com o vigário da igreja e freguesia de Santiago, em Santarém, em nome do reverendo prelado de Tomar, D. Francisco Lobo da Silveira, o entalhe do retábulo-mor para esse templo, pela quantia de 250$000 réis, tendo feito também o *risco*[276]. Atendendo a que este contrato não foi outorgado, foi realizado um novo e com as mesmas condições, no dia 9 de fevereiro do ano seguinte[277]. Este exemplar já não subsiste.

No dia 3 de outubro de 1709, ajusta com o padre Manuel Calado, da Companhia de Jesus, a remodelação d*o* retábulo de Nossa Senhora da Glória, sito na igreja do colégio, em Santarém, *pelo mesmo rascunho e forma que ele fez na capela de Nossa Senhora dos Agonizantes da Casa Professa de São Roque*, em Lisboa. A obra deveria estar concluída até ao mês de janeiro de 1710, pela quantia de 120$000 réis, incluindo o custo da madeira[278]. No testamento celebrado a 1 de março de 1710, o mestre declara que esta obra, de que já recebera 80$000 réis, será concluída pelo seu oficial José Pereira Lobo[279]. É provável que a obra não tivesse sido concluída, pois não apresenta semelhanças com a remodelação que o referido mestre executou no retábulo de Nossa Senhora dos Agonizantes, na igreja de São Roque, em Lisboa.

Miguel Fernandes (1620)

Mestre pedreiro com oficina aberta em Tomar. Em 1620, ajusta a feitura dos *arcos* retabulares das capelas das naves da igreja paroquial de São João Baptista, em Abrantes[280].

276 FERREIRA, 2009, pp. 265 a 267 e 550.
277 FERREIRA, 2009, p. 550.
278 FERREIRA, 2009, pp. 418 a 420 e 552; LAMEIRA, 2009, p. 39.
279 SIMÕES, 2002, p. 176.
280 MATIAS, 2007.

Nicolau de Chanterenne (1521 - 1532)

Famoso escultor e debuxador de nacionalidade francesa, mas radicado no nosso país. Temporariamente teve oficina aberta em Lisboa. Fez parte do grupo restrito de profissionais responsáveis pela adoção do Renascimento em Portugal.

É possível atribuir-lhe o risco e a execução, eventualmente parcial, do retábulo-sepulcro do bispo D. Jorge de Melo, na igreja monástica de Nossa Senhora da Conceição, em Portalegre[281] (ver p. 166).



Abrantes. Igreja de São João Baptista.
Arco retabular.
Foto SIPA 527756.

Olivier de Gand (cerca de 1503 - f. 1512)

Escultor flamengo que, a partir de 1499, passa a residir em Coimbra. Por volta de 1503, por ordem do bispo de Coimbra, D. Jorge de Almeida, deve ter executado o retábulo-mor da igreja paroquial de Santa Maria, em Abrantes, panteão dos Almeidas, exemplar que ainda subsiste, ainda que bastante amputado[282] (ver p. 63).

Pedro de Frias (1578)

Cavaleiro da Casa de Sua Alteza e imaginário, morador em Coimbra. Em 1578, de parceria com o seu colega de profissão, Estácio Matias, ajusta a feitura do retábulo, já desaparecido, da igreja do Salvador, em Torres Novas. Este trabalho acabou por provocar litígio entre ambos[283].

Pedro Gonçalves (1785)

Mestre canteiro com oficina aberta em Estremoz. No dia 14 de abril de 1785, compromete-se com o bispo de Castelo Branco a executar o retábulo de pedraria para a capela do Santíssimo Sacramento, na sé desta cidade[284] (ver p. 235).

281 RODRIGUES e PEREIRA, 1988, p. 41.
282 CARDOSO, 2008, pp. 36 e 41.
283 SERRÃO, 1998, p. 144.
284 MARTINS, 2003, pp. 5 a 8.



Castelo Branco. Concatedral.
Pormenor do retábulo da capela do Santíssimo.
Foto Ivo Vladimiro.

Pedro de Loreto (década de 1540)

Mestre marceneiro, de origem francesa, mas com oficina aberta em Lisboa. Era irmão do já mencionado Francisco de Loreto.

No final da década de 1540, esteve envolvido na obra do retábulo e cadeiral do noviciado do convento de Cristo, em Tomar[285], nada subsistindo desta intervenção.

Pedro Nunes Tinoco (1603 - f. 1640)

Arquiteto régio sediado na cidade de Lisboa. Vítor Serrão atribui-lhe o risco do retábulo, de pedraria, de São Nicolau Tolentino, mandado executar por D. Gil Eanes para a sua capela, situada no transepto da igreja monástica de Nossa Senhora da Graça, em Santarém, obra concebida por volta de 1603[286]. Aquando das obras promovidas pela D.G.E.M.N., o retábulo foi transferido para a capela-mor da igreja do Hospital de Jesus Cristo da mesma vila, local onde ainda se encontra (ver p. 175).

Um pouco antes de 1630, é possível ter concebido o projeto para o revestimento integral da capela-mor da igreja do convento dos carmelitas calçados, em Santarém, incluindo o retábulo de madeira, cujo entalhe é assumido pelo mestre João Coelho, com oficina aberta na então vila de Santarém. Este exemplar já não remanesce.

Como arquiteto da Ordem militar do Hospital, pode ter idealizado o risco do retábulo da ermida de São Brás, localizada no interior do castelo de Belver (ver p. 183).

Pedro Vaz Pereira (c. 1616 - f. 1643)

Natural desta cidade (Portalegre)*, escultor e grande oficial nesta arte* (...) *trouxe da cidade de Roma* (...) *as relíquias dos santos mártires*

285 FLOR, 2008, p. 139.
286 SERRÃO, 1990, pp. 69 e 70.

Crispim e Crispiniano [287]. Era provavelmente filho do mestre marceneiro Diogo Vaz Pereira, com oficina aberta nesta cidade, em 1572.

É possível atribuir-lhe, um pouco antes de 1616, o risco do retábulo da capela de São Crispim e São Crispiniano, na igreja da sé, em Portalegre, onde estão as relíquias que trouxe de Roma (ver p. 177).

Pero Gomes (1542 - 1543)

Mestre pedreiro e escultor com oficina aberta em Estremoz. Por volta de 1542 - 1543, executa o túmulo do bispo D. Jorge de Melo, incluído no retábulo-sepulcro do bispo D. Jorge de Melo, na igreja monástica de Nossa Senhora da Conceição, em Portalegre[288] (ver p. 166).

Pero Sanches (princípios do século XVII)

Mestre pedreiro e debuxador com oficina aberta em Castelo Branco[289]. Nos princípios do século XVII, pode ter feito o risco do arco triunfal retabular da igreja matriz de São Miguel Arcanjo, atual concatedral.

Quentin Metezys (princípios do século XVI)

Pintor com oficina aberta em Antuérpia. Tem sido atribuída à sua oficina o tríptico do Batismo de Cristo, na igreja matriz de São João Baptista, em Tomar[290] (ver p. 163).

Rodrigo Franco (posterior a 1758)

Arquiteto régio, morador na cidade de Lisboa. Por afinidades com outras obras da sua autoria, é possível atribuir-lhe o projeto do retábulo-mor da igreja paroquial de São Vicente, em Abrantes.



Tomar. Igreja matriz de São João Batista.
Painel do tríptico do Batismo de Cristo.
Foto Laboratório de Fotografia do Instituto Politécnico de Tomar - Gonçalo de Figueiredo.

287 SOTTO MAIOR, 1984, p. 63.
288 BILOU, 2016, pp. 15 e 18.
289 SERRÃO, 2002, p. 193.
290 ALMEIDA, 1976, p. 549.

Sebastião Abreu do Ó (1757 - 1764)

Reputado mestre entalhador e debuxador, com oficina aberta na cidade de Évora, onde foi irmão da ordem terceira de São Francisco.

Em 1757, ajusta o entalhe do retábulo principal, ainda subsistente, da igreja do Senhor do Bonfim em Portalegre, pela quantia de 650$000 réis[291] (ver p. 77).

Sete anos depois, no dia 26 de janeiro, assume a feitura do retábulo-mor da igreja de São Martinho, também em Portalegre[292], exemplar que já não subsiste.

Simão Coelho (1613)

Mestre marceneiro com oficina aberta provavelmente em Lisboa. Em 1613 executa, de parceria com Jacques de Campos, o retábulo da capela-mor da igreja da Misericórdia, em Santarém[293], exemplar que já não sobrevive.

Suplix (1535)

Imaginário italiano radicado em Lisboa. Em 1535, faz *um retábulo de barro da quinta angústia que fez com sua obra de marcenaria* e concerta um outro retábulo, pequeno, de São Jerónimo no convento de Cristo, em Tomar[294]. Nada subsiste da sua intervenção.

Valentim António da Silva (1771)

Mestre entalhador com oficina aberta na vila de Pedrógão. De parceria com o seu colega Bento da Silva Ribeiro, também morador na mesma localidade, ajusta o entalhe do retábulo principal da igreja da Santa Casa da Misericórdia de Amieira do Tejo – de Nisa. Acabou por não executar esta obra[295].

291 A. BORGES, 2005, p. 161.
292 A. BORGES, 2005, p. 161.
293 SERRÃO, 1990, pp. 64 e 68.
294 CRAVEIRO, 2002, p. 389.
295 SOUSA e RASQUILHO, 1936, pp. 477 a 479.

Valentim da Costa Castelo Branco (cerca de 1715)

Cavaleiro ilustre, formado em Matemática na Universidade de Coimbra. Por volta de 1715, como debuxador de arquitetura em Castelo Branco[296], é possível ter concebido o projeto de retábulos para esta última localidade.

Vicente Soares (1713)

Mestre pedreiro com oficina aberta na cidade de Lisboa, junto a São Vicente de Fora. No dia 3 de abril de 1713, assume de parceria com os seus colegas de profissão, António Pereira e Manuel Rodrigues, a feitura do retábulo-mor da igreja do colégio da Companhia de Jesus, em Santarém (ver p. 198), de acordo com o risco feito pelo mestre pedreiro milanês, radicado em Lisboa, Carlos Baptista Garvo[297].

Santarém.
Igreja do extinto colégio da Companhia de Jesus.
Pormenor da pintura da cobertura.
Foto SIPA 550387.



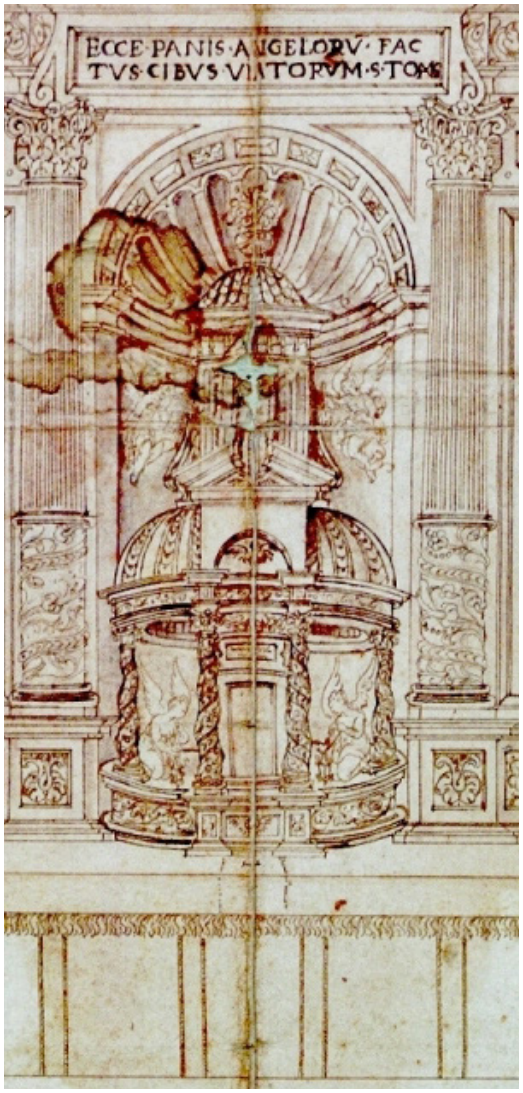
296 HORMIGO, 1998, p. 20.

297 A. CARVALHO, 1962, 2, pp. 236 a 238; SERRÃO, 1990, p. 84; LAMEIRA, 2006, pp. 35 e 87; COUTINHO, 2010, 2, pp. 200 a 203.

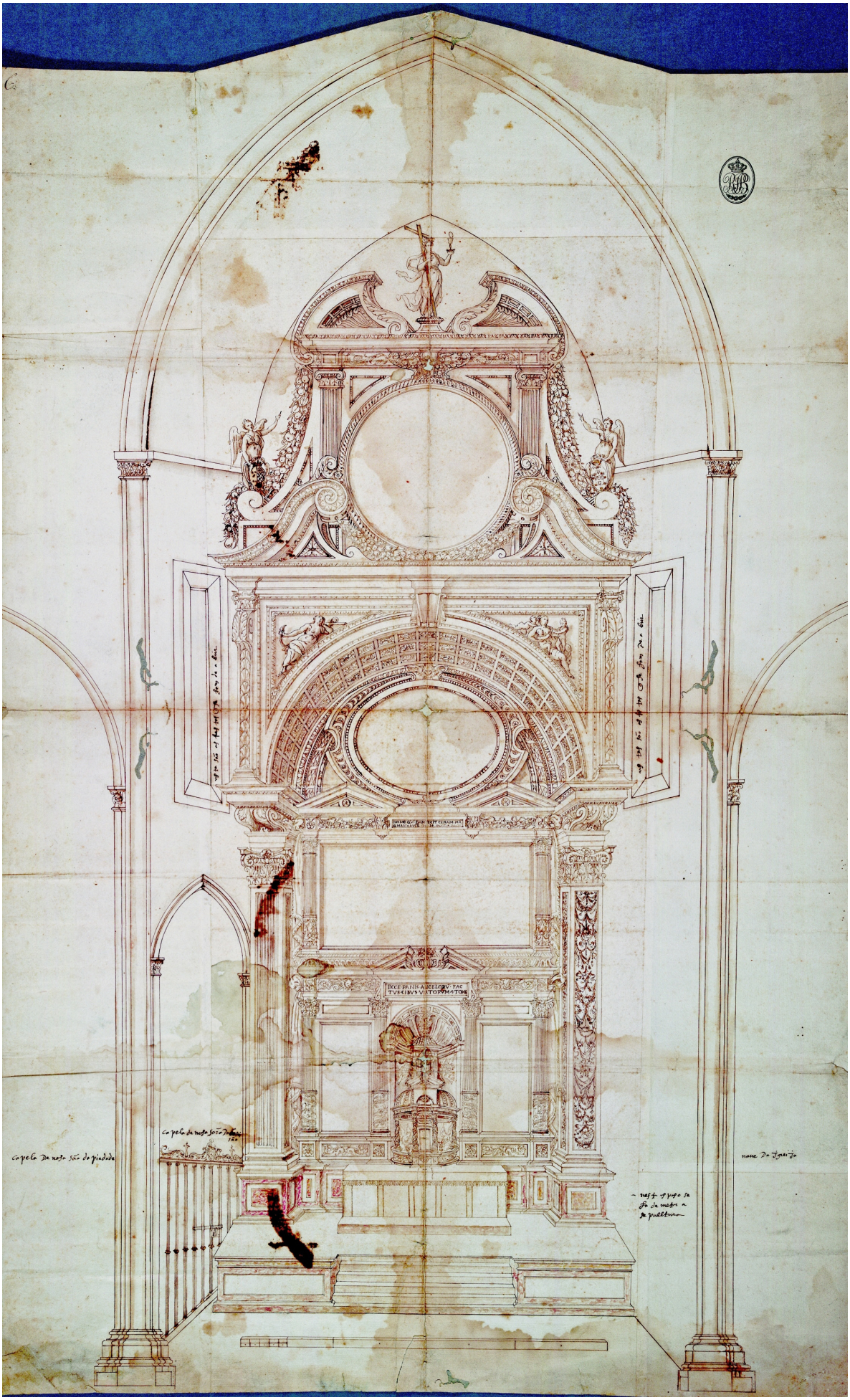


Tomar. Igreja conventual de Santa Iria. Retábulo colateral. Segundo quartel do século XVIII. Foto José Paulo Marques.

Catálogo de projetos e estudos de retábulos



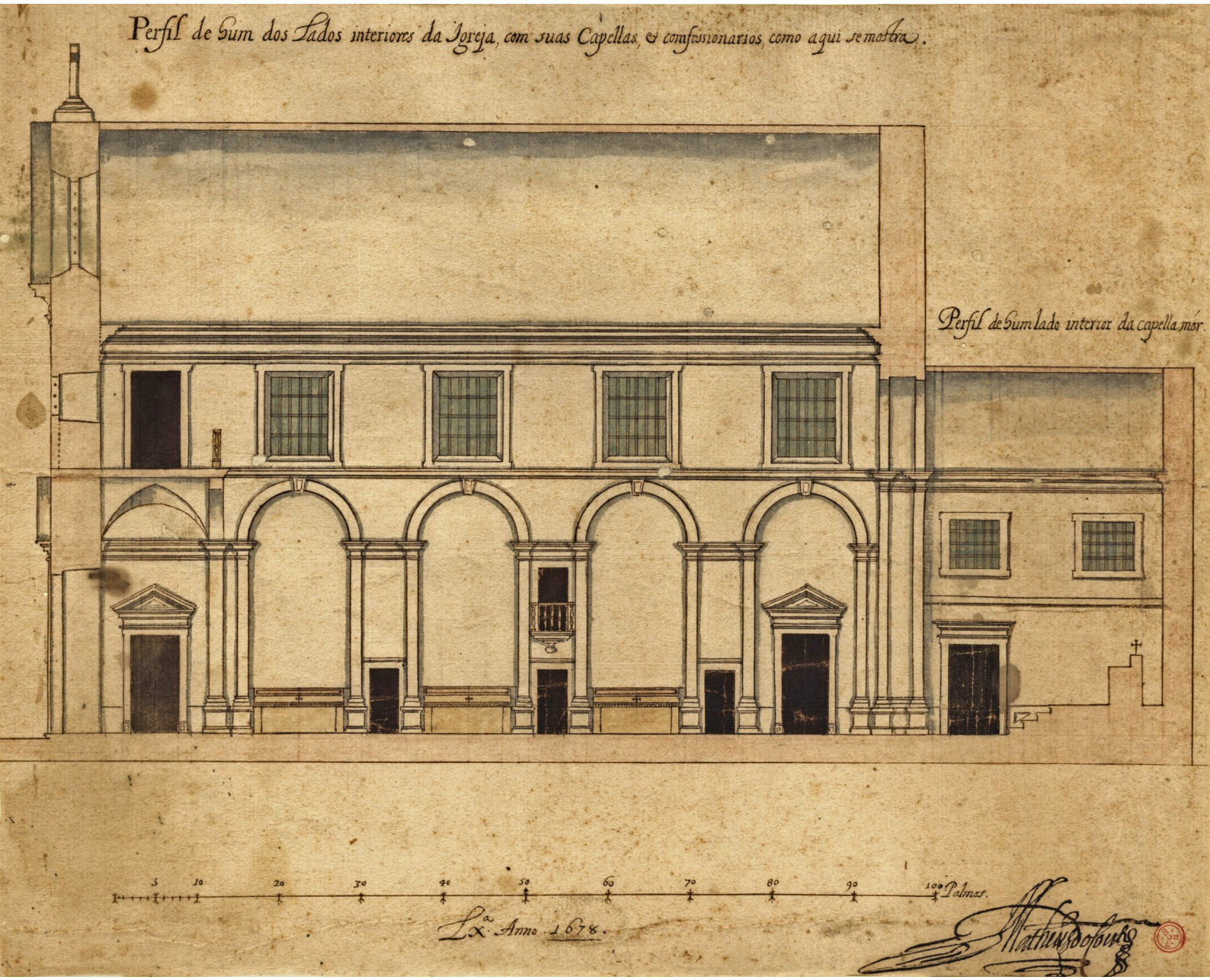
Abrantes. Pormenor do projeto do retábulo-mor da igreja conventual de Nossa Senhora da Consolação.
Biblioteca Nacional de Lisboa. Fonte CARVALHO, 1977, 582-27R.



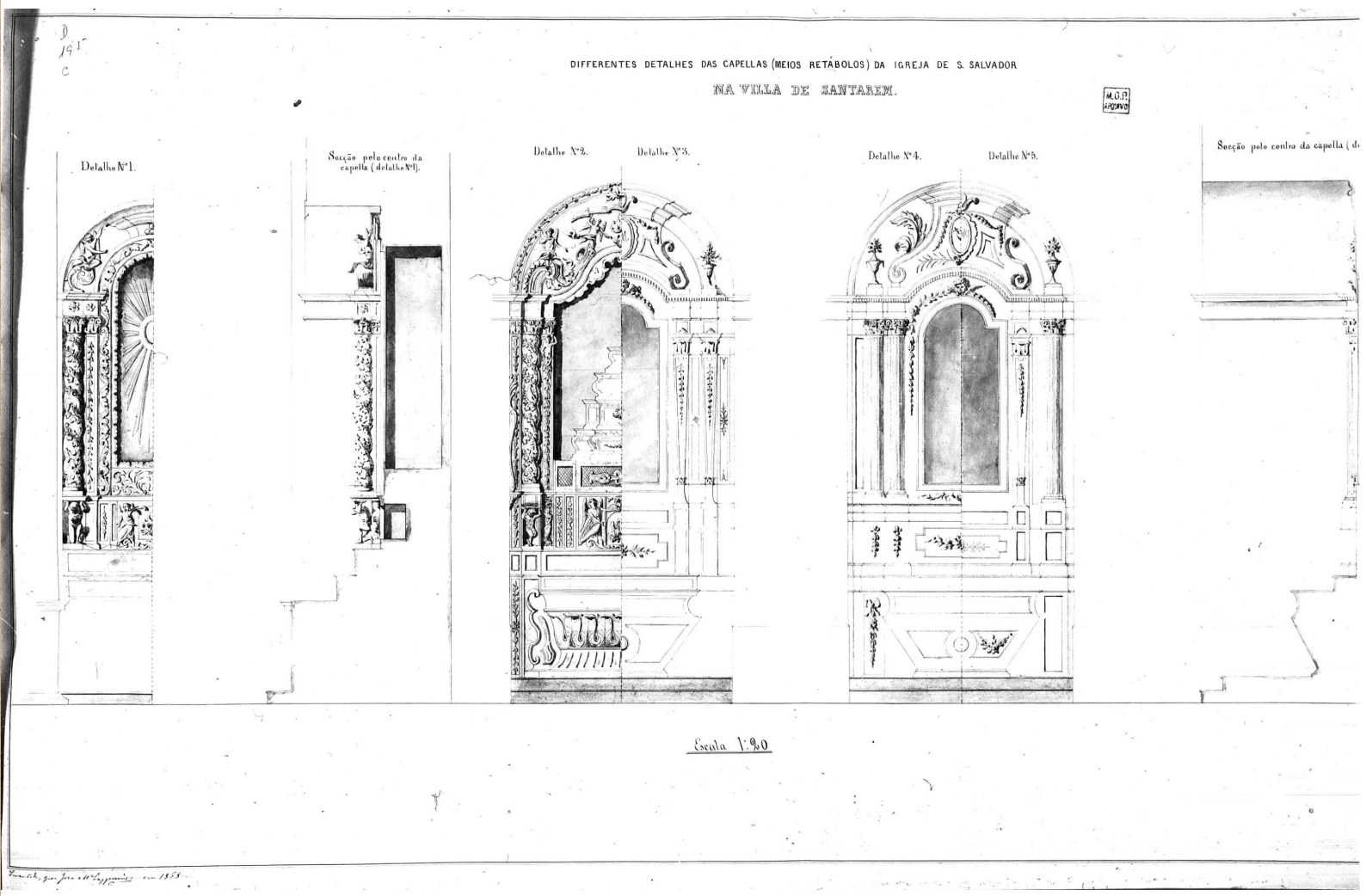
Abrantes. Projeto do retábulo-mor da igreja conventual de Nossa Senhora da Consolação. Biblioteca Nacional de Lisboa. Fonte CARVALHO, 1977, 582-27R.



Tomar. Igreja conventual de São Francisco (?).
Risco do oratório da sacristia. Fonte SERRÃO, 1995, p. 378.



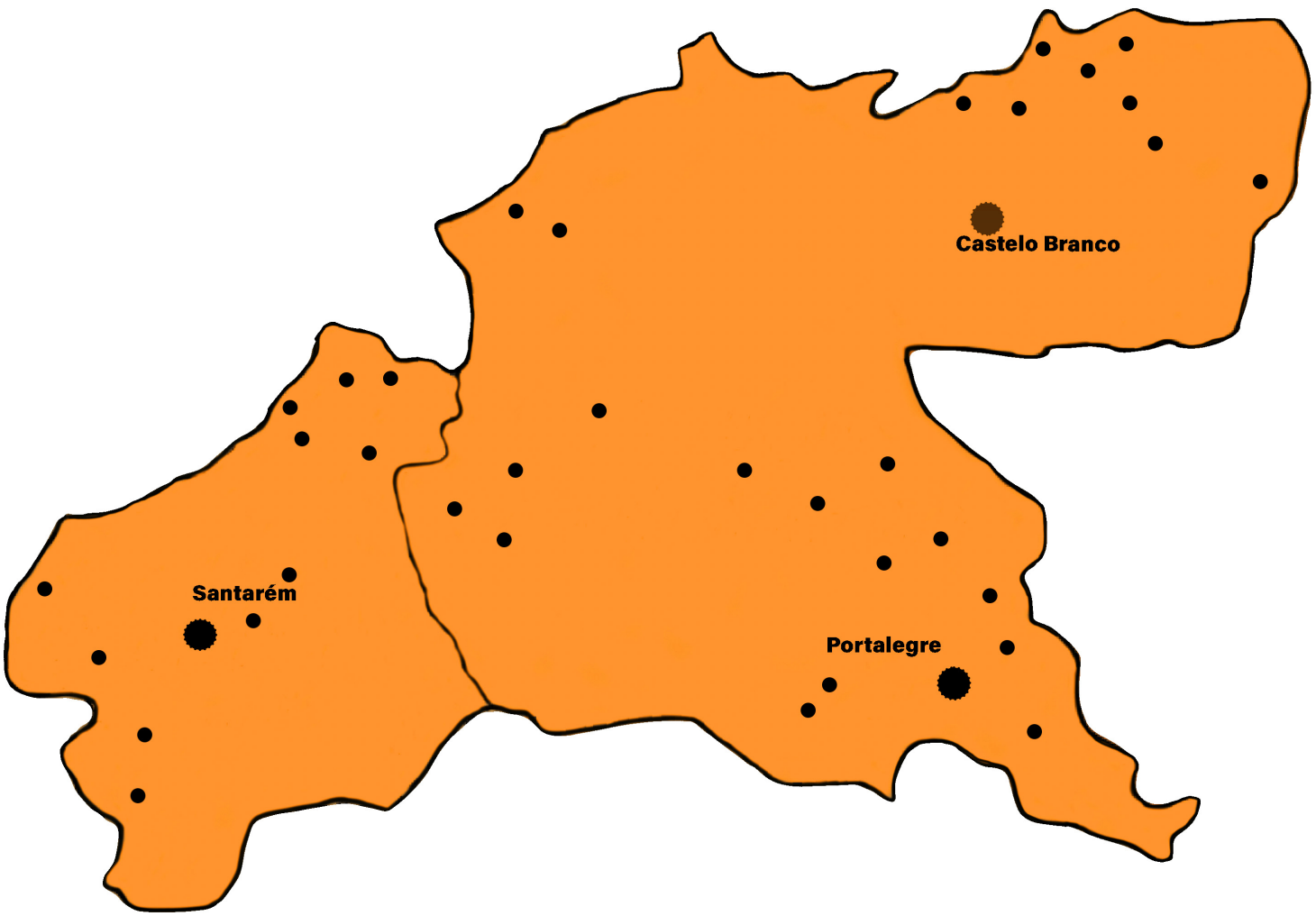
Portalegre. Igreja do colégio da Companhia de Jesus. *Perfil de um dos lados interiores da igreja com suas capelas e confessionários, como aqui se mostra. Perfil de um lado interior da capela-mor. Mateus do Couto.* 1678.
No interior das três capelas são visíveis as mesas dos altares e os espaços destinados a acolher os retábulos.
Biblioteca Nacional de Lisboa. Registo Nacional de Objetos Digitais.



Santarém.
Diferentes detalhes das capelas (meios retábulos) da igreja de S. Salvador. Inventado por José Maria Caggiani em 1868.
Foto Arquivo do Ministério das Obras Públicas. Lisboa.

Mapa de Localização dos retábulos selecionados




Castelo Branco
Santarém
Portalegre



Abrantes. Igreja paroquial de São João Baptista. Retábulo de proveniência desconhecida.
Foto Pedro Melo Tavares.

Catálogo dos retábulos selecionados





1. Marvão. Retábulo de São Bartolomeu, Santa Madalena e Santa Margarida, na igreja paroquial de Santa Maria.
Pintura mural.
Finais do século XV/princípios do XVI: pintura – profissionais com oficina aberta na região.
Foto Hernâni Sarnadas – Museu de Marvão.



2. Tomar. Tríptico do Batismo de Cristo, na igreja paroquial de São João Baptista.
Pintura sobre madeira.
Princípios do século XVI: pintura – eventualmente Quentin de Metezys, com oficina aberta em Antuérpia (ALMEIDA, 1976, p. 549).
Foto Laboratório de Fotografia do Instituto Politécnico de Tomar – Gonçalo de Figueiredo.



3.**Tomar**. Retábulo de Cristo e o Centurião, na charola do convento de Cristo.
Pintura mural e sobre madeira, dosséis de talha dourada.
Após 1510: talha e escultura – Olivier de Gand e Fernão Munõz, pintura figurativa – Fernão de Anes (?); 1536 a 1538: Gregório Lopes: 1596: Domingos Vieira Serrão (ALMEIDA, 1976, p. 551).
Foto Martina del Rio João.



4. Tomar. Retábulo da capela dos Vales, na igreja conventual de Santa iria.
Pedra de Ançã.
Cerca de 1536: risco – eventualmente João de Castilho, arquiteto régio, responsável pelo projeto da capela; execução – muito provavelmente João de Ruão, reputado escultor de origem francesa, com oficina aberta em Coimbra (ALMEIDA, 1976, p. 554).
Foto Freguesia de São João Baptista e de Santa Maria dos Olivais de Tomar.



5. Portalegre. Retábulo-sepulcro, na igreja monástica de Nossa Senhora da Conceição.
Mármores de qualidades distintas. Em 1619, é assim descrito: *tem duas missas quotidianas* (…) *retábulo de mármore que chega até ao teto da abóbada* (SOTTO MAIOR, 1984, p. 113).
Cerca de 1538: risco e execução parcial – eventualmente Nicolau de Chanterene (MOREIRA, 1995, p. 326); restante execução – Pero Gomes, com oficina aberta em Estremoz (BILOU, 2016, pp. 4, 5 e 8).
Foto Aurélio Bentes Bravo.



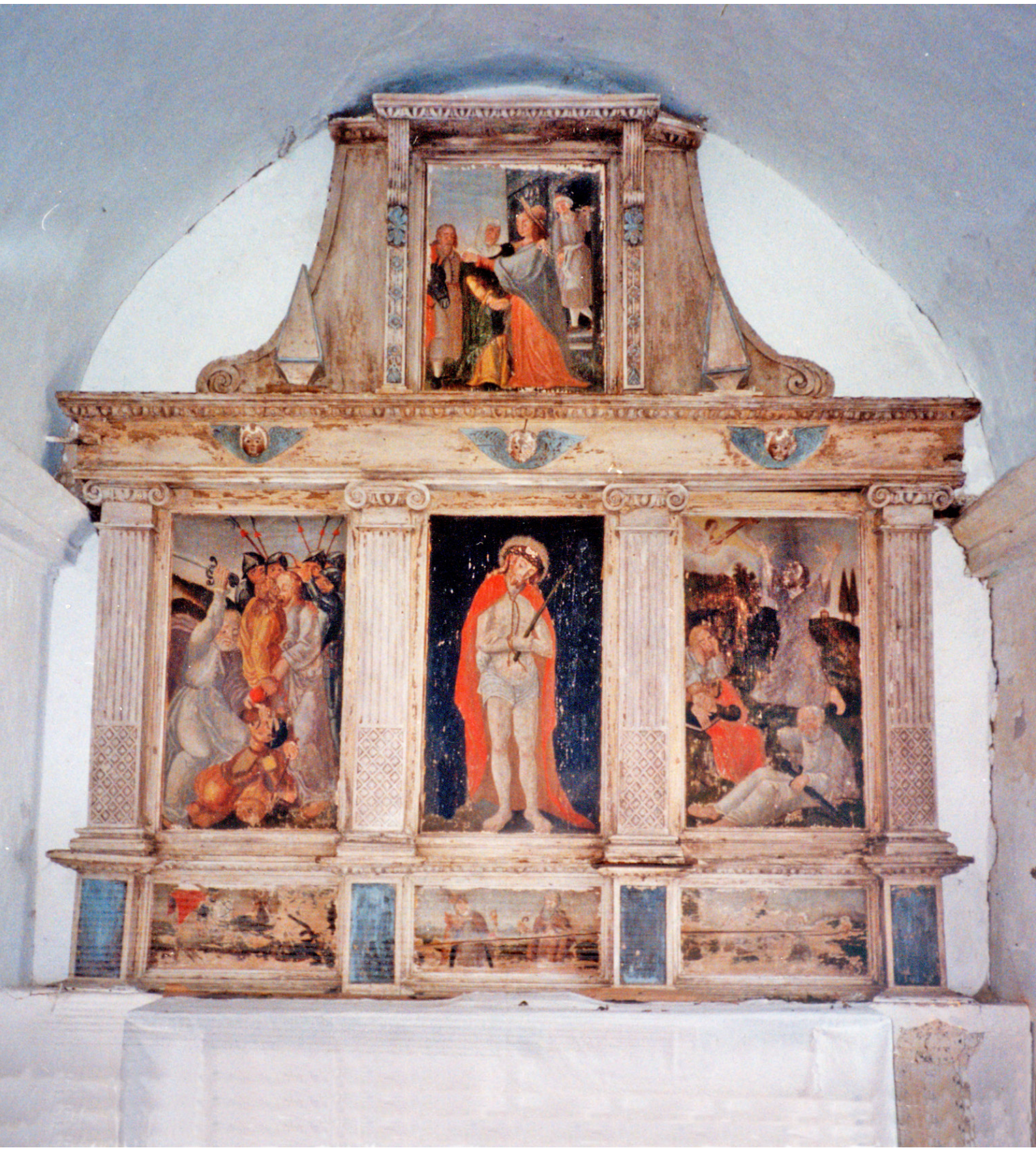
6. Portalegre. Retábulo da Paixão, da igreja monástica de Nossa Senhora da Conceição, atualmente no Museu Municipal.
Terracota dourada e policromada.
Cerca de 1570 (FRANCO, 2000, pp. 126 e 127): execução – desconhecida.
Foto José Eduardo Cunha.



7. Portalegre. Retábulo da capela de Gaspar Fragoso, na igreja conventual de São Francisco. Alvenaria estucada (MONTEIRO, 2016, p. 370).
1571: execução – eventualmente profissionais com oficina aberta em Portalegre.
Foto Laura Portugal Romão.



8. Portalegre. Retábulo-mor da igreja da sé.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
1590 e 1591: entalhe – Gaspar Coelho, com oficina aberta em Portalegre. Pintura figurativa: Fernão Gomes (SERRÃO, 1987, p. 40).
Foto Manuel Isaac Correia.



9. Carvoeiro (Mação). Retábulo-mor da igreja da Misericórdia.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
Finais do século XVI: entalhe – profissionais de modesta formação.
Foto Município de Mação.



10. Abrantes. Retábulo de São Bento, da igreja conventual da Graça, atualmente na igreja paroquial do Rossio ao Sul do Tejo.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
Finais do século XVI/princípios do XVII: entalhe – profissionais eventualmente originários de Lisboa.
Foto Pedro Melo Tavares.



11. Rio de Moinhos (Abrantes). Retábulo do Espírito Santo, na igreja paroquial de Santa Eufémia.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
Finais do século XVI/princípios do XVII: entalhe – profissionais de proveniência desconhecida.
Foto Ana Cristina Paredes Cardoso.



12. Alpalhão (Nisa). Retábulo principal da ermida de São Pedro.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
Finais do século XVI/princípios do XVII: entalhe – profissionais de proveniência desconhecida.
Foto Fábio Belo.



13. Rio Maior. Retábulo colateral, na igreja da Misericórdia.
Pedraria
Finais do século XVI/princípios do século XVII: profissionais eventualmente originários de Tomar.
Foto Hélio Ramos.



14. Santarém. Retábulo de São Nicolau Tolentino, da igreja monástica de Nossa Senhora da Graça, atualmente na capela-mor da igreja do hospital de Jesus Cristo.
Pedraria.
Cerca de 1603: risco – eventualmente Pedro Nunes Tinoco, arquiteto régio morador em Lisboa; pintura figurativa – Diogo Teixeira (SERRÃO, 1990, pp. 69 e 70).
Foto Santa Casa da Misericórdia de Santarém.



15. Alqueidão (Olalhas – Tomar). Retábulo colateral da ermida de Santo António.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Princípios do século XVII: entalhe – profissionais eventualmente oriundos de Tomar.
Foto Ana Canha.



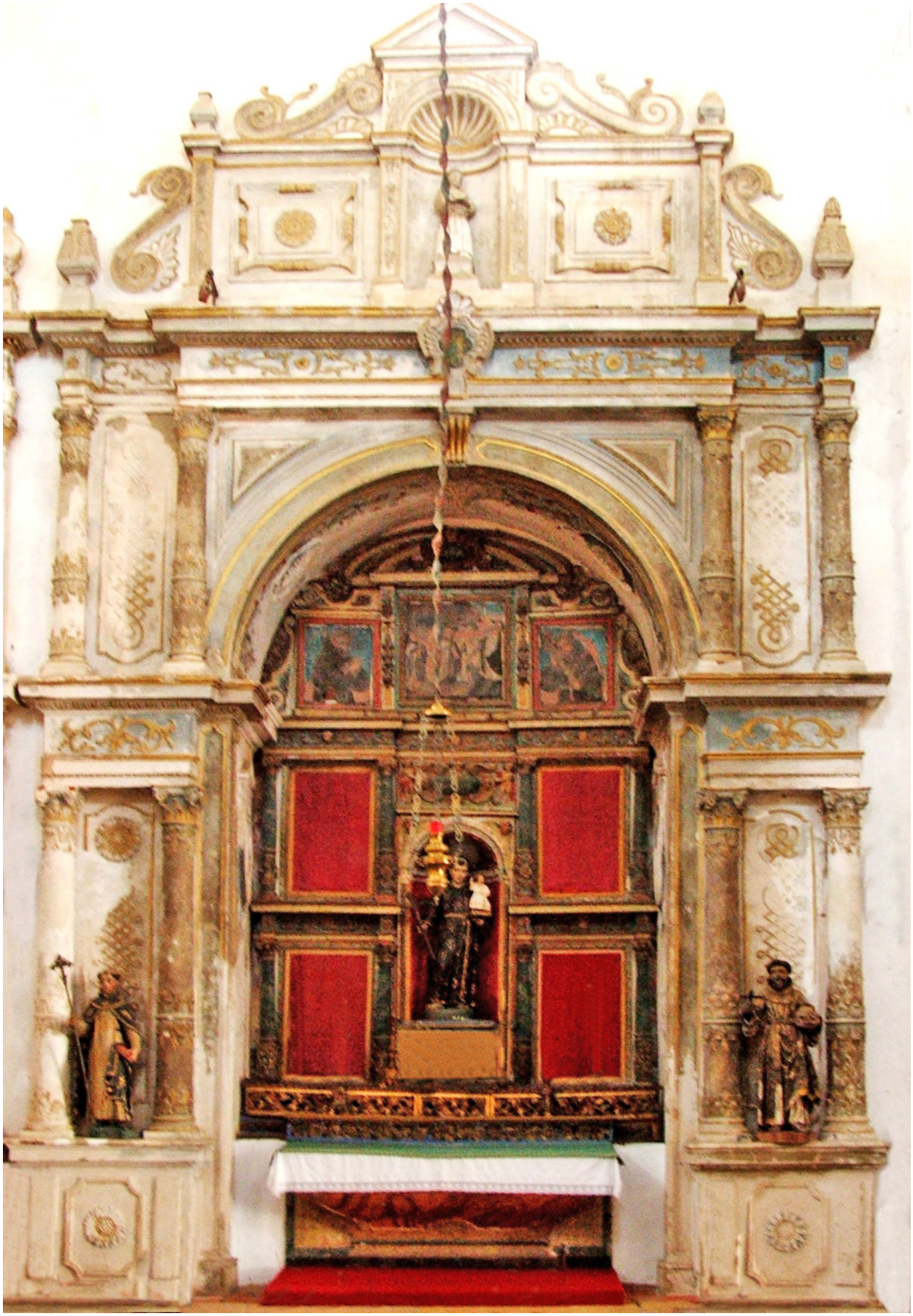
16. Portalegre. Retábulo de São Crispim e São Crispiniano, na igreja da sé.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
Antes de 1616: risco – eventualmente *Pedro Vaz Pereira, natural desta cidade, escultor e grande oficial nesta arte* (…) *trouxe da cidade de Roma as relíquias muito veneradas em um sacrário dourado* (SOTTO MAIOR, 1984, p. 63): entalhe – provavelmente Cristóvão de Seixas, originário de Coimbra; pintura figurativa – Cristóvão Vaz (?); 1625: douramento – inscrição existente por baixo do óculo. No bispado de D. Manuel Tavares Coutinho (1778 - 1798) substituíram-se as colunas, renovando-se a policromia do retábulo através do fingimento de pedraria policroma.
Foto Pedro Melo Tavares.



17. Torres Novas. Arco triunfal retabular da igreja da Misericórdia.
Pedraria. Os retábulos são de madeira entalhada e predominantemente dourada.
Cerca de 1618: execução – profissionais eventualmente originários de Tomar. O retábulo principal é dos finais do século XVII, enquanto os colaterais são do segundo quartel de Setecentos.
Foto José João Loureiro.



18. Portalegre. Retábulo de São Pedro e das Almas do Purgatório, na igreja da sé.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
1619 (SOTTO MAIOR, 1984, p. 63): entalhe – Gaspar Coelho (SMITH, 1962, p. 41).
Foto Pedro Melo Tavares.



19. Abrantes. Retábulo de Santo António, na igreja paroquial de São João Baptista.
Madeira entalhada, dourada e pintada. *Arco* retabular de pedraria, da região de Tomar.
1620: execução do *arco* retabular – Miguel Fernandes, morador em Tomar (MATIAS, 2007); entalhe – profissionais eventualmente originários de Lisboa.
Foto Ana Cristina Paredes Cardoso.



20. Proença-a-Velha (Idanha-a-Nova). Retábulo-mor da igreja da Misericórdia.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Cerca de 1620: entalhe – profissionais eventualmente provenientes de Portalegre (?); pintura figurativa: eventualmente Jerónimo Ferreira (SERRÃO, 1995, p. 43).
Foto Hélio Ramos.



21. Arronches. Retábulo-mor da ermida de Santo António.
Pintura mural com retábulo fingido.
Primeira metade do século XVII (CAETANO, 2016, pp. 24 e 25): pintor sediado na região.
Foto Joaquim Inácio Caetano.



22. Belver (Gavião). Retábulo principal da ermida de São Brás.
Madeira entalhada, sem douramento nem policromia.
Antes de 1640: risco – eventualmente Pedro Nunes Tinoco, arquiteto da Ordem do Hospital.
Foto Pedro Melo Tavares.



23. Idanha-a-Nova. Retábulo de São Jacinto, na igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição. Madeira entalhada, dourada e pintada.
Segundo quartel do século XVII: entalhe – profissionais com oficina aberta na região. A mesa do altar resulta de uma intervenção oitocentista.
Foto Vítor Mascarenhas.



24. Muge (Salvaterra de Magos). Retábulo-mor da igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
Meados do século XVII: risco – eventualmente o arquiteto régio Mateus do Couto, *o moço*.
Foto Município de Salvaterra de Magos.



25. Salvaterra de Magos. Retábulo da capela do antigo paço real.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Cerca de 1666: risco e entalhe – eventualmente o arquiteto régio Mateus do Couto, *o moço* e o marceneiro António Vaz de Castro II (LAMEIRA e SERRÃO, 2001, pp. 215 a 226).
Foto Município de Salvaterra de Magos.



26. Sardoal. Retábulo colateral na igreja conventual e Nossa Senhora da Caridade.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
Cerca de 1669: entalhe – profissionais de proveniência desconhecida. Alguns anos despois substituíram-se as anteriores colunas pelas atuais.
Foto Pedro Melo Tavares.



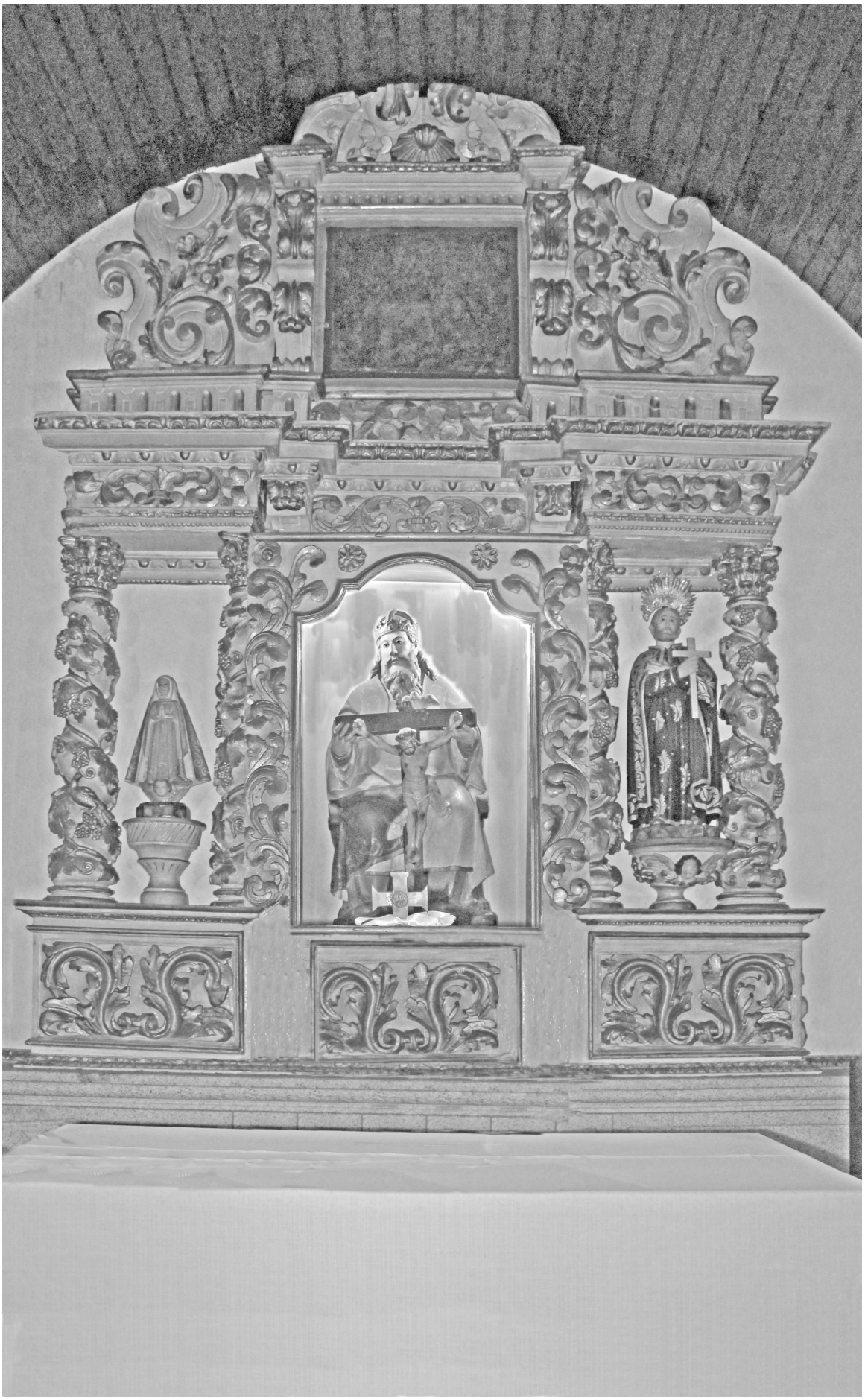
27. Almoster (Santarém). Retábulo-mor da igreja monástica de Santa Maria.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Cerca de 1675 (VASCONCELOS, 1740, 2, p. 267): risco – eventualmente o padre frei João Peixoto, morador em Lisboa; entalhe – Domingos Lopes (?), mestre entalhador lisboeta.
Foto padre António dos Santos.



28. Sertã. Retábulo-mor da igreja paroquial de São Pedro.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
1685: António Gomes e Domingos Nunes, reputados mestres com oficina aberta na cidade do Porto. Deveria ser *na forma da traça que para ela se mandou fazer à imitação do que se fez para o colégio de São Bento de Coimbra* (BRANDÃO, 1984, p. 599).
Foto Lurdes Sequeira.



29. Castelo Branco. Retábulo de Santo António, na igreja de São Miguel Arcanjo, atual concatedral. Madeira entalhada e predominantemente dourada.
1691 (lápide existente na igreja, referindo que foi patrocinado, assim como outros sete retábulos gémeos, pelo bispo da Guarda, D. frei Luís da Silva): entalhe – profissionais provavelmente com oficina aberta em Lisboa.
Foto Ivo Vladimiro.



30. Alcains (Castelo Branco). Retábulo da capela do Espírito Santo.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
Finais do século XVII: entalhe – modestos profissionais com oficina aberta na região.
Foto Ricardo Silva.



31. Lapas (Torres Novas). Arco triunfal retabular da igreja paroquial de Nossa Senhora da Graça. Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Finais do século XVII/princípios do XVIII: entalhe – profissionais oriundos de Torres Novas.
Foto Rita Marcelino.



32. Torres Novas. Retábulo de Nossa Senhora do Rosário, na igreja paroquial do Salvador. Madeira entalhada e predominantemente dourada.
1700: entalhe – Manuel da Silva Monteiro, mestre entalhador com oficina aberta em Torres Novas (SERRÃO, 2012, pp. 239 e 240).
Foto Paróquias de Torres Novas.



33. Santarém. Retábulo do Beato Estanislau, atualmente de Nossa Senhora, na igreja do extinto colégio da Companhia de Jesus, atual sé.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
1703: entalhe – Manuel Álvares, mestre oficina aberta em Lisboa (SERRÃO, 2003, p. 108). Em 1713, serviu de modelo ao retábulo da capela fronteira, da invocação de São Francisco Xavier (SERRÃO, 2003, p. 108).
Foto Hélio Ramos.



34. Santarém. Retábulo de Nossa Senhora do Socorro, na igreja do extinto colégio da Companhia de Jesus, atual sé. Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Antes de 1705: risco e entalhe – eventualmente Claude Laprade, reputado escultor francês, mas com oficina aberta em Lisboa. De salientar o caráter inovador, não só na ornamentação das colunas, mas também no uso de *metas* e de segmentos de frontões curvos no remate das colunas das extremidades. Em 1705, serviu de modelo ao retábulo da capela fronteira, da invocação de Nossa Senhora da Glória.
Foto Hélio Ramos.



35. Santarém. Retábulo de Nossa Senhora da Glória, na igreja do extinto colégio da Companhia de Jesus, atual sé. Madeira entalhada e predominantemente dourada.
1705: entalhe – António Martins Calheiros, mestre com oficina aberta em Lisboa. Tomou como modelo o retábulo da capela fronteira, de Nossa Senhora do Socorro, mas só do entablamento para baixo. O ático de madeira entalhada deveria copiar a tela pintada até então existente nesta capela (A. CARVALHO, 1962, 2, pp. 237 e 238).
Foto Hélio Ramos.



36. Santarém. Retábulo-mor da igreja da ordem terceira de São Francisco.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Cerca de 1705: entalhe – eventualmente Manuel Álvares (SERRÃO, 2003, p. 108).
Foto Miguel Cardoso – Santa Casa da Misericórdia de Santarém.



37. Santarém. Retábulo-mor da igreja do extinto colégio da Companhia de Jesus, atual sé.
Pedraria proveniente de Itália e de Portugal, com embutidos policromos. O trono é de madeira entalhada e predominantemente dourada.
1713: risco: Carlos Baptista Garvo – reputado mestre pedreiro italiano, mas com oficina em Lisboa; execução – António Pereira, Manuel Rodrigues e Vicente Soares, mestres pedreiros lisboetas (A. CARVALHO, 1962, 2, pp. 236 a 238). O frontal e a banqueta já extistiam.
Foto Hélio Ramos.



38. Cernache do Bonjardim (Sertã). Retábulo-mor da ermida do Bom Jesus.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
Primeiras décadas do século XVIII: entalhe – profissionais de proveniência desconhecida.
Foto padre Paulo Ribeiro.



39. Monsanto (Idanha-a-Nova). Retábulo das Almas, na igreja paroquial de São Salvador.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
Primeiras décadas do século XVIII: entalhe – profissionais com oficina aberta na região. A tela foi reaproveitada do retábulo anterior.
Foto Francisco Villa de Brito.



40. Olalhas (Tomar). Retábulo lateral, na igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
Primeiras décadas do século XVIII: entalhe – profissionais com oficina aberta na região de Santarém. O *arco* ou enquadramento arquitetónico que envolve o retábulo propriamente dito resulta muito provavelmente de uma intervenção efetuada no século XX, aquando do restauro da igreja.
Foto padre José Ricardo.



41. Sardoal. Retábulo de São João Baptista, na igreja paroquial de São Tiago e São Mateus. Madeira entalhada, dourada e pintada. O *arco* retabular é de pedraria.
Década de 1720: risco e entalhe – profissionais com oficina aberta na região. O *arco* retabular é das primeiras décadas do século XVII.
Foto Ana Cristina Paredes Cardoso.



42. **Sardoal**. Retábulo-mor da igreja da Misericórdia.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
Década de 1720: risco e entalhe – profissionais com oficina aberta na região.
Foto Ana Cristina Paredes Cardoso.



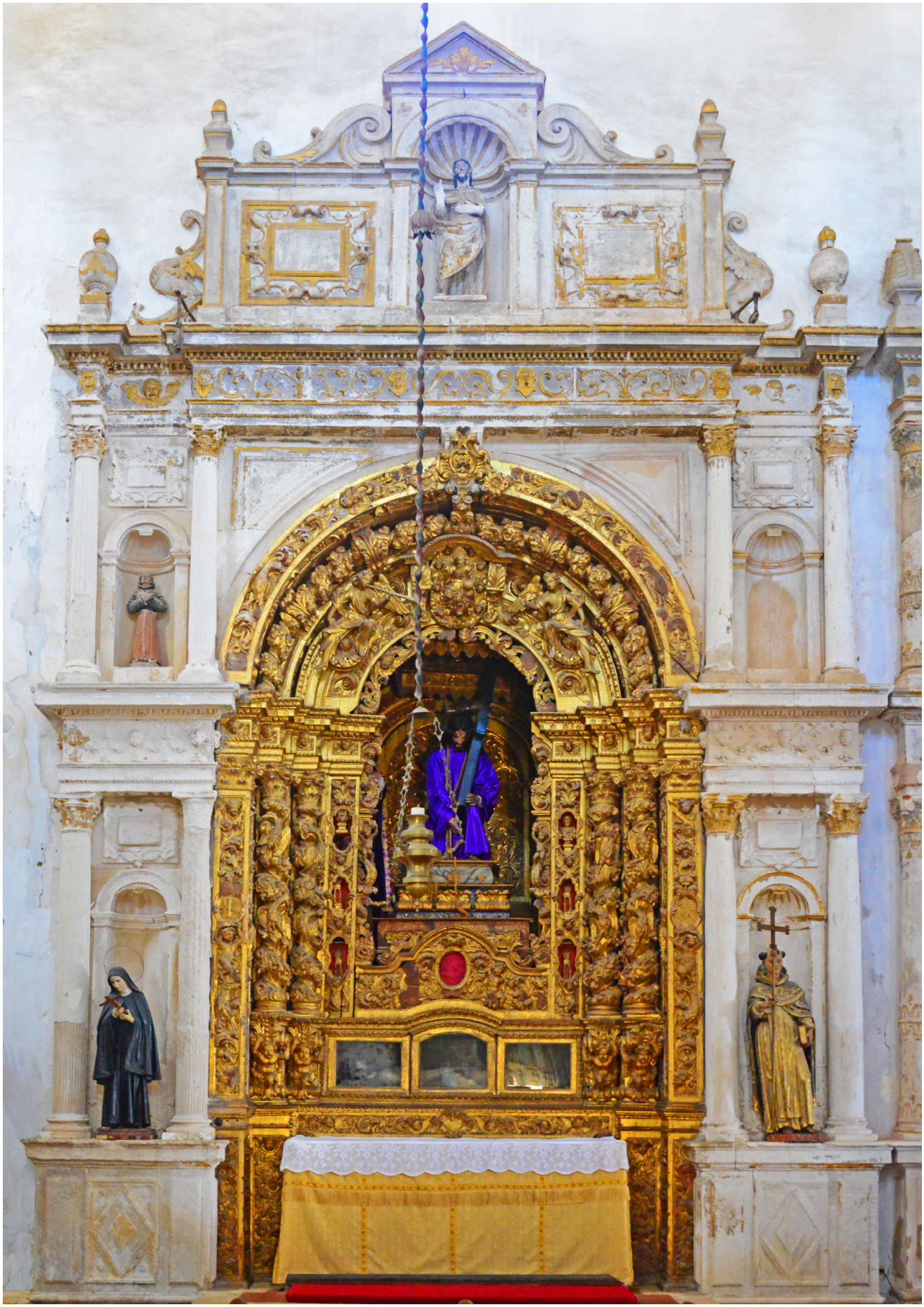
43. Salvaterra do Extremo (Idanha-a-Nova). Retábulo-mor da igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição. Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Antes de 1724: entalhe – profissionais eventualmente com oficina aberta na região; 1724: douramento – Manuel Gomes Calado, com oficina aberta em Tortosendo – Covilhã e José Ramos, morador na Covilhã (HORMIGO, 1998, pp. 19 e 64).
Foto João Manuel Duarte.



44. Torres Novas. Retábulo-mor da igreja paroquial de Santiago.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
1724: entalhe – Manuel Ferreira, mestre com oficina aberta em Torres Novas (SERRÃO, 2012, p. 245).
Foto Paróquias de Torres Novas.



45. Idanha-a-Nova. Retábulo-mor da igreja da Misericórdia.
Madeira entalhada e pintada.
1730: entalhe – Gabriel Pereira e Manuel Pereira, originários de Famalicão. (HORMIGO, 1998, pp. 11, 19 e 21).
Foto Santa Casa da Misericórdia de Idanha-a-Nova.



46. Abrantes. Retábulo do Senhor dos Passos, na igreja paroquial de São João Baptista.
Madeira entalhada e predominantemente dourada. *Arco* de pedraria, da região de Tomar.
Segundo quartel do século XVIII: entalhe – eventualmente Frutuoso Pereira de Almeida, com oficina aberta em Torres Novas (LAMEIRA, EVARISTO e LOUREIRO, 2016, p. 181). O arco retabular de pedraria foi executado em 1620, por Miguel Fernandes, morador em Tomar (MATIAS, 2007).
Foto Pedro Melo Tavares.



47. Póvoa e Meadas (Castelo de Vide). Retábulo-mor da igreja da Misericórdia.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
Segundo quartel do século XVIII: risco e entalhe – oficina eventualmente proveniente da cidade espanhola de Badajoz.
Foto António Simão.



48. Crato. Retábulo-mor da igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Década de 1730: risco e entalhe – profissionais eventualmente oriundos de Évora.
Foto Alexandre Morgado Santos – Município do Crato.



49. Abrantes. Retábulo-mor da igreja da Misericórdia.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Década de 1730: risco e entalhe – profissionais eventualmente oriundos de Lisboa.
Foto Ana Cristina Paredes Cardoso.



50. Lardosa (Castelo Branco). Retábulo de Santo Cristo, atualmente do Senhor dos Passos, na igreja paroquial de São Martinho.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
Década de 1730: risco e entalhe – modestos profissionais com oficina aberta na região.
Foto padre Miguel Coelho.



51. Amieira do Tejo (Nisa). Retábulo-mor da igreja do Senhor Jesus do Calvário.
Granito. Já não subsistem as esculturas de madeira representando o Senhor Crucificado, Nossa Senhora das Dores e São João Evangelista.
1731 (ajuste da execução): António Rodrigues, mestre canteiro originário de Minhotães – Barcelos e Martinho Ferreira, da vila de Pombeiro, então na comarca de Guimarães.
Foto padre Joaquim Valente.



52. Chamusca. Retábulo-mor da igreja da Misericórdia.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
1733: risco – eventualmente Claude Laprade, reputado escultor francês, residente em Lisboa; entalhe – José Pessoa Nobre, mestre com oficina aberta em Lisboa (GUIMARÃES, s.d., 2, pp. 316 e 317).
Foto Hélio Ramos.



53. Almoster (Santarém). Retábulo de Jesus, Maria e José, na igreja monástica de Santa Maria.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Antes de 1735 (VASCONCELOS, 1740, 2, p. 267): risco e entalhe – profissionais oriundos da cidade de Lisboa.
Foto Pedro Melo Tavares.



54. Portalegre. Retábulo de Nossa Senhora do Amparo, na igreja do Senhor do Bonfim.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Antes de 1738: risco e entalhe – eventualmente Manuel de Oliveira Leal e Francisco Freire Brás, moradores em Vila Viçosa, atendendo às grandes semelhanças com o retábulo de Nossa Senhora do Loreto, concebido e executado por estes profissionais na igreja da Misericórdia calipolense. Em 1738, serviu de modelo ao retábulo de Santo Estevão, na igreja do Espírito Santo, em Portalegre (MONTEIRO, 2012, 2, p. 231).
Foto Manuel Isaac Correia.



55. Santarém. Retábulo de Nossa Senhora da Boa Morte, na igreja do extinto colégio da Companhia de Jesus, atual sé. Pedraria policroma proveniente de Itália e de Portugal.
1738: risco inicial e execução – João António Bellini de Pádua, escultor italiano residente em Lisboa (VITERBO, 1899, pp. 103 e 104). O arquiteto régio Carlos Mardel, morador em Lisboa, sugere que o retábulo passe a ter quatro colunas em vez das duas previstas (BONIFÁCIO, 1990, 1, p. 236). Serviu de modelo a três retábulos deste templo, um de madeira e dois de alvenaria estucada, todos pintados a fingir pedraria policroma.
Foto Hélio Ramos.



56. Constância. Retábulo da capela da Quinta de Santa Bárbara.
Pedraria policroma.
1739: risco e execução – João António Bellini de Pádua, escultor italiano residente em Lisboa (VITERBO, 1899, pp. 103 e 104).
Foto Hélio Ramos.



57. Santarém. Retábulo de São Luís Gonzaga, na igreja do extinto colégio da Companhia de Jesus, atual sé. Madeira entalhada e pintada a fingir predaria.
Cerca de 1749: entalhe – profissionais provavelmente oriundos de Lisboa. Tomou como modelo o retábulo da capela fronteira, de pedraria, da invocação de Nossa Senhora da Boa Morte (ver p. 216).
Foto Hélio Ramos.



58. Santarém. Retábulo de São Francisco de Borja, na igreja do extinto colégio da Companhia de Jesus, atual sé. Alvenaria estucada e pintada a fingir predaria.
1755: execução – Francisco Marca, mestre originário do Piemonte (MENDONÇA, 2021, p. 86. Tomou como modelo o retábulo, de pedraria, da invocação de Nossa Senhora da Boa Morte, existente neste templo (ver p. 216).
Foto Hélio Ramos.



59. Almoster (Santarém). Retábulo de Nossa Senhora do Carmo, na igreja monástica de Santa Maria.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
Década de 1740: risco e entalhe – profissionais oriundos da cidade de Lisboa.
Foto Pedro Melo Tavares.



60. Santarém. Retábulo-mor da igreja paroquial de Santa Maria da Alcáçova.
Madeira entalhada e pintada.
Finais da década de 1740 (?): risco e entalhe – eventualmente profissionais oriundos de Lisboa.
Foto Martina del Rio João.



61. Idanha-a-Nova. Retábulo lateral, na igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
Meados do século XVIII: entalhe – profissionais com oficina aberta na região.
Foto Vítor Mascarenhas.



62. Constância. Retábulo-mor da igreja da Mártires.
Pedraria policroma.
Década de 1750: risco e execução – profissionais provavelmente oriundos de Lisboa.
Foto Ana Cristina Paredes Cardoso.



63. Constância. Retábulo de Nossa Senhora da Boa Viagem, na igreja da Mártires.
Pedraria policroma.
Década de 1750: risco e execução – eventualmente João António Bellini de Pádua, escultor italiano, morador em Lisboa.
Foto Ana Cristina Paredes Cardoso.



64. Cernache do Bonjardim (Sertã). Retábulo das Almas, na igreja paroquial de São Sebastião.
Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria.
Pouco antes de 1758: risco e entalhe *à romana* (MEMÓRIAS PAROQUIAIS, 1758, p. 969), concebido por um arquiteto régio e eventualmente executado por um mestre originário de Lisboa.
Foto padre Paulo Jorge.



65. Salvaterra do Extremo (Idanha-a-Nova). Retábulo de Nossa Senhora da Conceição, na igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
1758 (DICIONÁRIO GEOGRÁFICO, 1758, p. 211): entalhe – profissionais com oficina aberta na região.
Foto João Manuel Duarte.



66. Monsanto (Idanha-a-Nova). Retábulo do Sagrado Coração de Jesus, atualmente de Nossa Senhora das Dores, na igreja paroquial de São Salvador.
Madeira entalhada, dourada e pintada de branco.
1758 (DICIONÁRIO GEOGRÁFICO, 1758, p. 1273): entalhe – profissionais com oficina aberta na região.
Foto Francisco Villa de Brito.



67. Alter do Chão. Retábulo-mor da igreja da Misericórdia. Mármores policromos.
Cerca de 1759: execução – eventualmente Gregório da Neves Leitão, mestre pedreiro originário de Lisboa, mas assistente em Vila Viçosa. Este profissional assume, em 1759, um retábulo com grandes afinidades compositivas, o da capela-mor da igreja de Nossa Senhora da Lapa, em Vila Viçosa (FILIPE, 2017, pp. 163 e 164).
Foto Hélio Ramos.



68. Santarém. Retábulo-mor da igreja conventual de Nossa Senhora da Piedade.
Padraria policroma.
Terceiro quartel do século XVIII: execução – profissionais eventualmente oriundos de Lisboa.
Foto Miguel Cardoso – Município de Santarém.



69. Castelo de Vide. Retábulo lateral, na igreja conventual de Nossa Senhora da Conceição.
Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria.
Terceiro quartel do século XVIII: entalhe – profissionais provavelmente com oficina aberta em Portalegre.
Foto Fundação Nossa Senhora da Esperança – Castelo de Vide.



70. Alcafozes (Idanha-a-Nova). Retábulo das Almas, na igreja paroquial de São Sebastião.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
Terceiro quartel do século XVIII: entalhe – profissionais provavelmente com oficina aberta na região de Castelo Branco.
Foto Ricardo Silva.



71. Tomar. Arco triunfal retabular da igreja da Misericórdia.
Alvenaria estucada e pintada
Terceiro quartel do século XVIII: execução – profissionais eventualmente originários de Santarém.
Foto Hélio Ramos.



72. Marvão. Retábulo de Nossa Senhora da Estrela, na igreja conventual de Nossa Senhora da Estrela. Mármore.
Cerca de 1772 (data do falecimento do cliente, o bispo de Portalegre, D. Jerónimo de Carvalhal e Silva): risco e execução – profissionais da região de Vila Viçosa. Na capela está a pedra sepulcral e o brasão do referido bispo.
Foto Santa Casa da Misericórdia do Marvão.



73. Tinalhas (Castelo Branco). Retábulo da capela privativa de Teodoro Faustino Dias Leal, na igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
1783: entalhe – profissionais com oficina aberta na região.
Foto Ricardo Silva.



74. Castelo Branco. Retábulo da capela do Santíssimo, na igreja de São Miguel, atual concatedral. Mármores policromos.
1783 (14 de abril): ajuste notarial entre o bispo de Castelo Branco, D. Vicente Ferrer da Rocha e o mestre canteiro Pedro Gonçalves, com oficina aberta em Estremoz (MARTINS, 2003, pp. 5 a 8)
Foto Ivo Vladimiro.



75. Santarém. Retábulo de Nossa Senhora das Almas da igreja conventual de Santa Clara, atualmente na igreja paroquial do Cartaxo (FIGUEIREDO, 2011).
Madeira entalhada, dourada e pintada.
Último quartel do século XVIII: entalhe – oficina local.
Foto padre Arlindo Jorge.



76. Reguengo (Portalegre). Retábulo-mor da ermida de São Mamede.
Alvenaria estucada e pintada a fingir pedraria.
Finais do século XVIII/princípios do XIX: execução – profissionais provavelmente sediados em Portalegre.
Foto Patrícia Monteiro.



77. **Santarém.** Retábulo de Nossa Senhora da Salvação, na igreja da Misericórdia. Alvenaria estucada e pintada a fingir pedraria. Sacrário de madeira entalhada e dourada. Princípios do século XIX: execução – profissionais provavelmente sediados em Santarém. Foto Martina del Rio João.



78. Torres Novas. Retábulo-mor da igreja conventual do Carmo.
Alvenaria estucada e pintada a fingir pedraria. Sacrário de madeira entalhada e dourada.
Princípios do século XIX: execução – profissionais provavelmente sediados em Santarém.
Foto José João Loureiro.



79. Santarém. Retábulo do Senhor Crucificado, na sacristia da igreja da Misericórdia.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
Século XIX: execução – profissionais provavelmente sediados em Santarém.
Foto Martina del Rio João.



80. Monsanto (Idanha-a-Nova). Retábulo-mor da igreja da Misericórdia.
Madeira entalhada, dourada e pintada de branco.
Século XIX: modestos profissionais com oficina aberta na região.
Foto Hélio Ramos.

Fontes e estudos citados nas notas e nos textos

AFONSO, Luís Urbano (2010) – "Em demanda da pintura medieval portuguesa (1100-1400)", *Primitivos Portugueses (1450 -1550) O Século de Nuno Gonçalves*, Lisboa, pp. 94 a 107.

ALMEIDA, José António Ferreira de (1976) – *Tesouros Artísticos de Portugal*, Lisboa.

A. ARAÚJO, Ana Cristina (1997) – *A morte em Lisboa. Atitudes e representações 1700 - 1830*, Lisboa.

BONIFÁCIO, Horácio (1990) – *Polivalência e contradição. Tradição seiscentista: o Barroco e a inclusão de sistemas ecléticos no século XVIII. A segunda geração de* arquitetos, tese de doutoramento, Universidade Técnica de Lisboa.

BENTO, Maria José Travassos de Almeida de (2014) – *Convento de Cristo -1420-1521 mais do que um século*, tese de doutoramento, Universidade de Coimbra.

BILOU, Francisco (2016) – "Pero Gomes, pedreiro e escultor de Estremoz. Novos dados para um registo artístico (1543 - 1570)", Separata do P*atrimónio Artístico no Alentejo Central. Obras, Mestres e Mecenas, 1516 - 1604*, Lisboa.

A. BORGES, Artur Goulart de Melo (2005) – "Arte e Património em Évora no séc. XVIII. As obras da nova capela-mor da Sé – escola de artistas", *Eborensia n.º 35*, 2005, pp. 153 a 190.

N. BORGES, Nelson Correia (1980) – *João de Ruão. Escultor da Renascença Coimbra*, Coimbra.

BICHO, Joaquim (2002) – *Património Artístico do concelho de Torres Novas*, Torres Novas.

BONIFÁCIO, Horácio (1990) – *Polivalência e contradição. O Barroco e a inclusão de sistemas ecléticos no século XVIII – a segunda geração de arquitetos*, tese de doutoramento, Lisboa.

BRANDÃO, Domingos de Pinho (1984) – *Obra de talha dourada, ensamblagem e pintura na cidade e diocese do Porto. Documentação. I*, Porto.

BRANDÃO, Domingos de Pinho (1986) – *Obra de talha dourada, ensamblagem e pintura na cidade e diocese do Porto. Documentação. III*, Porto.

BUCHO, Domingos (1998) – "Capela de Nossa Senhora do Bom Sucesso / Capela da Cadeia / Biblioteca Municipal do Crato", *SIPA*, IHRU, www.monumentos.pt

BOUSQUET, Jacques (1982) – "Des antipendiuns aux retables. Le problème du décor des autlels et de son enplacement", *Les cahiers de Saint Michel de Cuxa*, n.º 13, 1982, pp. 201 a 232.

CACEGAS, frei Luís e **SOUSA**, frei Luís de (1767) – *Primeira Parte da História de S. Domingos*, Lisboa.

CACEGAS, frei Luís e **SOUSA**, frei Luís de (1866) – *Segunda Parte da História de S. Domingos*, Lisboa.

CAETANO, Joaquim Inácio (2016) –Sep. "Retábulos fingidos na pintura mural portuguesa", *O Retábulo no espaço ibero-americano: forma, função e iconografia*, Lisboa, pp. 1 a 35.

CAETANO, Joaquim Oliveira e **SERRÃO**, Vítor (1999) – *A Pintura em Moura. Séculos XVI, XVII e XVIII*, Moura.

A. CARDOSO, Ana Cristina Paredes (2008) – *Contributos para o estudo do retábulo de Abrantes, Constância e Sardoal*, dissertação de mestrado, Universidade do Algarve.

L. CARDOSO, padre Luís (1747) – *Dicionário Geográfico*, 1, Lisboa.

L. CARDOSO, padre Luís (1751) – *Dicionário Geográfico*, 2, Lisboa.

A. CARVALHO, Ayres de (1962) – *D. João V e a arte do seu tempo*, 2.º vol., Lisboa.

A. CARVALHO, Ayres de (1964) – "Novas revelações para a história do Barroco em Portugal", Separata de *Belas-Artes*, 2.ª série, n.º 20.

A. CARVALHO, Ayres de (1977) – *Catálogo da coleção de desenhos da Biblioteca Nacional de Lisboa*, Lisboa.

R. CARVALHO, Rosário Salema de (2006) – *Igreja matriz de Castelo de Vide de Santa Maria da Devesa*, Castelo de Vide.

CASTELO BRANCO, Manuel da Silva (1984) – "Com foi do séc. XIII ao XVI a igreja que antecedeu a atual sé de Castelo Branco", *Semanário Reconquista*, 6 de janeiro.

CASTRO, padre João Baptista de (1763) – *Mapa de Portugal antigo e moderno*, tomo 2, Lisboa.

CASTRO-CALDAS, Luísa (2006) – "Colégio de Nossa Senhora da Conceição / sé de Santarém", *SIPA*, IHRU, www.monumentos.pt

CORDEIRO, Filipa Raposo (2013) – *Tomás Luís, pintor maneirista do sacro e do profano: arte, conservação e restauro. Casos de Évora, Aldeia Galega, Elvas, Idanha-a-Nova e Vila Viçosa – séculos XVI a XVII*, tese de doutoramento, Universidade de Lisboa.

COUTINHO, Maria João Pereira (2010) – *A produção portuguesa de obras de embutidos de pedraria policroma (1670 – 1720)*, tese de doutoramento, Universidade de Lisboa.

CRAVEIRO, Maria de Lurdes (2002) – *O Renascimento em Coimbra. Modelos e programas arquitetónicos*, tese de doutoramento, Universidade de Coimbra.

CASTELO BRANCO, Manuel da Silva (1984) – "Como foi do séc. XIII ao XVI a igreja que antecedeu a atual sé de Castelo Branco", *Semanário Reconquista*, 6 de janeiro.

DICIONÁRIO GEOGRÁFICO de PORTUGAL, 1758, *Cernache do Bonjardim*, vol.34, n.º 134, pp. 967 a 976.

DICIONÁRIO GEOGRÁFICO de PORTUGAL, 1758, *Espírito Santo - Nisa*, vol. 25, n.º 294a, pp. 155 a 182.

DICIONÁRIO GEOGRÁFICO de PORTUGAL, 1758, *Monsanto*, vol.24, n.º 184, pp. 1271 a 1284.

DICIONÁRIO GEOGRÁFICO de PORTUGAL, 1758, *Portalegre. sé*, vol. 29, n.º 223, pp. 1513 a 1528.

DICIONÁRIO GEOGRÁFICO de PORTUGAL, 1758, *Salvaterra do Extremo*, vol.33, n.º 33, pp. 211 a 214.

FERREIRA, Sílvia (2009) – *A Talha Barroca de Lisboa (1670-1720). Os Artistas e as* Obras, dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa.

FERREIRA ALVES, Natália Marinho (1989) – *A arte da talha no Porto na época barroca (Artistas e clientela. Materiais e técnica)*, Porto.

FIGUEIREDO, Paula (2011) – "Igreja paroquial do Cartaxo / igreja de São João Baptista", *SIPA*, IHRU, www.monumentos.pt

FIGUEIREDO, Paula (2013) – "Mosteiro de Santa Clara / igreja de Santa Clara", *SIPA*, IHRU, www.monumentos.pt

FIGUEIREDO, Paula (2013a) – "Igreja de Santo Estevão / igreja do Santo Milagre", *SIPA*, IHRU, www.monumentos.pt

FILIPE, Carlos (2017) – "Mestres canteiros do século XVIII: José Francisco de Abreu e seus companheiros", *Callipole*, n.º 24, Vila Viçosa, pp. 151 a 172.

FLOR, Pedro (2008) – "O portal da igreja matriz de Arronches e a escultura do Renascimento em Portugal", *O Largo Tempo do Renascimento – Arte, propaganda e poder*, Lisboa, pp. 131 a 151.

FONSECA, Francisco da Fonseca (1728) – *Évora Gloriosa*, Roma.

FRANCO, Anísio (2000) – "Retábulo da Paixão", *Catálogo Cristo Fonte de Esperança*, Porto, pp. 126 e 127.

GOMES, Paulo Varela (2009) – *O sistema de coros nas sés portuguesas do século XVI: forma, antecedentes medievais e significado*, lição apresentada nas provas de Agregação, Universidade de Coimbra.

GONÇALVES, Carla (2001) – *Gaspar Coelho. Um escultor do Maneirismo*, Lisboa.

GORJÃO, Sérgio (1995) – "Um apontamento documental para o estudo artístico do convento de Nossa Senhora da Estrela de Marvão", *IBN Marvã. Revista Cultural do concelho de Marvão*, n. º5, pp. 47 a 49.

GOULÃO, Maria José (2009) – *Expressões artísticas do universo medieval*, s. l.

GREGÓRIO, Paulo (2003) – *A Igreja da Misericórdia de Torres Novas (1572-1700)*, Torres Novas.

GUIMARÃES, Manuel Garvão (s. d.) – *A Misericórdia da Chamusca (dactilografado),* Chamusca.

HORMIGO, José Joaquim Mendes (1981) – *Visitação da Ordem de Cristo em 1505 e 1537*, Amadora.

HORMIGO, José Joaquim Mendes (1998) – *Artes e artistas na Beira Baixa (Documentos)*, Castelo Branco.

LAMEIRA, Francisco (2006) – *O Retábulo na Companhia de Jesus em Portugal: 1619 - 1759* (Promontoria Monográfica História da Arte 02), Faro.

LAMEIRA, Francisco (2009) – *Retábulos nas Misericórdias Portuguesas* (Promontoria Monográfica História da Arte 04), Faro.

LAMEIRA, Francisco, **EVARISTO**, Carlos, **LOUREIRO**, José João (2016) – *Retábulos Relicários* (Promontoria Monográfica História da Arte 13), Faro.

LAMEIRA, Francisco e **SERRÃO**, Vítor (2001) – "O retábulo protobarroco da capela do antigo Paço Real de Salvaterra de Magos (c. 1666)", *Barroco. Atas do II Congresso Internacional*, Porto, 2001, pp. 215 a 226.

LANGHANS, Franz-Paul (1945) – *As corporações dos ofícios mecânicos*, Lisboa.

MACHADO, Cyrillo Volkmar (1823) – *Coleção de memórias relativas às vidas dos pintores, escultores, arquitetos e gravadores portugueses*, Lisboa.

MARKL, Dagoberto (1990) – "O Retábulo da Vida e da Ordem de Santiago", *A Ordem de Santiago. História e Arte*, Palmela, pp. 151 a 156.

MARTINS, Anacleto Pires (2003) – *Breve história da freguesia e igreja de São Miguel Arcanjo e da diocese de Castelo Branco*, Castelo Branco.

MATIAS, Cecília (2006) – "Igreja paroquial de Abrantes / igreja de São Vicente", *SIPA*, IHRU, www.monumentos.pt

MATIAS, Cecília (2007) – "Igreja paroquial de Abrantes / igreja de São João Baptista", *SIPA*, IHRU, www.monumentos.pt

MECO, José (2001) – "Contaminações dos materiais e das formas. Arcos triunfais retabulares", *V Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte*, Faro, pp. 311 e 312.

MENDONÇA, Isabel Mayer Godinho (2016) – *Devoção em Viagem*, Lisboa.

MENDONÇA, Isabel Mayer Godinho (2021) – " Os dois retábulos em estuque de Francisco Marca", *Catedral e Museu Diocesano de Santarém*, Santarém, pp. 79 a 88.

MONTEIRO, Patrícia Alexandra Rodrigues (2012) – *A Pintura mural no Norte Alentejo (Séculos XVI a XVIII). Núcleos temáticos da serra de S. Mamede*, tese de doutoramento, Universidade de Lisboa.

MONTEIRO, Patrícia Alexandra Rodrigues (2016) – "Retábulos de alvenaria com policromias no Norte Alente, *Atas do I Simpósio de História da Arte. O retábulo no espaço Ibero-Americano*, 1, Lisboa, pp. 367 a 376.

MOREIRA, Rafael, "A escultura ornamental e os programas protorenascentistas", *História da Arte Portuguesa*, 2, Lisboa, 1995, p. 326.

NIEVES, Roman Hernandez (1991) – *Retablistica de la Baja Extremadura. Siglos XVI-XVIII*, Mérida.

OLIVEIRA, Maria Gabriela Gomes de (1992) – "Uma *irmandade* volante do século XVIII. O folheto *Lágrimas das Almas*", *Línguas e Literaturas. Revesta da Faculdade de Letras do Porto*, II série, vol. IX, pp. 349 a 354.

PATRÃO, José Dias Heitor (1999 - 2000) – "Visitações à igreja de Santa Maria de Marvão", *IBN Marvã. Revista Cultural do concelho de Marvão*, n. º5, pp. 13 a 25.

PATRÃO, José Dias Heitor (2002) – *Portalegre. Fundação da cidade e do bispado. Levantamento e progresso da catedral*, Lisboa.

PIGNATON, Ariadne Barreto (2019) – Os retábulos capuchos das Províncias da Piedade e da Soledade, tese de doutoramento, Universidade do Algarve.

PINA, Fernando Correia (1985) – *Fontes para o estudo da história da arte no distrito de Portalegre. Século XVIII. Concelho de Castelo de Vide*, Portalegre.

RODRIGUES, Jorge e **PEREIRA**, Paulo (1988) – Portalegre, Lisboa.

ROSA, Amorim (1972) – *Anais do Município de Tomar*, 7 (1454 - 1580), 8 (1137 - 1453), Tomar.

SALDANHA, Sandra (2020) – "Valentim, mestre "de outro Valentim": duas oficinas de escultura em Lisboa no século XVIII", *Rossio. Estudos de Lisboa*, n.º 9, Lisboa, pp. 170 a 187.

SANTA ANA, Frei Belchior de (1657) – *Crónica de Carmelitas Descalços, particular do Reino de Portugal e Província de S. Filipe*, Tomo I, Lisboa.

SANTA MARIA, frei Agostinho de (1707) – *Santuário Mariano*, tomo 2, Lisboa

SANTA MARIA, frei Agostinho de (1711) – *Santuário Mariano*, tomo 3, Lisboa.

SERRÃO, Vítor (1983) – "Marcos de Magalhães, Arquiteto e entalhador do ciclo da Restauração (1647 - 1664)", *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, n.º 89, pp. 271 a 330.

SERRÃO, Vítor (1987) – "A atividade do pintor maneirista Luís de Morales em Portugal: novas obras e rastreio de influências", *As relações artísticas entre Portugal e Espanha na época dos Descobrimento*, Lisboa, pp. 9 a 64.

SERRÃO, Vítor (1989) – "Documentos dos protocolos notariais de Lisboa referentes a artes e artistas portugueses (1563 – 1650)", Sep. do *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, III série, n.º 90.

SERRÃO, Vítor (1989a) – "Uma obra-prima da talha do "Estilo Nacional": O retábulo da igreja de Santa Maria da Graça, Setúbal (1697-1700)", Sep. do *Boletim Cultural*, vol. XXVI, n.º 2, Póvoa de Varzim, pp. 637 a 661.

SERRÃO, Vítor (1990) – *Santarém*, Lisboa.

SERRÃO, Vítor (1992) – *A pintura protobarroca em Portugal, 1612-1657,* tese de doutoramento, Universidade de Lisboa.

SERRÃO, Vítor (1995) – *A Pintura Maneirista em Portugal. Arte no tempo de Camões*, Lisboa, pp. 43, 378, 379 e 474.

SERRÃO, Vítor (1998) – "O escultor maneirista Gonçalo Rodrigues e a sua atividade no Norte de Portugal", Sep. da *Revista Museu*, pp. 137 a 173.

SERRÃO, Vítor (2002) – *História da Arte em Portugal. O Renascimento e o Maneirismo*, Lisboa.

SERRÃO, Vítor (2003) – *História da Arte em Portugal. O Barroco*, Lisboa.

SERRÃO, Vítor (2012) – *As igrejas do Salvador, São Tiago e São Pedro de Torres Novas. Arquitetura e equipamentos litúrgicos*, Torres Novas.

SIMÕES, João Miguel Simões (2002) – *Arte e Sociedade na Lisboa de D. Pedro II – Ambientes de trabalho e Mecânica do Mecenato*, dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa.

SMITH, Robert (1962) – *A Talha em Portugal*, Lisboa.

SOTTO MAIOR, Diogo Pereira (1984) – *Tratado da cidade de Portalegre* (1619), Portalegre.

SOUSA, Tude de e **RASQUILHO**, Francisco (1936) – *Amieira do antigo Priorado do Crato (subsídios para uma monografia)*, Figueira da Foz.

VASCONCELOS, padre Inácio da Piedade e (1733) – *Artefactos simétricos e geométricos*, Lisboa.

VASCONCELOS, padre Inácio da Piedade e (1740) – *História de Santarém edificada, que dá notícia da sua fundação e das coisas mais notáveis nela sucedidas*, Lisboa.

VENTURA, Ruy (2013) – *Santo António na região de Portalegre*, Portalegre.

VITERBO, Sousa (1899) – "Subsídios para a História da Escultura em Portugal", *Boletim da Real Associação dos Arquitetos civis e Arqueólogos Portugueses*, Lisboa, pp. 103 e 104.

F I M.





Tomar. Igreja conventual de Santa Iria.
Retábulo-mor.
Foto José Paulo Marques.


REYNO
de
PORTUGAL
Minho R.
Braga
Viana
Barcellos
Ponte de Lima
Meira
Chaves
Bragança
Miranda
TRAS OS MONTES
Villa Real
Alva
Mirandela
Algoso
Porto
Douro R.
Lamego
Aveiro
Vouga R.
Vizeu
BEIRA
Guarda
Coimbra
Mondego R.
Buarco
Leyria
Pinhel
Almeida
Sobradillo
Ciudad Rodrigo
Villar Mayor
Castel Rodrigo
Castel Branco
Coria
Idanha
Portalegre
Alcantara
Valença de Alcantara
Albuquerque
Merida
Elvas
Badajos
Olivença
Jolera
Xerez de Badajos
Cafra
Mourão
Evora
Beja
Serpa
Mertola
Paimogo
Mortigão
Agranja
Cumbre
Elmediano
Sevilla
S. Lucar Mayor
Niebla
Lucena
Moguer
Palos
Lebrixa
Ayamonte
Tavira
Faro
Silves
REYNO do ALGARVE
Lagos
S. Vicente
GOLFO DO CADIZ
Setuval
Lisboa
Cascaes
Belem
Almada
Palmela
Aldeagalega
Alcacer do Sal
Oriola
Melides
Sines
S. Giraldo
Villa Nova de Milfontes
Odemira
Pereiras
Castro Verde
Ourique
Castro Marim
Alcoutim
S. Lucar de Guadiana
Portimão
Lagos
Sagres
Cabo de S. Vincente
Cabo de Espichel
Cabo da Roca
Cabo de Cruz
Cabo de Sagres
Cabo de Santa Maria
Cabo de Gibraltar
Cabo de Trafalgar
Cabo de Tarifa
Cabo de Malabata
Cabo de Ceuta
Cabo de Almina
Cabo de Tres Forcas
Cabo de Tres Puntas
Cabo de Tres Puntas
Cabo de Tres Punt

ALTAR

Altar
Redenção, sacrifício, perdão
viagem milenar de cinzas estelares
do Homem Novo sempre renascido
em ti, em mim, no pequeno pardal
cuja condição, ainda que moribundo,
se conjuga no verbo voar.

Altar
Amor
que deste a mão à dor
Rima imperfeita com lealdade
Poema completo somente em liberdade.
Amor, arte total,
no azul e ouro
das igrejas deste imenso Portugal
de um povo em diáspora
nos confins do além
sonhou-se sem fronteiras
recusando o limite do aquém.

Altar
Amor
Ponte de um rio sem margens
que no namoro com o mar
na loucura do naufrágio
Encontra o Farol e é navegar.

Altar
Dor
de um Sísifo feliz
quando na íngreme encosta
de tormentosa dificuldade
se defrontou com os deuses
escudando-se apenas na sua Humanidade.



Santarém. Capela Dourada.Foto Miguel Cardoso - Santa Casa da Misericórdia de Santarém

Mapa da página anterior: Fonte CASTRO, 1762, 1, p.0.

